



Histórias paralímpicas

Cinco histórias esportivas paralímpicas. Cinco contextos de títulos e de vitórias. A Paraíba é celeiro de paratletas e livro lançado por A União resgata alguns desses feitos incríveis. [Página 21](#)

As conquistas e os desafios dos transplantes na Paraíba

Número de procedimentos aumentou 200% em 2019, mas recusa dos familiares de possíveis doadores ainda chega a 70%. [Páginas 17 e 18](#)

Entrevista



Laurentino Gomes fala sobre os impactos da escravidão

Escritor já vendeu mais de 2,5 milhões de livros e estará na Paraíba nesta semana para o seu mais novo lançamento, sobre a escravidão no Brasil. [Páginas 3 e 4](#)

Almanaque

Bando de Lampião teve cabeças expostas até 1969

Enterro total dos corpos só aconteceu vários anos após o fim do bando e apenas por causa de uma ação judicial. Desfecho da história completou meio século em 2019. [Páginas 25 e 26](#)



A volta ao mundo de uma 'Pacarrete' paraibana

Atriz Marcélia Cartaxo comemora o bom momento da carreira e o sucesso de seu novo filme e segue agenda de viagens e conquistas de prêmios por vários países. [Página 9](#)



Seguro animal Cada vez mais rentável no Brasil, mercado de animais de estimação chama a atenção das seguradoras. [Páginas 5 e 6](#)

DOAÇÃO DE LEITE MATERNO



Banco de Leite Humano
Anita Cabral (83) 3215-6047

Kubitschek Pinheiro

Noventa anos na ribalta

A maior atriz brasileira segue rumo ao centenário, de pé, na ribalta. A primeira vez que a viu foi na peça "Dona Doida", no Teatro Paulo Pontes, nos anos 90. No palco Fernanda (Montenegro) fazia o papel dela e da escritora Adélia Prado. No caso, uma atriz consagrada e uma escritora e poeta, mundialmente reconhecida, Dona Prado. [Página 10](#)

No Caderno Pensar, o tema é longevidade

É fato: o brasileiro está vivendo cada vez mais. E agora o desafio é dar mais qualidade de vida aos idosos. [Páginas 29 a 32](#)



Editorial

Antecipar-se

A necessidade de se aprofundar as raízes com vistas a se desenvolver e fortalecer uma cultura preventiva nacional está cada vez mais evidente, principalmente em virtude dos gravíssimos desastres ambientais que se sucedem em prazos cada vez menores, porém de maior extensão.

Não se concebe, por exemplo, que uma empresa da dimensão da Vale exerça suas atividades (de risco) no campo da mineração sem um rigoroso esquema de prevenção contra acidentes, monitorado pelos poderes públicos. Se havia, não funcionou, e a culpa, a rigor, não recai exclusivamente sobre a empresa.

Os lençóis de óleo cru que provavelmente alguma empresa de transporte de petróleo, certamente de maneira criminosa, estendeu sobre os mares do Litoral nordestino, revelam da mesma forma a precariedade dos procedimentos de defesa também em relação ao já poluído meio ambiente marinho.

O estabelecimento de protocolos de segurança mais rígidos e proativos, e não reativos, como verifica-se hoje em escala nacional, com as exceções de praxe, vale não só para o meio ambiente, como também para a construção civil e diversas outras práticas sociais relacionadas à indústria e ao comércio.

A ocupação das chamadas áreas de risco (barreiras etc.) por pessoas de baixa ou nenhuma renda fixa é um grave problema social brasileiro. Se por um

lado é a expressão mais clara da desigualdade econômica e do déficit habitacional, por outro demonstra que houve algum tipo de frouxidão na fiscalização.

É aquela antiga regra ou velha história: primeiro se permite que milhares de pessoas ocupem paulatinamente áreas perigosas, para depois, notadamente por ocasião de acidentes que aconteceram ou estão na iminência de acontecer, tentar removê-las, às vezes com confrontos desnecessários.

Essa mesma “lógica” parece valer também para o comércio ambulante, seja nas ruas, seja nas praias. Para remediar a escassez de emprego, homens e mulheres vão marcando presença de modo ilegal nos espaços públicos, vendendo de um tudo, até serem intempestiva e literalmente varridos em nome da lei.

O investimento em ações antecipatórias acentua-se como um dos principais fundamentos de gestão, tanto na esfera pública como privada. Isso exige visão, ou seja, a capacidade de análise minuciosa de problemas no momento que estes começam a tomar forma, facilitando assim respostas imediatas.

Os depoimentos de vítimas ou de familiares e amigos de padecentes, em primeiro lugar, mas também os prejuízos materiais, demonstram que o Brasil está cansado de catástrofes e clama por medidas profiláticas, de maneira geral, que rompam com a cadeia de tragédias que traumatiza a nação.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Lembranças e saudades

A Semana do Médico terminou ontem e não estive em nenhum consultório da cidade. Nem para apanhar receita. Hipocondríaco, eu?! Imagina! Talvez até pudesse me enquadrar na categoria, devo

“Sendo meu pai porteiro do Tribunal de Justiça, recebia eu o mesmo tratamento dado a filho de desembargador”

esclarecer, menos por compulsão do que por patologias que andam comigo. Aliás, adianto que é proposital a menção à roça de Gonzaga Rodrigues (“Um sítio que anda comigo”, 1998). Ou vocês conhecem adepto da hipocondria mais atuante do que ele? Lembro-me muito bem de que em uma ida a São Paulo, na década de 1980, me puxou pelo braço, em plena Avenida Paulista, adentrou uma farmácia e perguntou ao primeiro atendente: “Qual é a novidade que vocês têm aí para dor na coluna?” Solícito, o rapaz nos encaminhava ao farmacêutico que, criterioso, quis saber: “O sr. está sentindo a dor em que segmento? Na parte cervical ou na lombar?” Para espanto do profissional, o candidato a cliente foi curto e grosso: “Nem uma coisa nem outra. Quero só me prevenir para a próxima crise”. A coluna vertebral de Gonzaga tem razões que a própria coluna dele no jornal desconhece. O cronista **d'A UNIÃO** não chega a se manifestar propriamente como o poeta de Fernando Pessoa, mas finge a dor que só mais tarde poderá sentir.

Bom, mas eu comecei a falar sobre a recém-finda Semana do Médico, evento que me fez voltar à infância e também a repassar na memória alguns momentos marcantes em minha vida de paciente. E haja vida de paciente! Criança, venci uma asma graças aos cuidados do velho dr. João Medeiros, apóstolo da medicina numa época em que a medicina era apostolado. Cuidados, preciso ressaltar, sublinhados por dádiva obsequiosa com o mesmo afeto conferido a filhos de abastados. Sendo meu pai porteiro do Tribunal de Justiça,

recebia eu o mesmo tratamento dado a filho de desembargador

Na adolescência, uma úlcera duodenal por pouco não comprometeu os melhores anos da minha vida. Na verdade, comprometeu, sim, pois me privou, entre outras coisas, de saborear as primeiras cervejinhas que colegas do Liceu já sorviam em bares de seus bairros de origem. Também entre a gloriosa turma da Rua da Palmeira, cheguei a fazer papel de patinho feio, por compulsória abstinência alcoólica, em luau na Praia de Tambaú ou excursões ao Engenho São Paulo, em Cruz do Espírito Santo. E quando me enturmei, de uma forma ou de outra, com Biu Ramos, Ipojuca Pontes, Luiz Crispim, Luiz Ferreira, Marcos Tavares, Noaldo Dantas, Otinaldo Lourenço, Paulo Melo e outros aficionados da água que passarinho não bebe? Ai, amigos, começaram a me acudir doutores que junta médica nenhuma conseguiria reunir. Foram tantos e tantos amigos médicos que me ajudaram a vencer até dois cânceres simultâneos que não correei o velho risco da omissão de nomes. Distingo minha gratidão à doutora Anleida de Almeida Roque, cuidadora dos meus primeiros filhos e que continua exercendo seu ofício na emblemática Amip, mas, por absoluta falta de espaço, elejo dois grandes amigos (entre dezenas) para marcar essa homenagem fora de tempo à Semana do Médico: Joãozinho Medeiros e Manuel Jaime de Xavier Filho, este, conhecedor de todos os meus males e presença sedativa em momentos de dor, angústia e aflição pelos quais tenho passado. Que estejam neles representados os meus protetores de jaleco aos quais associo a lembrança de José Eymard, Lindbergh Farias, Hugo Guimarães, Paulo Soares e outras saudades.

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

“LADY” CORRE RISCO DE MORTE NA BICA...



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com **Humor**

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

A AGRICULTURA FAMILIAR E A ECONOMIA REGIONAL

Foto: Divulgação

Em março deste ano, o governador João Azevêdo (PSB) lançou o Programa Paraíba Rural Sustentável, que é executado pelo Cooperar, e tem como meta facilitar o acesso à água, reduzir a vulnerabilidade agroclimática e aumentar o acesso a mercados da população rural da Paraíba. O programa, que terá investimento de R\$ 300 milhões — parte é de recursos próprios do estado e parte fruto do empréstimo feito no Banco Mundial —, é direcionado às famílias paraibanas que trabalham com a agricultura familiar, segmento em que o Governo do Estado vem investindo nos últimos anos para estimular o desenvolvimento local, o associativismo e o cooperativismo no interior — o Estado, por exemplo, adquire produtos da agricultura familiar para unidades de saúde. Pois bem. Agora, um projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados poderá ampliar o mercado para famílias que lidam com a agricultura familiar. Já aprovado na Comissão de Defesa do Consumidor da Casa, a proposta do deputado federal Frei Anastácio (foto), do PT, estabelece que 15% dos alimentos vendidos em supermercados, supermercados e estabelecimentos similares sejam oriundos da agricultura familiar. “Permitirá que a agricultura familiar tenha um fortalecimento importante para a geração de renda e desenvolvimento da economia no interior do país. Mais de 70% dos alimentos que chegam à mesa do brasileiro, vem da agricultura familiar”, ressaltou o parlamentar petista.



DIZ QUE NÃO SABIA

A Veja registra que começou a retaliação do governo a deputados do PSL que não apoiaram Eduardo Bolsonaro para líder da legenda na Câmara dos Deputados — vão perder a indicação de cargos federais nos estados. Entre estes, estaria Julian Lemos. O parlamentar, porém, justificou que nem sabia que Eduardo era candidato.

BASE DA ECONOMIA

Dados do Censo Agropecuário de país mostram que a agricultura familiar é a base da economia de quase 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. E tem mais: 40% da população economicamente ativa do país tem renda proveniente da agricultura familiar, o que corrobora a importância do segmento para o desenvolvimento regional.

NOVA ESCOLA

O governador João Azevêdo (PSB) anunciou, durante a entrega da Casa da Cidadania de Mamanguape, no Litoral Norte do Estado, que o governo vai construir uma nova escola no município. O gestor estadual, inclusive, assinou um termo de compromisso com a prefeitura para a construção da unidade, que terá seis salas de aula. Será um investimento de R\$ 1,1 milhão.

A PREFERIDA

Em que pese a harmonia que paira nas hostes do PT, no que diz respeito às suas eleições internas, há uma minoria que defende o nome de Fernando Haddad para assumir a presidência do partido. Porém, Gleisi Hoffmann deverá ser reconduzida ao comando, por um motivo relevante aos olhos dos militantes: é a preferida de Lula para o cargo. E não se fala mais nisso. A eleição ocorrerá em novembro, em São Paulo.

CIDADÃO DE JP

E Adriano Galdino (PSB) receberá, na segunda-feira, o título de cidadão pessoense da Câmara Municipal de João Pessoa, por proposição do vereador Dinho (PMN) — o presidente da ALPB nasceu em Campina Grande, mas fez carreira política em Pacinheiros, onde foi prefeito. Detalhe: a entrega da honraria acontecerá na plenária da Assembleia.

TRANSPARÊNCIA: ALPB DIVULGARÁ GASTOS ONLINE

Até no dia 30 deste mês, a ALPB vai disponibilizar online para o público — e para os órgãos de controle — todos os gastos do Legislativo referente ao mês de outubro. “É uma obrigação legal e vamos cumpri-la de forma clara e objetiva”, disse o presidente Adriano Galdino, ressaltando que os 36 deputados têm prazo de 90 dias para informar, também online, os gastos de seus gabinetes, mostrando quem trabalha, quanto ganha e a função que exerce. A partir de agora, esse procedimento será regra.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

Alblegé Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Philipe Caldas

GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circuloaouniao@gmail.com (Assinaturas)

OUVIDORIA:
99143-6762

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com

Escravidão no Brasil ainda gera impactos na sociedade

Escritor Laurentino Gomes dedica-se ao tema e lança na Paraíba livro de uma trilogia que traz revelações estarrecedoras

Rosa Aguiar

rosacdaguiar@gmail.com

Ele vendeu mais de 2,5 milhões de livros no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos contando como foi a história do Brasil. Agora, o escritor Laurentino Gomes dedica-se a um tema tabu na sociedade brasileira: a escravidão. O primeiro livro de uma trilogia já traz revelações estarrecedoras. Laurentino Gomes vem lançar o livro "Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares" em João Pessoa, Areia e Bananeiras. O Brasil recebeu cinco milhões de escravos, foi o último a abolir o cativo. Nesta entrevista exclusiva ele fala sobre o impacto que a escravidão teve e ainda tem na sociedade brasileira.

Como aconteceu o estalo para dedicar os próximos livros à escravidão?

- Escrever sobre a história da escravidão no Brasil foi uma decorrência natural da minha primeira trilogia de livros. Nos três livros anteriores, 1808, 1822 e 1889, eu procurei explicar as três datas fundamentais para a construção do Brasil como nação independente no século 19. Essas datas ajudam a explicar a maneira como nos constituímos do ponto de vista legal, institucional e burocrático. Mas não são suficientes para entender os aspectos mais profundos da nossa identidade nacional. Para isso é preciso ir além da superfície, observar o que fizemos aos nossos índios e negros, quem teve acesso às oportunidades e privilégios ao longo da nossa história e como a sociedade e a cultura brasileiras foram se moldando desde a chegada de Pedro Álvares Cabral à Bahia até os dias de hoje. Ao fazer isso, eu me dei conta de que o assunto mais importante da nossa história não são os ciclos econômicos, as revoluções, o império ou a monarquia. É a escravidão. O trabalho cativo deu o alicerce para a colonização portuguesa na América e a ocupação do imenso território. Também moldou a maneira como nos relacionamos uns com os outros ainda hoje. Neste início de século 21, temos uma sociedade rica do ponto de vista cultural, diversificada e multifacetada, mas também marcada por grande desigualdade social e manifestação quase diárias de preconceito racial. Isso, no meu entender, é ainda herança da exploração desumana, cruel e indigna do trabalho de milhões de pessoas forçadas a cruzar o Oceano Atlântico a bordo dos navios negreiros para viver como cativas no Brasil colônia. No final do século 17, o padre jesuíta Antônio Vieira cunhou uma frase famosa. "O Brasil tem seu corpo na América e sua alma na África", afirmava ele. No meu entender, é uma frase profética, que se torna cada vez mais verdadeira com o passar do tempo. E continua atual ainda hoje. O Brasil foi o maior território escravagista do Hemisfério Ocidental. Recebeu quase cinco milhões de cativos africanos, cerca de 40% do total de doze milhões embarcados para as Américas. Como resultado, tem hoje a maior população negra do mundo, com exceção apenas da Nigéria. Foi também o país que mais tempo resistiu a acabar com o tráfico negreiro e o último a abolir o cativo-

ro, pela Lei Áurea de 1888 - quatro anos depois de Porto Rico e dois depois de Cuba. A escravidão foi a experiência mais determinante na história brasileira, com impacto profundo na cultura e no sistema político que deu origem ao país depois da Independência. Nenhum outro assunto é tão importante e tão definidor para a construção da nossa identidade.

Por que o Brasil tem tanta dificuldade de falar sobre a escravidão?

- A escravidão é um tema doloroso, repleto de sofrimento e crueldade. Por isso, precisamos estudar e refletir sobre o que aconteceu. Ao contrário do que se imagina, esse não é um assunto acabado, bem resolvido e congelado no passado. Ainda está vivo entre nós, como se pode ver nos discursos de campanha eleitorais e nas

discussões diárias que aparecem nas redes sociais.

O preconceito é uma das marcas das nossas relações sociais no Brasil, embora sempre procuremos disfarçá-lo construindo mitos a respeito de nós mesmos. Um desses mitos dizem que somos uma 'democracia racial' e que a escravidão entre nós foi mais benévola, patriarcal e tolerante do que em outros territórios da América. Tudo isso é ilusório e desmentido pelas estatísticas, que mostram um fosso enorme de desigualdade entre negros e brancos no país em todos os itens analisados. Os descendentes de africanos ganham menos, moram em lugares mais insalubres, estão mais expostos aos efeitos da violência e da criminalidade e tem oportunidades em todas as áreas, incluindo emprego, saúde, educação, segurança, saneamento, moradia e acesso aos postos da administração pública. Um homem negro-

no Brasil tem oito vezes mais chances de morrer vítima de homicídio do que um homem branco. Esse é um legado da escravidão, mal resolvido no passado e que ainda hoje tentamos negar. Portanto, tudo o que fomos no passado, o que somos hoje e o que seremos no futuro tem a ver com as nossas raízes africanas e a forma como nos relacionamos com elas.

Já li que os negros escravizavam os negros e começaram daí o tráfico com brancos. Foi isso mesmo?

- Estuda-se e discute-se pouco o papel dos próprios africanos no processo de escravização. Há uma ênfase muito grande no papel dos europeus, dos traficantes e dos compradores de cativos na América. Desse modo, os africanos são apontados como unicamente vítimas do regime escravista. De fato, pelo menos 12,5 milhões de cativos foram vítimas do tráfico na África. A escravidão distorceu a maneira como as sociedades africanas se organizavam. O tráfico de escravos drenou uma quantidade inacreditável de recursos humanos do continente africano, distorceu a economia e as relações de poder nas sociedades afetadas pelo comércio de cativo. Regiões inteiras do continente foram redeseenhadas em razão do tráfico de escravos. As marcas dessa história ainda estão bem presentes lá. Mas, em meio a toda essa dor e sofrimento, há ainda uma lacuna que precisa ser preenchida, e que diz respeito ao papel dos chefes da elite militar africana que, durante mais de três séculos, aliaram-se aos traficantes europeus e brasileiros, capturaram escravos no interior do continente e os venderam no Litoral, para os capitães dos navios negreiros que cruzavam o Oceano Atlântico com escravos a bordo. E se enriqueceram muito com isso. Grande parte da elite africana atual é herdeira desses comerciantes de escravos nativos. Isso se discute muito pouco, tanto na

África quanto no Brasil, ou em Portugal. Um problema é que a participação dos africanos no tráfico de escravos se tornou um tema politicamente explosivo no Brasil e em Portugal. Durante a campanha eleitoral de 2018 discutiu-se muito se os portugueses entravam na África para capturar escravos ou se africanos escravizavam africanos. Obviamente, os portugueses entravam, sim, na África. Ocuparam e colonizaram Angola, um território enorme, para abastecer o tráfico negreiro. Mas essa discussão pode ter consequências políticas muito ruins. Muita gente afirma que, se os africanos participaram e lucraram com a escravidão, não haveria razão para manter no Brasil, por exemplo, um sistema de cotas de inclusão dos afrodescendentes em escolas ou postos da administração pública. A chamada "dívida social" brasileira em relação aos descendentes de escravos estaria anulada pelo fato de os africanos serem corresponsáveis pelo regime escravista. Desse modo, não haveria porque indenizá-los ou compensá-los pelos prejuízos sociais e históricos decorrentes disso. Tudo isso é muito injusto porque, obviamente, não se pode culpar os escravos pela própria escravidão. O fato de chefes africanos terem participado do tráfico nada tem a ver com a enorme dívida social e real que o Brasil tem com os seus afrodescendentes. Basta ver as estatísticas, onde a nossa população negra aparece como a parcela da sociedade com menos oportunidades e a que mais sofre com a desigualdade social crônica brasileira. Precisamos corrigir isso urgentemente. E não podemos nos esconder atrás de falsas e incorretas discussões a respeito de fatos históricos.

Continua na página 4



O escritor Laurentino Gomes lançará "Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares" em João Pessoa, Areia e Bananeiras

Desafio que, 130 anos após a Lei Áurea, o país não resolveu

Joaquim Nabuco dizia que o Brasil estava condenado a continuar no atraso enquanto não resolvesse a herança escravocrata

Rosa Aguiar
rosacdaguiar@gmail.com

Você diz que esse é um passivo que o Brasil não conseguiu resolver...

- O grande abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco dizia que o Brasil estava condenado a continuar no atraso enquanto não resolvesse de forma satisfatória a herança escravocrata. Para ele, não bastava libertar os escravos. Era preciso incorporar-os à sociedade como cidadãos de pleno direito. O regime de escravidão, dizia, corrompia tudo e impedia que a sociedade evoluísse. 'A escravidão não consentiu que nos organizássemos e sem povo as instituições não têm apoio, a sociedade não tem alicerce', escreveu. É um desafio que, 130 anos depois da Lei Áurea, o Brasil ainda não conseguiu resolver. Liberdade nunca significou, para os ex-escravos e seus descendentes, oportunidade de mobilidade social ou melhoria de vida. Nunca tiveram acesso a terras, bons empregos, moradias decentes, educação, assistência de saúde e outras oportunidades disponíveis para os brancos. Nunca foram tratados como cidadãos. Os resultados aparecem nas estatísticas a respeito da profunda e perigosa desigualdade social no país.

Não falamos, não estudamos a história da África, não temos museu. Isso não é estranho?

- Até muito recentemente, a escravidão era tratada como tema secundário, quase casual, nos livros didáticos e a historiografia oficial. Até hoje não temos no Brasil um grande museu nacional dedicado ao tema. Isso não aconteceu por acaso. É resultado de um projeto nacional inconsciente, mas deliberado, com o objetivo de esquecer o assunto. Até alguns anos atrás, tornou-se ideia comum de que os documentos da escravidão teriam sido destruídos e mal conservados, o que torna o estudo do tema difícil, quando não impossível. Isso é verdade apenas em parte. De fato, parte da documentação histórica, relacionada aos registros de compra e venda de escravos na antiga Alfândega do Rio de Janeiro, foi destruída por ordem de Rui Barbosa, então ministro da Fazenda, logo depois da Proclamação da República. Com essa medida, os republicanos queriam, segundo se dizia na época, "apagar uma mancha" na história brasileira, o que, obviamente, foi inútil porque a "mancha" nunca se apagou. Mas, apesar disso, restaram inúmeras outras fontes preciosas, relativamente intactas e pouco exploradas. Isso inclui inquéritos policiais e processos na Justiça envolvendo escravos e seus senhores, testamentos e inventários pós-morte, certidões de batismo, casamento e óbito, em anúncios de fuga ou de compra e venda de cativos registrados nos jornais da

época ou em documentação cartorial. Existem também depoimentos de viajantes que visitaram o Brasil na época e deixaram preciosos relatos a despeito da escravidão. Tudo isso tem ajudado os historiadores a reconstruir nos mínimos detalhes essa grande história brasileira de dor e sofrimento.

A sua pesquisa durou seis anos e em doze países. Que dados foram mais chocantes para você?

- Um detalhe que me chamou muito a atenção, e também me deixou assustado, diz respeito aos altos índices de mortalidade do tráfico de escravos e ao comportamento dos tubarões que seguiam as rotas dos navios negreiros. Durante mais de três séculos e meio, o Atlântico foi um grande cemitério líquido. Pelo menos 1,8 milhão de cativos morreram durante a travessia e foram sepultados no mar. Isso significa que, sistematicamente, ao longo de todo esse período, em média, quatorze escravos foram lançados da amurada de um navio todos os dias. Por essa razão, os navios que faziam a rota África-Brasil eram chamados de "tumbeiros", ou seja, tumbas flutuantes. Os cadáveres eram então atirados por sobre as ondas, sem qualquer cerimônia, às vezes sem ao menos a proteção de um pano ou lençol, para serem imediatamente devorados pelos tubarões e outros predadores marinhos. Segundo inúmeras testemunhas da época, mortes tão frequentes e em cifras tão grandes fizeram com que esses grandes peixes mudassem suas rotas migratórias, passando a acompanhar os navios negreiros na travessia do oceano, à espera dos corpos que seriam lançados sobre as ondas. Esses rituais eram parte da rotina a bordo.

Por que o Brasil resistiu tanto tempo para acabar com a escravidão?

- O Brasil foi construído por escravos. Todos os nossos ciclos econômicos e todas as fases mais importantes da história brasileira até o final do século XIX tiveram como alicerce a escravidão. Isso explica porque demoramos também a acabar com o comércio de pessoas escravizadas, como se fossem mercadorias, entre nós. Discursos e artigos de jornais até às vésperas da Lei Áurea, de treze de maio de 1888, previam que o Brasil não conseguiria sobreviver sem a exploração da mão de obra cativa. Viciado em escravidão, o Brasil resistiu enquanto pode aos esforços abolicionistas. Em meados do século 19, a situação chegou a tal ponto que a Inglaterra, maior potência econômica e militar do planeta e cuja opinião pública exigia a imediata abolição do tráfico negreiro, passou a dedicar ao Brasil tratamento equivalente ao reservado aos estados barbarescos do Norte da África envolvidos com a pirataria. Sob a mira dos canhões britânicos, navios ne-

greiros eram aprisionados a caminho do Litoral brasileiro e submetidos a cortes de justiça inglesas, que geralmente confiscavam as embarcações e devolviam suas cargas humanas ao Litoral africano. Nada disso parecia amedrontar os traficantes. A primeira lei brasileira de combate ao comércio negreiro, aprovada em 1831 por pressão do governo britânico, nunca pegou. Era, como se dizia na época, "uma lei para inglês ver". Mesmo oficialmente proibido no país e condenado por tratados internacionais, o tráfico continuou de forma intensa e sob as vistas grossas das autoridades. Calcula-se que entre 1840 e 1850, ano da chamada Lei Euzébio de Queiroz (que finalmente pôs fim ao tráfico) entraram no Brasil, em média, de 30.000 a 40.000 escravos africanos por ano. O tráfico de escravos era um negócio gigantesco, que movimentava centenas de navios e milhares de pessoas dos dois lados do Atlântico. Incluía agentes na costa da África, exportadores, armadores, transportadores, seguradores, importadores, atacadistas que revendiam no Rio para centenas de pequenos traficantes regionais, que, por sua vez, se encarregavam de redistribuir as mercadorias para as cidades, fazendas, minas do interior do país. Em 1812, metade dos 30 maiores comerciantes do Rio de Janeiro se constituía de traficantes de escravos.

Depois do fim da escravidão, os negros foram largados a própria sorte. Atualmente cotas e ações afirmativas tentam colocá-los em melhores condições. Como analisa isso?

- Eu sou a favor das cotas. A começar pelo seu caráter simbólico. Mais de um século depois da Lei Áurea, é a primeira vez que o Brasil, sob um regime democrático, tenta implantar políticas públicas destinadas a enfrentar o legado da escravidão. O regime de cotas é polêmico, aqui e em qualquer outro lugar do mundo, mas representa um esforço genuíno de enfrentar um problema com o qual o Brasil nunca se preocupou antes. A escravidão na América acabou, legalmente e formalmente, em maio de 1888. Mas, infelizmente, continua a existir, no Brasil e no mundo todo sob outras formas mais sutis e disfarçadas de exploração do trabalho, desumanas, indignas e inaceitáveis para os padrões éticos que julgávamos ter atingido neste início de século 21. Isso atinge especialmente a nossa população afrodescendente e faz com que, por exemplo, nas 500 maiores empresas que operam no Brasil, apenas 4,7% dos postos de direção e 6,3% dos cargos de gerência sejam ocupados por negros. Os brancos são também a esmagadora maioria em profissões qualificadas, como engenheiros (90%), pilotos



Foto: Folhapress

O escritor Laurentino Gomes já vendeu mais de 2,5 milhões de livros no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos

de aeronaves (88%), professor de Medicina (89%), veterinários (83%) e advogados (79%). Temos que encarar o racismo de frente como os americanos fazem hoje. As cotas raciais para descendentes de africanos e postos

de administração pública são um importante mecanismo de correção de injustiças e desníveis de oportunidades entre os brasileiros. Nós nunca vamos ter um país descende, enquanto nós não dermos as mesmas oportunidades

para a população afro-brasileira se expressar na sua plenitude nos seus talentos e vocações. Mais do que o pagamento de uma dívida histórica, portanto, as cotas são um importante investimento no futuro do Brasil.

TEMPORADA 2019
PALCO TABAJARA
O SOM DA PARAIBA
USINA ENERGISA. ENTRADA GRATUITA
SEMPRE ÀS TERÇAS. 20H

08. OUT CABURÉ + OS GONZAGAS
09. NOV NATHALIA BELLAR + BANDA VENCEDORA DO ROCK DE GARAGEM
13. DEZ FUBA + SAMBA DE PRAIA
18. NOV ESCURINHO CABRUERA
22. OUT BERIMBAOBAS QUADRILHA

APRESENTAÇÃO REPORTAGEM
DÉBORA FERREIRA E VAI BOMBAO ALLIBRETTI

APRIL ENERGISA
REALIZAÇÃO
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO
GOVERNO DA PARAIBA
SEGUIE o Trabalho



Foto: Divulgação

Quando o amor aos animais atrai o mercado de seguros

Segmento pet representa 0,36% do PIB nacional e supera ramo de utilidades domésticas e de automação industrial

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Desde que chegou à casa da administradora de empresa Emanuelle Coutinho há pouco mais de um ano, o cãozinho Paçoca já foi conquistando a todos. Companheiro fiel, o animal é considerado um membro da família e recebe todo cuidado que merece. Passeios à beira-mar da orla de João Pessoa, brinquedos para se distrair, alimentação balanceada, visitas ao veterinário e ao pet shop, além de muita atenção. “É como um filho e está sempre perto de mim com aquele olhar amoroso”, diz Emanuelle.

Paçoca, da raça shih tzu, é o primeiro pet que Emanuelle cuida, aliás, o animalzinho foi um presente de aniversário para Aimée, 9 anos, filha da administradora. A criança também adora brincar com o animal. “Mas fui eu quem acabou se apegando demais a ele”, confessou Emanuelle.

O cuidado especial que muitos pets recebem hoje em dia era difícil encontrar há alguns anos e, em décadas atrás, praticamente, impossível. Mas, como diz o conselheiro de Comércio e Serviços do Instituto Pet Brasil (IPB), Nelo Marraccini, os pets estão deixando de ficar somente nos quintais das casas. “Essa transformação é muito positiva para o mercado, e traz benefícios, porque altera a relação entre humano e animal de estimação”, declara Marraccini.

E o mercado já “abraçou” esse filão. O IPB mostra que o segmento pet representa 0,36% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, fatia grande o suficiente para superar os segmentos de utilidades domésticas e de automação industrial. A previsão para este ano é de um faturamento de R\$ 36,2 bilhões, uma alta de 5,4% sobre 2018. Se a expectativa deste ano se consolidar, o mercado pet alcançará no país uma expansão de 49% em sete anos.

Esse desempenho coloca o Brasil como o segundo principal mercado pet do planeta, com participação de 5,2% na escala global, enquanto o Reino Unido e a Alemanha o acompanham de perto, com participação de 4,9% cada. Os Estados Unidos lideram o ranking, com 40% do faturamento.

Um dos serviços que desponta neste segmento é no ramo de seguros. Quando o cãozinho Paçoca ficou doente, Emanuelle contou com a assistência incluída no seu seguro de vida. “Para mim esse serviço voltado para animais de estimação é muito útil. Quando fui renovar meu seguro de vida optei por uma assistência veterinária melhor; que dava direito a um número maior de consultas emergenciais. Apesar de ser mais caro, vale muito a pena”, garantiu Emanuelle, que paga mensalmente R\$ 31,10 pelo seu seguro de vida.

A administradora Emanuelle e o cão Paçoca, companheiro fiel e membro da família



Bem-estar

A assistência pet que vem atrelada a um seguro, seja de vida, residencial ou outra modalidade, é um passo importante para instituições que, por enquanto, não investem diretamente neste nicho. O seguro de vida de Emanuelle foi o BB Seguro Vida Estilo, do Banco do Brasil, voltado para mulheres entre 18 e 70 anos, que oferece assistência veterinária. Além do Banco do Brasil, esse acessório também pode ser encontrado em outras empresas como o Bradesco e a Caixa Econômica Federal.

O superintendente comercial do Banco do Brasil, Adriano Maia, explicou que a cobertura pet foi incluída no BB Seguro Vida Estilo porque é uma assistência que o cliente valoriza. O bem-estar do animal foi considerado no contexto da satisfação da família. “Essa é uma das assistências do BB Seguro Vida Estilo com um limite de consulta veterinária de até R\$ 140.

Apesar do produto principal ser o seguro de vida, esse acessório é valorizado pelos clientes que têm animais de estimação”.



Fotos: Ortilio Antônio

Aimée ganhou o cão de presente no dia de seu aniversário

Outras instituições financeiras também não têm um seguro específico para animais de estimação, mas nem por isso deixam os clientes sem assistência pet. Um exemplo é a Caixa Econômica Federal. No seguro residencial Caixa vem embutido o serviço de transporte veterinário emergencial para cães e gatos, além de consultas na Rede Credenciada Tempo USS, hospedagem, aplicação de vacinas em casa, atendimento veterinário por telefone e outras facilidades.

Referência

Mas quando se fala em seguro pet, uma das referências no Brasil é a Porto Seguro, que disponibiliza o Health for Pet. O plano de saúde, direcionado exclusivamente para cachorros e gatos, tem cinco tipos de coberturas: Pet Basic, Pet Light, Pet Plus, Pet Total e Pet Premium. Os valores variam de R\$ 73,64 a R\$ 491,83 mensais e incluem desde atendimento ambulatorial, cirurgia e internação até serviço de concierge. Apesar de ser um dos principais do país, não abrange todos os estados. Está presente em algumas cidades de estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

CONCENTRAÇÃO DE PETS POR REGIÃO NO BRASIL

- Sudeste – 47,4%
- Nordeste – 21,4%
- Sul – 17,6%
- Centro-Oeste – 7,2%
- Norte – 6,3%

Fonte: Instituto Pet Brasil (IPB)

+ “Sentimento é que vai movimentar esse negócio”, afirma professor

Apesar do mercado de animais de estimação registrar crescimento e ter participação significativa no PIB brasileiro, o serviço de seguros voltados para este nicho ainda está numa fase embrionária, comparado a outros países do mundo. A boa notícia é que há expectativa de expansão.

O corretor que deseja vender o produto deve entender as necessidades do cliente e ter sensibilidade para perceber a relação de afeto entre ele e os pets. “Afinal de contas, o pet é praticamente um parente e quando eles se vão é uma dor muito grande. O sentimento é que vai movimentar esse

negócio”, ressaltou Bruno Kelly, professor da Escola Nacional de Seguros.

Para o professor, as expectativas sobre esse mercado são boas por dois fatores principais: há uma população de pets que cresce significativamente e uma demanda reprimida em relação a esse produto. “A expectativa de crescimento é a melhor possível para os próximos anos”, frisou Kelly.

O professor ainda resalta que há possibilidade de diversificação do negócio, porque o que há no Brasil é, basicamente, seguro para cães e gatos, mas segundo Bruno Kelly, essa realidade pode ser diferente no futuro. O

que vai definir a mudança é a presença da demanda para sustentar a oferta.

Susep

O seguro voltado para pets está em um processo tão inicial no Brasil que segundo a Superintendência de Seguros Privados (Susep) não há como estratificar dados especificamente deste segmento. Isso porque conforme a circular SUSEP N° 571/2018, existe o seguro voltado para animais que abrange tanto os domésticos, como os de elite e os classificados como para segurança.

Continua na página 6



Foto: Divulgação

Bruno Kelly, professor da Escola Nacional de Seguros

Receios de perda motivam pessoas a comprar proteção

Para atuário, clientes que contratam o serviço de seguro são geralmente aquelas que possuem um perfil avesso ao risco

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Docente, membro do Instituto Brasileiro de Atuária (IBA), doutorando em Demografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Victor Hugo Dias Diógenes faz uma análise sobre

os motivos que levam uma pessoa a “comprar proteção”, seja para ela, um bem material ou mesmo animal de estimação. Sempre bem informado sobre o dinamismo do mercado, o professor fala sobre os motivos que impulsionaram o surgimento do Seguro Pet. Acompanhe a entrevista.

A entrevista

- Por que as pessoas contratam um seguro?

- Todos nós estamos expostos a riscos que podem nos causar algum tipo de prejuízo ou dano, como bater o carro, ter a casa incendiada, o celular roubado, ficar doente ou enfrentar a morte de um familiar. Para se precaver desses eventos indesejados, as pessoas se utilizam das operações de seguro que consistem, basicamente, na transferência de risco de uma pessoa ou empresa para uma seguradora, mediante o pagamento de um valor monetário. Assim, o principal atrativo do seguro é a garantia patrimonial e proteção financeira que ele propicia; quem contrata seguro, compra segurança, proteção.

- O seguro voltado para pets é recente no Brasil, é uma prova de que o mercado está se diversificando?

- Com certeza. Atualmente, o mercado segurador brasileiro já conta com um perfil altamente diversificado. Segundo a Susep existem no Brasil 92 ramos de seguros que apresentam grande nível de detalhamento. Uma modalidade relativamente recente é o seguro pet. Com o passar do tempo, os animais de estimação vêm sendo encarados como parte essencial da família e os

cuidados recebidos demandam gastos. Desse modo, não é de se espantar que pessoas estejam dispostas a contratar um seguro pet que, na prática, é um serviço de assistência de saúde a cães e gatos muito semelhante ao seguro saúde dos humanos.

- Existe um determinado perfil de pessoas que contratam esse serviço?

- As pessoas que contratam o serviço de seguro são geralmente aquelas que possuem um perfil avesso ao risco, que estão dispostas a pagar um valor, de forma prévia, para evitar a possibilidade de perda maior no futuro. Além disso, apesar da popularização dos seguros no Brasil, o custo ainda é elevado para grande parte da população brasileira, o que faz com que o perfil das pessoas que contratam seguros seja associado às pessoas com maior poder aquisitivo.

- Há possibilidade de expansão do seguro voltado para animais de estimação?

- Apesar da crise econômica do Brasil vivenciada nos últimos anos, o mercado de pets vem apresentando um consolidado crescimento. Alavancada por essa pujança do setor, os seguros diferenciados para

os animais de estimação também devem apresentar crescimento no futuro. Além disso, com o avanço da medicina veterinária, os procedimentos estão cada vez mais caros. Devido a esse fato, o Seguro Pet (ou Plano de Saúde Pet) é uma alternativa cada vez mais atraente para quem quer garantir uma assistência à saúde adequada para o animal que está em casa. Assim, a tendência é que o seguro pet deve apresentar consistente alta no futuro.

- Como se estabelece o valor do prêmio, no caso do seguro pet?

- O estabelecimento do prêmio, de uma forma geral, é baseado em cálculos atuariais e depende de uma série de características da pessoa, objeto ou animal segurado. No caso do seguro pet, especificamente, com base nas características do animal, são calculadas as probabilidades de ocorrência de um determinado procedimento e o valor médio que cada um custará. No entanto, há outros fatores que interferem no valor do prêmio e que pode variar de seguradora para seguradora como taxa de lucro área de abrangência.

- Como o segurado pode avaliar se vale a pena contratar um seguro pet?

- Esta decisão não é totalmente racional e está intrinsecamente relacionada ao perfil pessoal de disposição ou aversão a determinado risco. No seguro pet, por exemplo, a decisão de contratar o seguro está ligada ao valor máximo que o dono do animal está disposto a pagar para garantir uma boa assistência à saúde do animal. Nesse sentido, a boa e velha pesquisa é sempre recomendada para garantir o melhor negócio.

- Além do seguro pet, quais as novidades do mercado?

- Há novas tendências do mercado que prometem transformar o setor, com destaque para o surgimento e popularização das Insurtechs. Essa é uma nova forma de negócio das seguradoras que promete proporcionar uma maior facilidade na contratação do seguro. Outra modalidade que vem ganhando destaque é o microseguro. O principal objetivo desse tipo de seguro é ofertar produtos e serviços adaptados às condições financeiras da população de baixa renda e dos microempreendedores formais e informais. Assim se caracteriza o mercado de seguros no Brasil, adaptando-se e ofertando produtos que satisfaçam os novos anseios e desejos da população.



Victor Hugo, atuário, explica porque as pessoas procuram seguros

+ Investimento com retorno garantido

O comportamento do mercado já comprova a nova relação estabelecida entre as famílias e os animais de estimação. Apesar do seguro pet não ser tão popular quanto as demais modalidades de serviços oferecidas pelas seguradoras, quem não descuida do seu pet tem retorno garantido.

“As pessoas investem em animais de estimação porque podem escolher o tipo de companhia que irão ter e também porque buscam uma companhia para a vida. Adotar um animal de estimação proporciona a sensação de que nunca estão sozinhos”, afirma a psicóloga Laís Loureiro, que atua com abordagem cognitivo comportamental.

A atitude, segundo Laís, é mais comum do que se imagina, especialmente entre pessoas que optaram por morar sozinhas ou não ter filhos. Considerando o aspecto psicológico, o animal, além de estimular questões fisiológicas, porque proporciona movimento do corpo, também melhora as emoções dos tutores, trazendo sensações de alegria, acolhimento e até relaxamento – portanto, o retorno é garantido.

A psicóloga acrescentou que cada vez mais o ser humano está intolerante às frustrações da vida. “Por não querer mais experimentar sofrimentos nas relações interpessoais optam por um pet, já que esse risco é bem mais reduzido”.

Tal atitude pode ajudar a es-



Laís Loureiro: pessoas estão intolerantes a frustração

pantar a solidão ou trazer mais descontração ao dia a dia da família, porém, o animal de estimação deve ser um elemento a mais nos lares brasileiros e não, a principal “estrela” da casa. A psicóloga alerta que, além do pet, o ser humano deve desenvolver habilidades sociais e equilíbrio emocional. “Para que a aquisição do animalzinho não seja uma fuga ao sofrimento”.

Sucesso com o carinho dos pets

Enquanto as seguradoras ainda estão conquistando espaço no mercado de pets, há empreendedores que investem no negócio como empresa privada. Como é o caso da Pet Top, que oferece um plano de saúde voltado para cães e gatos em Pernambuco e na Paraíba.

Através de parcerias firmadas com clínicas, consultórios e hospitais veterinários, a empresa disponibiliza três tipos de planos de saúde. Dependendo da opção, o cliente tem direito à consulta, exames laboratoriais e de imagem, internação, cirurgia e aplicação de vacinas. Atualmente há 5.000 pets ativos. “E ainda existe um público grande a ser conquistado”, salientou Suely Milet, diretora da empresa.

O negócio começou em 2015 na Região Metropolitana de Recife e em 2017 o empreendimento expandiu para João Pessoa. Atualmente há 37 estabelecimentos credenciados ao plano veterinário nos dois estados. Suely Milet explica que decidiu investir neste ramo porque percebeu o mercado em ascensão e ainda não explorado na região. “Mesmo em meio à crise, o mercado pet é um dos poucos que não se abala e continua crescendo”.

Só para profissionais

O conselheiro de Comércio e Serviços do Instituto Pet Brasil, Nelo Marraccini, destaca que investir no mercado pet é um negócio promissor, mas não dá margem para aventureiros, porque é um mercado vibrante, com opções que cada vez mais surpreendem os tutores. “Não estamos falando apenas de pet shops, mas de serviços de creches para animais, clínicas específicas para gatos ou animais exóticos, por exemplo, e serviços de pet Walker e pet sitter, entre outros. Onde houver dedicação e carinho com os animais, há chance de sucesso”.

Foto: Divulgação



Nelo Marraccini, conselheiro de Comércio e Serviço

EM NÚMEROS

■ Ao mapear os segmentos voltados aos animais de estimação no país, o Instituto Pet Brasil (IPB) mostra que em 2018, o serviço de Pet Food teve participação de 46,4% no faturamento nacional, seguido por vendas

de animais (12,8%), produtos veterinários (11,1%), serviços gerais (10,2%), serviços veterinários (9,7%), Pet Care (higiene, beleza, equipamentos e utilidades), com 6,4%, e comércio eletrônico (3,5%).

Perucas recuperam autoestima durante tratamento do câncer

Rede Feminina de Combate ao Câncer conta com Paulo Sérgio, cabeleireiro que monta perucas próprias há vários anos

Juliana Cavalcanti
Especial para A União

Ao ser constatado o aparecimento do câncer, os tratamentos mais indicados pelos médicos são a radioterapia e a quimioterapia, seguidas ou não de uma cirurgia para a retirada dos tumores. A quimioterapia apresenta vários efeitos colaterais, entre eles a queda de cabelo, o que pode afetar a autoestima de muitas mulheres. Alguns procedimentos, inclusive, fazem perder os fios na primeira aplicação.

Neste sentido, as perucas, turbantes, lenços e outros adereços são considerados importantes na recuperação psicológica destas pessoas. É o que acredita, Fátima Vieira, voluntária da Rede Feminina de Combate ao Câncer desde 2008. A instituição funciona no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, e é responsável por receber os cabelos e entregá-los em forma de perucas apenas às pacientes do Hospital Napoleão Laureano.

A maioria destas mulheres é encaminhada pelas assistentes sociais da unidade de saúde. Elas pegam a peruca gratuitamente e podem seguir suas rotinas. "As pessoas doam cabelo e um voluntário nosso que é proprietário de um salão, faz as perucas que são doadas para as pacientes do Laureano. Todo mês, o rapaz vem. Tem mês que a

gente doa todas, mas tem mês que não doa muito. Em média são umas 10 perucas doadas por mês", esclarece.

Paulo Sérgio é cabeleireiro e proprietário de um salão na capital paraibana. Ele é voluntário da Rede Feminina e monta as perucas por conta própria há vários anos. "Tudo começou quando meu pai ficou no Hospital Laureano por duas vezes. Vi a necessidade de ajudar pessoas que não tinham condições de comprar uma peruca. Depois houve uma ação social por parte da Rede Feminina de arrecadação de material pra confeccionar perucas, eles me chamaram e eu fui ajudar. Já estou há muitos anos com essa parceria fazendo esse trabalho de doação de perucas. E ficou tão forte que hoje sou voluntário de carteirinha. Minha frase predileta é: quem não vive pra servir não serve pra viver", declarou.

As perucas são destinadas apenas para pacientes adultos e são montadas em diversos modelos: loiras, morenas, com turbantes, com lenços, em elásticos com cabelo (para usar com o lenço, chapéu, boné ou turbantes) e outras opções criadas pelo cabeleireiro. Já prontas, elas são distribuídas quando a paciente chega à Rede Feminina e faz o pedido. "Depois da parceria conseguimos não só atender a população de João Pessoa, mas toda a Paraíba,

como o Brejo paraibano e o Sertão. Nós da Rede Feminina ajudamos não só os pacientes de hoje, mas todo aquele que futuramente precisar e não tiver condições. Essa é nossa meta. Se eu fosse contar não saberia quantas perucas já doei, pois todo aquele que pede nós doamos", comemora o empresário.

Dados

De acordo com uma estimativa da Secretaria de Saúde do Estado (SES), os tipos de câncer que mais atingem as mulheres são os de mama e os de colo de útero. Conforme dados do Centro Especializado do Diagnóstico do Câncer (CEDC), que é o serviço de gestão estadual, até setembro de 2019, foram 210 óbitos por câncer de mama. No período entre 2015 e 2019 foram 1180 mortes por esta doença. Já o que atinge o colo do útero matou 85 mulheres até o mês passado, sendo 628 óbitos de 2015 e 2019.

Dos casos investigados no Centro Especializado do Câncer, foram identificados 95 diagnósticos positivos nas biópsias realizadas no sexo feminino, a maioria das doenças detectadas em mulheres acima dos 50 anos. No entanto, elas também são aquelas que fazem mais exames: Entre 1º de outubro de 2018 e 1º de outubro deste ano foram 5.772 exames de mamografia realizados.



Fotos: Arquivo Pessoal

Perucas são feitas com ajuda voluntária e incrementam o tratamento de várias pacientes com a doença

Levando felicidade para pacientes

O cabeleireiro Paulo Sérgio acredita que a vida das beneficiárias muda assim que recebem as perucas, pois sente que os fatores emocionais interferem no processo de cura do câncer. "Todo aquele que recebe sua peruquinha, sua autoestima muda completamente ajudando na recuperação. As pessoas ficam muito felizes e nós mais ainda por fazermos parte dessa corrente do bem. É muito gratificante", declarou.

Fátima Vieira explica que nem todas as mulheres desejam usar as perucas, pois muitas optam por faixas, lenços e turbantes, também disponibilizados pela Rede Feminina de Combate ao Câncer. "Grande parte delas quer peruca mesmo, fazem questão de usar a peruca porque a autoestima delas está lá embaixo e elas se sentem muito mal por não ter

cabelo, por ele ter caído por conta da quimioterapia", afirmou.

Solidariedade

As perucas são obtidas exclusivamente pela doação dos cabelos, conseguidos através de campanhas realizadas em parceria com faculdades e empresas, nas urnas para doação no Hospital Napoleão Laureano e na Casa de Apoio da própria Rede Feminina. Além disso, alguns salões convidam a Rede para fazer um dia de corte de cabelo, dando descontos ou simplesmente fazendo o serviço gratuitamente.

"É feita a campanha pra arrecadar cabelinhos e o que conseguimos é tudo transformado em peruquinhas, turbante com cabelo, chapéu com cabelo e faixa com cabelo. Todo material é separando por cor e tamanho e tipo de cabelos: liso, cacheado, crespo ou ondulado. Daí vai para a limpeza, higienização, depois tecelagem, fechamento e depois é só confeccionar as perucas. Após isso, fazemos a lavagem novamente, além do corte e pintura se precisar", relatou Paulo Sérgio que acrescenta que no processo, utiliza o próprio material de trabalho.

No entanto, independente de salão, qualquer pessoa pode cortar e doar. Para isso, é necessário que o cabelo esteja limpo, o corte deve estar amarrado, não pode estar molhado e tem que ter no mínimo 20 cm. "O corte de cabelo pode ser feito independente e as pessoas podem doar. O tamanho ideal tem que ser a partir de 30 centímetros, pois na hora da construção da peruca se perde no tamanho e na parte da tecelagem, perde mais um pouco na hora do corte", descreveu o cabeleireiro.

Entidade fundada há 55 anos

A Rede Feminina de Combate ao Câncer (RFCC) foi fundada em 14 de abril de 1964 com o objetivo de apoiar o tratamento dos pacientes carentes, portadores de câncer. Ela existe em todo o Brasil, muitas vezes com outros nomes ("liga feminina"), mas com a mesma finalidade. Na Paraíba, existe o trabalho gratuito de 200 voluntários em especial no Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa que prestam assistência por meio do acolhimento na Casa de Apoio, da distribuição de próteses mamárias, cestas básicas, medicamentos, além das perucas, turbantes e lenços aos pacientes desta unidade de saúde.

Todo o trabalho voluntário, que é realizado dentro do Laureano, é por meio da Rede Feminina. Há cerca de dez anos, a Rede construiu a Casa de Apoio ao Portador de Câncer Dr. Luiz Wylmar Rodrigues Neto que abriga 40 pacientes vindos do interior do Estado e que não têm condições de

se sustentarem, durante o período no hospital. Estas pessoas estão na cidade para a radioterapia, quimioterapia e outros procedimentos e, com isso, passam a semana na casa e na sexta feira voltam para os seus municípios, retornando na segunda feira. Alguns pacientes, inclusive, se hospedam com acompanhantes. A casa sobrevive inteiramente de doações, por isso, não tem como ela funcionar nos finais de semana.

A Rede Feminina atende homens e mulheres com qualquer tipo de câncer.

Para doações

A Rede recebe doações em dinheiro, através das contas bancárias: Caixa Econômica Federal: Agência: 1010, Conta: 2222-7, Operação: 003 ou Banco do Brasil: Agência: 3277-8, Conta: 50137-9. Outras doações podem ser feitas na sede situada à Av. Doze de Outubro, 858, em Jaguaribe.



Desde de 1964, a Rede vem atuando no suporte e apoio aos pacientes do Hospital Napoleão Laureano



O cabeleireiro Paulo Sérgio, que se dedica a fabricar as perucas de forma solidária e com muito afeto

Software melhora a vida de pacientes com paralisia total

Tobii Eye Tracker é um rastreador ocular que utiliza o movimento das pupilas para permitir a comunicação

Márcia Dementshuk
Especial para A União



“Eu (Patrícia Aurina) conheci a realidade e chamei meus filhos para conversarmos e naquela oportunidade expliquei tudo e ali choramos copiosamente e oramos fervorosamente. Daquele dia em diante começou a batalha. Isso em fevereiro de 2016.” Assim inicia o depoimento da esposa de Robério Farias Wanderley, acometido com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), a mesma doença rara que desafiou o cientista Stephen Hawking durante 55 anos de sua vida.

Segundo o Ministério da Saúde, a ELA “afeta o sistema

nervoso de forma degenerativa e progressiva e acarreta em paralisia motora irreversível. Pacientes com a doença sofrem paralisia gradual e morte precoce como resultado da perda de capacidades cruciais, como falar, movimentar, engolir e até mesmo respirar”. Contudo, ainda se sabe muito pouco sobre as causas da doença e é objeto de pesquisa nacional e internacional. Em média, atinge cerca de 1/50 mil pessoas por ano.

Robério tem uma filha e um filho. É o filho, Hiago Wanderley, que conta como a doença foi descoberta:

“Era um homem muito trabalhador, organizado, excelente marido, vivia pra família. Sempre dividia as tarefas com minha mãe e não pagava ninguém pra fazer serviços de

concertos, até chamávamos de “McGyver”, protagonista do seriado de televisão. Amava dirigir, viajar pelas estradas conosco.”

“Em novembro de 2015 apresentou uns tremores involuntários no braço esquerdo. Como era um homem muito estressado minha mãe o levou para o cardiologista; porém, o cardiologista indicou um neurologista e descartou qualquer problema cardiológico. Com 3 meses ou seja em fevereiro de 2016 fechou seu diagnóstico: esclerose lateral amiotrófica. A princípio não sabíamos bem o que era, mas minha mãe estudou o diagnóstico durante 6 meses e mergulhou de cabeça para descobrir o que poderia fazer; já que a medicina só deu 2 anos de vida.”



Foto: Divulgação

Através dos olhos, conectividade e comunicação com o mundo ao redor se torna uma possibilidade real



Foto: Divulgação

Robéria Farias, acometido com Esclerose Lateral Amiotrófica, faz uso do programa Optikey, que tem licença gratuita

+ Mais autonomia para os pacientes

“No nosso primeiro Natal após o diagnóstico ele já estava com perda de força no braço esquerdo e andando com dificuldade. Foi muito rápido. Essa doença é devastadora. Apesar de corrermos contra o tempo em fisioterapias, dieta paleolítica, ozonioterapia, hemoterapia, atividades na água, caminhadas, a doença não deu trégua e hoje ele só movimentava os olhos.”

diferentes até mesmo destinado a portadores de esclerose. Porém, o que usamos é o Tobii Eye Tracker (criado inicialmente para jogos e navegação em geral), que junto com o Optikey instalado no computador fazem um excelente trabalho em prol de realizar a comunicação entre nós e Robério.”

Tecnologias

São os olhos de Robério que se comunicam, hoje. Patrícia Aurina lembrou que “primeiro, usávamos uma tabela contendo as letras do alfabeto e íamos passando o dedo até que ele (com os olhos) pedisse para parar. Juntávamos letra por letra e montávamos palavra por palavra até compreender o que ele gostaria, era difícil.”

“Posteriormente, surgiu por parte do cunhado de Robério, a ideia de utilizar uma webcam para leitura ocular, de modo que um aplicativo no notebook usasse o movimento dos olhos e marcasse as letras que Robério estivesse olhando, o programa se chama Optikey” [tem licença gratuita].

“Vendo que dava muito certo e que Robério foi criando certa autonomia, resolveu-se investir num aparelho específico para a leitura dos olhos, que faria o mesmo serviço da webcam porém de modo muito mais eficiente. Hoje existem muitas versões e marcas

“Carrego três frases no coração e mentalizo diariamente para conseguir prosseguir: Tudo que tivermos de viver aqui nessa Terra, iremos viver na certeza que Deus está no controle. Tudo passa, nada terreno é para sempre. Um dia estaremos para sempre com Cristo usufruindo de uma eternidade sem sofrimento, sem choro, sem dor” //



Como funciona....

O Tobii Eye Tracker funciona fazendo a relação entre as pupilas e os reflexos ou reflexões, o que ajuda o rastreador a determinar onde se está olhando. O rastreador ocular envia luz infravermelha; a luz é refletida nos olhos. Essas reflexões são captadas pelas câmeras do rastreador ocular e através de filtros e cálculos, o rastreador ocular sabe o que está sendo apontado. O aplicativo também permite navegar na internet, funciona como mouse e emite o som das frases apontadas. Qualquer pessoa que dese-

ja movimentar o mouse através dos olhos pode usar esta ferramenta.

“De início, por ser um pouco resistente a mudanças e inovações e até mesmo não aceitar a doença, Robério não se animou com o uso do aparelho, achava difícil e a adaptação foi aos poucos. Hoje não passa um dia sem usar; do contrário, dificilmente conseguimos entender o que ele deseja. E às vezes precisamos saber com urgência, caso seja uma dor, uma má posição, necessidades fisiológicas e afins”, conta Patrícia Aurina, esposa de Robério.



Foto: Divulgação

Tecnologia de ponta para auxiliar no tratamento de doenças mais complexas



A longa estrada de Marcélia Cartaxo

Veterana atriz paraibana percorreu, até aqui, mais de 50 mil km a bordo do premiado longa-metragem 'Pacarrete'

Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Imaginemos uma viagem única. Sem escalas. Uma espécie de excursão saindo da Paraíba. Os destinos? Xangai (na China), Gramado (RS), Fortaleza (CE), Vitória (ES), Florianópolis (SC) e, por fim, Los Angeles (EUA), onde foi homenageada pelo conjunto da obra na última segunda-feira. Se somarmos as quilômetros, passa dos 50 mil quilômetros. Foi o que percorreu a atriz paraibana Marcélia Cartaxo. Ela esteve em todos estes lugares entre junho deste ano e esta semana. Na bagagem de ida, sempre o objetivo de exibir o longa-metragem *Pacarrete*, em que ela interpreta a personagem principal, que dá nome ao filme. Nas bagagens de volta, inúmeros troféus conquistados com a produção.

"A gente estreou em Xangai. A primeira vez que o filme foi exibido foi muito bom porque os cinemas de lá são enormes, estava cheio e foi uma reação linda. As críticas foram boas. Aliás, a melhor crítica que eu acho foi a que saiu de Xangai", disse Marcélia.

Pacarrete, que tem dire-

ção de Allan Deberton, conta a história de uma bailarina com a idade já avançada, que decide voltar para sua terra natal, Russas (CE), após ter passado quase toda sua vida em Fortaleza (CE). *Pacarrete*, vivida por Marcélia Cartaxo, volta para sua cidade para cuidar de sua irmã, Chiquinha, interpretada pela também paraibana Zezita Matos. Completa o trio outra paraibana, Soia Lira, que dá vida a Maria, uma cuidadora.

Pacarrete tem o sonho de apresentar um balé para a população local durante a grande festa da cidade, que está prestes a acontecer. Então, ela manda confeccionar uma nova roupa de bailarina ao mesmo tempo em que tenta convencer a prefeitura de seu show. Mas, a falta de interesse da população em geral por espetáculos do tipo logo se torna um grande oponente. Segundo Marcélia, o filme traz um sentido ainda mais especial com a classe artística.

"*Pacarrete* dialoga com os artistas. É muito humano, você chora, ri, lembra um pouco até de *A Hora da Estrela*. Ela é muito solar e você ri com ela, acompanha todo movimento dela", disse.

O filme estreou no Bra-

sil no Festival de Cinema de Gramado, que aconteceu em agosto deste ano. E foi uma estreia em grande estilo. O longa levou oito Kititos (nome dado ao troféu do Festival). Os principais prêmios foram o de Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atriz (Marcélia Cartaxo) e Melhor Roteiro. A paraibana Soia Lira também ganhou na categoria Melhor Atriz Coadjuvante.

"Estreamos no Brasil em Gramado e em grande estilo. Olha, quando apresentou o filme, logo na primeira cena, que ela já começa a dançar, ela foi ovacionada. Quando terminou, ele foi ovacionado. Muitas palmas no cinema. A gente não conseguia sair da sala. Depois que a gente recepcionou todo mundo lá dentro, a gente saiu como se nada tivesse acontecido, a gente já tinha feito nossa parte e estava muito feliz. Aí começaram de novo os aplausos lá embaixo. Depois o povo começou a dançar na rua feito *Pacarrete*. *Pacarrete* pegou, todo mundo se sentia um pouco a *Pacarrete*", relatou Marcélia.

Vencedora do Urso de Prata de Melhor Atriz no Festival de Berlim de 1986 como Macabéia, em "A hora



Marcélia, que esta semana foi homenageada nos EUA, diz estar revivendo o que passou com 'A Hora da Estrela'

da estrela", Marcélia vê similaridades entre os dois longas. "Eu já tinha vivido isto (a emoção) um pouco em *A Hora da Estrela*. É a nova *Hora da Estrela*, depois de muito tempo, depois de 33 anos. E é muito incrível tudo isto", lembrou.

Vivendo Pacarrete

Quem vê Marcélia plena nas telonas vivendo uma *Pacarrete* de forma impecável, não consegue imaginar o sofrimento que a atriz passou para poder se preparar para a personagem. Afinal de contas, trata-se de uma bailarina, que, além disto, ainda toca piano e fala francês. Foram 45 dias vivendo diuturnamente *Pacarrete*.

"Eu nunca tinha feito ballet. Era doida para fazer desde criança, mas em Caju-

zeiras não tinha. Eu tive só um mês e meio, quando o filme estava na pré-produção. Foi aí que Alan investiu, convidou um casal de bailarinos para me preparar. E eu precisava ter uma postura de bailarina, porque se eu não tivesse a postura, como ia sustentar o negócio? Aí enlouqueci, passava o dia inteiro vestida de bailarina, acordava bem cedinho para ir para o Espaço Cultural para já ir aproveitando o tempo que eu tivesse. Não foi fácil, fiquei com tudo dolorido, emagreci que só, fiquei um palito Também fiz aula de francês e de piano para ter noção um pouco das coisas", disse.

E quando os paraibanos poderão finalmente assistir ao tão premiado filme? Em breve.

Em novembro, a prefeitura de João Pessoa irá realizar uma sessão ao ar livre, em mais uma edição da Mostra Walfredo Rodrigues. A atriz só não sabe, ao certo, se o filme será exibido no dia 14 ou 15 de novembro. Já o lançamento oficial nos cinemas, só ocorrerá em março de 2020.

/// '*Pacarrete*' dialoga com os artistas. É muito humano, você chora, ri, lembra um pouco até de '*A Hora da Estrela*'. Ela é muito solar e você ri com ela, acompanha todo movimento dela ///



Marcélia e Soia nasceram no mesmo ano, na mesma cidade e começaram a carreira juntas

Parceria que vai além da tela grande

Como dito acima, *Pacarrete* conta com as atrizes paraibanas Marcélia Cartaxo, Soia Lira e Zezita Matos em seu elenco. A parceria é de longas datas, principalmente entre Marcélia e Soia. As duas nasceram no mesmo ano, na mesma cidade e começaram a carreira no teatro juntas. A amizade é tão intensa que as personagens se misturam com a vida real.

"O bonito deste filme é que eu e ela nascemos na mesma rua em 1962, fizemos teatro desde os 10 anos. Eu e ela de certa forma a gente tem uma briga de irmã, de coisas que quem conhece a gente diz que as personagens são iguais a gente na vida real. Porque uma briga com a outra. É mesmo

que sermos irmãs, uma afinidade de muitos anos", disse Soia e completou.

"Allan Deberton fez o primeiro curta dele, que era *Doce de Coco* e eu indiquei Marcélia para me dirigir e ele viu as brigas da gente. Aí ele disse: Marcélia, eu tenho um filme para você fazer daqui num sei quantos anos (10 anos). Marcélia foi e disse que me queria neste filme e queria Zezita também. O pessoal que conhece a gente diz que estamos iguais à vida real", disse aos risos.

E, mesmo com todas as brigas que as duas garantem ter, Soia é só elogios a Marcélia. "Marcélia está muito bem no filme, dá um arraso de interpretação. Ela não acredita não.

Mas eu já assisti quatro vezes ao filme, mais do que ela. E ela sempre bota defeito. E eu já assisti quatro vezes e ainda não achei um defeito. Porque ela dá um show de interpretação. Ela vai dar um salto com este filme", cravou.

E as duas já estão colhendo os frutos dos filmes e já se preparam para novos trabalhos. Soia foi convidada pelo diretor Hilton Lacerda para trabalhar em uma série no Canal Brasil, intitulada *Chão de Estrela*. Já Marcélia vai começar a gravar, em março, o filme *Mãe*, de direção de Cristiano Burlan. No longa, ela viverá uma mãe que mora em um morro e perde o seu filho e passa o longa nesta busca.

Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo

Coringa, descivilização e anomia

O *Coringa* é um bom filme com forte “apelo de massa”. O que é de se esperar de qualquer grande produção cinematográfica hollywoodiana. Isso implica, naturalmente, num tipo muito característico de linguagem. Antes de assistir ao filme, vi matérias jornalísticas que alertavam para o perigo de que as sessões nos cinemas “pegassem fogo”, tudo porque a história e a personagem supostamente poderiam despertar os sentimentos mais selvagens do público. Uma boa jogada de marketing.

É lugar-comum afirmar que o ator Joaquin Phoenix está impecável como Arthur Fleck. Outra coisa que agrada no filme é o descolamento em relação ao universo fantástico das histórias em quadrinhos. As personagens ganham traços humanos mais realçados. Não há superpoderes ou grandes jornadas heróicas; ameaças de extinção do planeta ou embates maniqueístas que estejam bem delineados entre as personagens. As questões morais e políticas ganham, assim, contornos mais interessantes e é delas que pretendo tratar nesse artigo.

O filme apresenta o que chamo de “processo de descivilização” de Arthur Fleck, ou seja, o processo de sua transformação em Coringa. Vemos desde o início que a humilhação é um elemento importante. É partir dela que ocorrem desdobramentos chaves para as questões morais, políticas e psicológicas que envolvem a personagem.

A técnica narrativa utilizada é claramente a de “fazer sofrer para comover” – que pareceu um tanto exagerada. Esse caminho leva-nos a uma visão não essencialista do mal, o que destoa de um tipo característico de vilão. Arthur Fleck é alguém que foi maltratado pela vida; por uma sociedade perversa, cínica e desigual, que costuma ser ainda mais cruel com pessoas que sofrem de deficiências físicas e mentais, mas que agora estaria dando o troco.

A dignidade de Fleck é retirada aos poucos e está diretamente ligada a um progressivo rebaixamento moral. É só a partir daí que a violência assumiria a condição de mecanismo de reparação moral; de afirmação do sujeito, de imposição de uma nova ordem que organizaria o caos emocional do indivíduo numa linha bem definida de ação assentada na vingança.

Há quem defenda que se considerarmos Arthur



Foto: Divulgação

Fleck uma vítima da sociedade, suas ações serão moralmente relativizadas ou até mesmo justificadas. A coisa é mais complexa. É de tal forma curioso o fato de que as reações das personagens contra o “sistema” não abarcam um projeto coletivo, mas estão sempre ligadas a reações à alguma experiência pessoal negativa. Antes de ser uma ameaça real, positiva e emancipatória ao status quo, o Coringa é um duro e indesejável efeito colateral do sistema.

Em nenhum momento o Coringa parece agir fora da esfera do interesse individual e sua linguagem é a da anti-política, da violência pura e brutal, da ultima ratio. As pessoas mortas por ele e o espetáculo de terror que promove visam contornar problemas pessoais e que são encarados de um ponto de vista narcisista; mas isso não impede que a personagem se torne a imagem símbolo de um movimento de sublevação política e justiça social.

Uma das grandes questões levantadas pelo filme é que movimentos políticos de massa precisam de mecanismos políticos que organizem as forças anárquicas para promover uma mudança real no sistema, impedindo que se transformem em caos ou anomia social. Vimos acontecer algo parecido no Brasil durante as Jornadas de 2013, na greve dos caminhoneiros, que chegaria ao seu paroxismo com a eleição de Bolsonaro. Em situações como essas, idiotas, gente perversa e arrivistas podem se tornar acidentalmente líderes políticos carismáticos; algo comum às experiências fascistas, ao populismo e a seitas religiosas.

Crônica **Kubitschek Pinheiro**
kubipinheiro@yahoo.com.br

Noventa anos na ribalta

Quando fez 80 anos, a atriz Fernanda Montenegro disse que tinha impressão de não ter envelhecido. Agora, aos 90, (completados na última quarta-feira), ela disse: “Tive a sorte de não ter ficado gá gá”. Eu corri para a geladeira, me agarrei no pescoço da Chandon e comemorei. Grls just want to have fan? No.

A maior atriz brasileira segue rumo ao centenário, de pé, na ribalta. A primeira vez que a vi foi na peça “Dona Doida”, no Teatro Paulo Pontes, nos anos 90. No palco Fernanda fazia o papel dela e da escritora, Adélia Prado. No caso, uma atriz consagrada e uma escritora e poeta, mundialmente reconhecida, Dona Prado.

Dona Doida: um interlúdio, chamava a atenção e eu festejava aquela descoberta estar diante de uma atriz, que poderia ser minha mãe e só precisava me beliscar para sentir que eu estava ali e, não noutro lugar pequeno e distante, onde nasci – Jatobá (Sertão), e que nunca poderia ter visto o espetáculo ou talvez tivesse ficado doido para sempre. Amar o sertão não significar casar-se com ele.

O roteiro da montagem reunia poemas extraídos de seis livros da poeta mineira, aos quais Fernanda Montenegro dava vida, sob direção de Naum Alves de Souza. Desde a estreia, o espetáculo ficou anos e anos em cartaz, viajando por todo o Brasil, fazendo sucesso nos EUA, Itália e Portugal. Além disso, rendeu a Fernanda o



Prêmio Molière.

“O sonho encheu a noite / Extravasou pro meu dia / Encheu minha vida / E é dele que eu vou viver / Porque sonho não morre”, diz um dos poemas de Adélia, que foram roteirizados por Fernanda, junto com seu marido, Fernando Torres, e a própria poeta.

Lembro que no final do espetáculo, a atriz voltou ao palco, já lúcida, para agradecer os aplausos, numa cena sagrada, uma atriz gigante, que esticou sua vida que imita a arte.

Ela disse que João Pessoa estava de parabéns pelo Teatro Paulo Pontes (naquela época, o mais confortável e com mais assentos). Que ela estava feliz de ter vindo a João Pessoa com Dona Doida.

Sai do teatro pensando em meu pai. Tudo que eu queria era contar a ele que tinha visto Dona Fernanda. Entrei no carro de volta para casa, tropeçando em semáforos, os músculos tremiam pelo fato de ter visto

aquela mulher de perto. Fiquei doidim por ela.

Voltava de Jerusalém e, no Rio de Janeiro, quando pegamos outro avião para João Pessoa, ela sentou do meu lado. Gelei. Esqueitei. Passou. Abri o jornal O Globo desejando que o voo fosse mais longo do que acabamos de fazer de Israel ao Brasil.

No Aeroporto Guararapes, ela desceu, descemos juntos e seu marido, Fernando estava esporeando-a no saguão. Fernanda já não era mais

Dona Doida e sim, Dona Dora lançando o filme Central do Brasil, de 1998, dirigido por Walter Salles). Ela e o menino Josué (Vinícius de Oliveira). Dona Dora escrevia cartas para os analfabetos que não tinham no bucho letras de macarrão. Ah! É lindo ela cantando “Construção” com Chico Buarque, no CD “Brasil São Outros 500”, da Som Livre de 1998.

Parabéns Fernandona, em algum lugar você fará cem anos!

Kapetadas

1 - Quando você começa a se conformar com os fios brancos que encontra na cabeça, a vida vai lá e te faz a achar fios brancos na sua sobancelha. São antenas!

2 - Acaba a minha bateria por algumas horas e quando eu carregoo, o Brasil tá de cabeça pra baixo.

3 - Ei! Onde baixa a discografia da Irmã Dulce?

4 - Som na caixa: “Cada, estrela se espanta, à própria explosão”, Caetano.

Ewerton

Allace Silva Tavares

E-mail: ewerton3128@gmail.com

Adequação social

A evolução do Sapiens passa por comportamentos padrões. Uma espécie delooper que faz com que ele aja, por vezes, equipado com um tipo de piloto automático - seja por motivos de crenças ou por experiências vividas em grupo. Porém, em tempos com cada vez mais liquidez entre as relações humanas, pode-se questionar validades e benefícios de se agir seguindo determinados padrões sociais.

Assim, se navegarmos rasamente pela história recente, podemos notar que, apesar do princípio da adequação social nos oferecer proteções contra a sobrecarga de decisões da vida moderna, o seu domínio pode se estender para adequação fundamental de vida ou morte.

As redes neurais dos seres humanos se expandem a cada momento e, com elas, a necessidade de se obter mais refúgio em comportamentos e informações já validadas por outros indivíduos, tamanha é a variedade de cenários com que nos deparamos a todo o momento. É nesse traço singular, sobretudo em culturas que priorizam o grupo acima do indivíduo, que encontramos maior suscetibilidade de imitação social, pois depositar confiança no conhecimento coletivo foi e continua sendo uma das sofisticadas ferramentas da qual nos apoderamos, em especial quanto a algum fato sobre o qual desconhecemos.

No entanto, quando passamos a assentir cegamente ao princípio da adequação/imitação social, poderemos vivenciar um sem número de infortúnios em nossas vidas, particularmente pelo fato de que muitos de nós, perante os outros, demonstramos falsamente características superlativas sobre quem somos.

Julgamo-nos, assim, viver segundo o super-homem (Übermensch), termo cunhado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche; mas que, com frequência, nos encontramos no outro polo dessa corda retesada: o nada. E, o que poderíamos interpretar como sendo comportamento correto, seguro e equilibrado, nada mais seria do que a reprodução maldadada de um erro coletivo. Nessa esteira, não são raros os exemplos de pessoas comuns que cometeram ações mórbidas porque foram incapazes de questionar atos de um determinado grupo, cujo comportamento era reflexo das atitudes do “líder” ou “guru”.

Em vista disso, Werther, personagem principal do romance “Os sofrimentos do jovem Werther”, do literato alemão Johann von Goethe, desencadeou uma série de suicídios pela Europa no século XIX, tamanha foi a reprodução seguida pelos leitores ao próprio fim levado pelo protagonista do livro. Tão impactante quanto esse acontecimento foi o suicídio coletivo de Jonestown: uma das maiores tragédias modernas oriundas da implicação negativa do efeito da adequação/imitação social; dado que, no ano de 1978, na Guiana Francesa, o líder político, social e espiritual, Jim Jones, após temer que sua seita estivesse prestes a ser extinta após descobertas de que ele estaria envolvido em atos de charlatanismo e de assassinatos, resolveu reger a dissolução do templo a sua maneira: apelou para que os quase mil seguidores se suicidassem para que pudessem erguer o “Templo do Povo” no paraíso. A partir daí, um seguidor após o outro, de forma espontânea e organizada, foi ingerindo o veneno letal que, por fim, vitimou 910 pessoas.

Alguns pontos podem buscar explicar essas ações. Tanto no primeiro caso, que veio a ficar conhecido como “Efeito Werther”, quanto na tragédia de Jonestown, o escritor Robert B. Cialdini analisa da seguinte maneira: uma constante lamentável vida moderna é que muitas pessoas vivem suas vidas sob o sofrimento psicológico. A forma como lidam com isso depende de uma série de fatores, um dos quais é o reconhecimento de como outros semelhantes enfrentam a mesma situação. Assim, observamos que estamos mais sujeitos a seguir as ações de pessoas como nós, porque, particularmente em cenários em que a incerteza domina, olhamos para o lado e tendemos a seguir o nosso semelhante. E esse ato é reproduzido exponencialmente, chegando a gerar, inclusive, como vimos, suicídios dóceis.

Como observamos, por vezes é salutar seguir padrões pré-determinados na medida em que essas ações se qualificam como vetores a auxiliar a gigantesca demanda de respostas rápidas a que somos submetidos nos dias atuais. De outro modo, o acatamento cego e sem questionamentos, principalmente quando inseridos em contextos de incerteza, pode levar indivíduos a subjugarem suas próprias vidas.

Portanto, averiguar e estabelecer elementos de criticidade frente a determinadas condutas coletivas, buscando compreender as raízes em que se sustentam certos comportamentos reproduzidos, pode ser uma das formas de se estabelecer uma margem minimamente segura para não perecer, nestes termos, em lábias e mãos alheias.

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

Walfredo Rodriguez nos registros do historiador

Foto: Divulgação



Alguns dos nossos alunos no festival de Areia

Um historiador paraibano que sempre esteve ligado às “coisas de cinema”. Isso, desde tempos do memorável Quarto Centenário da Paraíba, evento que coordenamos juntos (eu, nos segmentos de cinema e tv; ele, no comando geral), levando os informes da programação, promovendo debates, distribuindo livros em escolas da rede pública do Estado. Evento que motivaria, ainda, a realização do documentário “Parahyba”, multipremiado nacionalmente, com roteirização nossa e direção do cineasta Machado Bitencourt.

Refiro-me ao amigo e historiador José Octávio de Arruda Mello, com quem tenho sempre contatos, na busca de conhecimentos e fatos novos que possam enriquecer ainda mais nossa cultura, não só de cinema, mas os dotes da história paraibana. Exemplo vivo disso, quando realizamos o vídeo ficção “Américo – Falcão Peregrino” (2015), em que a contribuição do historiador, junto às de Marta Falcão, foi da maior importância, tudo sob a égide do “Grupo José Honório Rodrigues”, do qual Zé Octávio é o mentor e um articulador incansável. Uma articulação que sempre nos remete aos memoráveis tempos dos festivais de arte de Areia, no início dos anos oitenta. Evento comandado por ele, que se notabilizou pelo zelo na formação de opiniões e técnicas de seus partícipes, em torno da cultura e das artes no estado. Muitos daqueles nossos alunos (foto) depois formados pela própria Universidade Federal Paraíba, à época parceira dos festivais.

Referindo-se sempre a Walfredo Rodriguez, em conversas que costumemente vimos realizando, Zé Octávio deixa claro a sua admiração àquele que trouxe para a memória do nosso cinema um dos mais importantes legados. Um

marco pioneiro da cinematografia paraibana, que mais uma vez foi lembrado em trabalho acadêmico do prof. Lúcio Vilar. Walfredo Rodriguez, um dos patronos da Academia Paraibana de Cinema, e que deve ser homenageado agora no seu centenário pelo FestAruanda.

A dinâmica do “grupo” de Zé Octávio me faz lembrar ainda alguns registros seus, contidos em vários livros e ensaios que publicou, quando se refere ao pioneirismo cinematográfico de Walfredo Rodriguez. Revendo alguns desses seus arquivos, que versam sobre o folclore e a nova cultura, o autor de “A História da Paraíba” se reporta à publicação por mim organizada (“Walfredo Rodriguez e a Cultura Paraibana”), resultado de um seminário que coordenei na Fundação Casa de José Américo, havia anos, afirmando: “Outra variante constituiu em associar folclore à cultura, em que se notabilizaram Aécio Aquino, Dora Borba e, acima de todos, Alex Santos e Orlando Tejo...”

Vejo agora com satisfação, na Academia Paraibana de Letras, recente

palestra sua homenageando o imortal e ex-reitor da Universidade Federal Antônio de Sousa Sobrinho, com relatos ainda da professora Socorro Aragão. Sobrinho, conforme registrou Zé Octávio em sua fala, “...foi um homem focado mais no ensino, naquela boa tradição dos mestres escolas de que tão bem se ocupou José Rafael de Menezes...”. Este, ao meu ver, um “catequista” do nosso mais puro cinema.

Já com Sobrinho, tive o prazer de conviver, tanto na UFPB como no Iesp, como professor de Fotografia e Publicidade e Propaganda, pelo CCHLA, depois no CCTA, durante alguns anos, indo a convite para Asper/Unip lecionar à noite, logo após retornar da Universidade de Brasília, onde defendi tese sobre Cinema e Televisão.

Pois bem, reafirmo então, que o amigo Zé Octávio, nessa sua “busca pertinaz” em razão da história (não só do cinema), jamais nos dá trégua... – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



FestAruanda discutirá criação da cinemateca

Após encontro que teve com integrantes da Academia Paraibana de Cinema, na semana passada e noticiado neste informe, o coordenador do FestAruanda, Lúcio Vilar, acolheu a ideia de se retomar as moções para a criação de uma cinemateca paraibana, proposta que vem sendo trabalhada pela APC havia algum tempo.

Na quarta-feira passada (16) Lúcio teve audiência com a Reitora da UFPB, professora Margareth Diniz, rerepresentando o protocolo de intenção da APC para a criação do memorial. Segundo Lúcio, “a reitora de pronto se mostrou favorável, solicitando que ele cuidasse do assunto”. Uma nova reunião com Alex Santos e Manoel Jaime, ambos da APC, foi marcada para a próxima quinta-feira, quando serão retomados os detalhes da proposta.

Em cartaz

ESTREIAS DA SEMANA

Malévola – Dona do Mal (Maleficent: Mistress of Evil. EUA. Dir.: Joachim Ronning. Aventura, Fantasia). Nesta sequência do sucesso de 2014, Malévola e sua filha, Aurora, começam a questionar os complexos laços familiares que as prendem à medida que são puxadas em direções diferentes por casamentos, aliados inesperados e novas forças sombrias em jogo. O iminente casamento de Aurora com o príncipe Phillip é motivo de comemoração no reino de Ulstead e no reino dos Moors, pois o casamento servirá para unir fadas e humanos. Quando um encontro inesperado introduz uma nova e poderosa aliança, Malévola e Aurora são separadas para lados opostos em uma Grande Guerra, testando sua lealdade e fazendo com que elas questionem se podem ser verdadeiramente familiares. **MAG 1** (leg, 3D): 21h; **MAG 2** (dub): 17h20, 20h; **MAG 3 Atmos** (dub, 3D): 14h, 16h30, 19h. **Manaira 5** (dub, 3d): 12h15 (sáb e dom), 14h45, 17h15, 20h00; **Manaira 6** (leg, 3d): 13h (sáb e dom), 16h; **Manaira 9 Macro XE** (dub, 3d): 14h, 19h15; **Manaira 9 Macro XE** (leg, 3d): 16h30, 22h. **Manaira 10 VIP** (leg, 3D): 13h (sáb e dom), 15h30, 18h15, 21h. **Mangabeira 1** (dub, 3d): 14h, 16h30, 19h15, 20h; **Mangabeira 5** (leg, 3d): 13h (sáb e dom), 15h30, 18h15, 21h. **Tambá 4** (dub): 15h50, 18h05, 20h20; **Tambá 6** (dub, 3d): 14h00, 16h15, 18h30, 20h45.

CONTINUAÇÃO

Abominável (Abominable. EUA. Dir.: Jill Culton, Todd Wilderman. Animação, Aventura, Comédia). Durante uma viagem ao Himalaia, um grupo de pessoas humildes encontra Everest, um Yeti, popularmente conhecido por sua altura extraordinária e por viver escondido entre as incríveis paisagens do sul da Ásia. Agora, os viajantes precisam ajudar Everest na sua jornada de volta para casa. **Manaira 8** (dub): 14h30 (sáb e dom), 18h50 (exceto sáb e dom). **Tambá 5** (dub): 14h45, 18h45. **Tambá 5** (3D dub): 16h45.

A Noite Amarela (Brasil. Dir.: Ramon Porto Mota. Horror). Sete jovens campinenses viajam a uma ilha para festejar o fim do Ensino Médio. Mas ao chegarem lá, se deparam com uma força além do conhecimento. Filme produzido na Paraíba. **Cine Bangüê**: Sáb (19/10), 18h; Qua (23/10), 18h30.

Angry Birds 2 - O Filme (The Angry Birds Movie 2. EUA. Dir.: Thorup Van Orman, John Rice. Animação). Quando surge uma nova ameaça que coloca

as ilhas dos Pássaros e dos Porcos em perigo, Red, Chuck, Bomba e Mega Águia recrutam a irmã de Chuck, Silver, e se unem aos porcos Leonard, sua assistente Courtney e o técnico Garry para juntos estabelecerem uma trégua instável para formar uma improvável superliga que irá salvar suas casas. **MAG 1** (dub): 15h. **Manaira 1** (dub): 13h20 (sáb e dom), 15h45, 18h10. **Mangabeira 3** (dub): 15h, 17h15. **Tambá 1** (dub): 14h20; **Tambá 3** (dub): 14h10, 18h10.

Bacurau (Brasil, França. Dir.: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Ação, Faroeste, Suspense). Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começa a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? **Manaira 8**: 21h20. **Cine Bangüê**: Qui (17/10), 19h; Dom (20/10), 18h.

Clube dos Canibais (Brasil. Dir.: Guto Parente. Terror). Otavio e Gilda são membros do secreto e perigoso Clube dos Canibais. Quando Gilda acidentalmente descobre um segredo de Borges, um poderoso congressista e líder do clube, ela acaba colocando sua vida e a de seu marido em perigo. **Cine Bangüê**: Sáb (19/10), 19h; Qua (23/10), 20h30.

Coringa (Joker. EUA, Canadá. Dir.: Todd Phillips. Drama). Arthur Fleck (Joaquim Phoenix) trabalha como palhaço para uma agência de talentos e, toda semana, precisa comparecer a uma agente social, devido aos seus conhecidos problemas mentais. Após ser demitido, Fleck reage mal à gozação de três homens em pleno metrô e os mata. Os assassinos iniciam um movimento popular contra a elite de Gotham City, da qual Thomas Wayne (Brett Cullen) é seu maior representante. **MAG 3 Atmos** (leg): 21h30; **MAG 4** (dub): 15h; **MAG 4** (leg): 17h45, 20h30. **Manaira 1** (leg): 20h30; **Manaira 2** (dub): 14h40, 17h40, 20h15; **Manaira 4** (leg): 12h30 (sáb e dom), 15h20, 18h00, 20h45; **Manaira 6** (leg): 18h30, 21h15. **Manaira 7** (dub): 3h45 (sáb e dom), 16h20, 19h00, 21h15. **Manaira 11 VIP** (leg): 14h10, 16h45, 19h45. **Mangabeira 2** (dub): 14h45, 17h30; **Mangabeira 2** (leg): 20h15; **Mangabeira 4** (dub): 13h15, 16h00, 18h45, 21h30. **Tambá 1** (dub): 18h20, 20h35. **Tambá 2** (dub): 16h30.

Dor e Glória (Dolor y Gloria. Espanha. Dir.: Pedro Almodóvar. Drama):

Salvador Mallo é um melancólico cineasta em declínio que se vê obrigado a pensar sobre as escolhas que fez na vida quando seu passado retorna. Entre lembranças e reencontros, ele reflete sobre sua infância na década de 1960, seu processo de imigração para a Espanha, seu primeiro amor maduro e sua relação com a escrita e com o cinema. **Manaira 4** (leg): 23h35; **Manaira 8** (leg): 14h30 (sáb e dom.), 19h (qui, sex, seg, ter, qua).

Ela Disse, Ele Disse (Brasil. Dir.: Claudia Castro. Comédia, Romance). O filme acompanha a rotina dos adolescentes Rosa e Leo. Aos 14 anos, eles precisam se adaptar a uma nova realidade e fazer de tudo para sobreviver ao primeiro ano num novo colégio. Provas, amizades, bullying, crushes da adolescência e até mesmo as armadilhas da internet mostram como meninos e meninas muitas vezes sentem as mesmas coisas, mas pensam e agem diferente. **Manaira 8**: 16h50.

Pássaros de Verão (Birds of passage. Colômbia/Dinamarca/México/Alemanha/Suíça/França. Dir.: Cristina Gallego, Ciro Guerra. Drama). A “bonanza marimbera”, o lucrativo comércio da venda de maconha para os Estados Unidos, foi um presságio do que marcaria um país por décadas. Em Guajira, uma família Wayúu sentirá na pele as consequências do choque entre ambição e honra. Sua cultura, tradições e vidas serão ameaçadas por uma guerra entre irmãos, cujo impacto será sentido em todo o mundo. **Cine Bangüê**: Seg (21/10), 19h.

Projeto Gemini (China, EUA. Dir.: Ang Lee. Ação, ficção científica). Henry Brogan (Will Smith) é um assassino de elite que, de repente, se vê perseguido por um misterioso jovem agente que parece prever todos os seus movimentos. **MAG 1** (3D, dub): 15h30 18h20. **Manaira 3** (leg): 15h, 17h45, 20h15; **Mangabeira 3** (dub): 19h45, 22h15. **Tambá 2** (dub): 14h15, 18h45, 21h. **Tambá 5** (dub, 3D): 16h20.

Torre das Donzelas (Brasil. Dir.: Susanna Lira. Documentário). Há desejos que nem a prisão e nem a tortura inibem: liberdade e justiça. Há razões que nos mantêm íntegros mesmo em situações extremas de dor e humilhação: a amizade e a solidariedade. O filme traz relatos inéditos da ex-presidente Dilma Rousseff e de suas ex-companheiras de cela do Presídio Tiradentes em São Paulo. **Cine Bangüê**: Dom (20/10), 16h; Ter (22/10), 19h.

Letra
LúdicaHildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.brRastreador
de paisagens

Impressões do cotidiano cada um tem, a seu modo e dentro de sua circunstância. O homem comum, na azáfama de seu dia a dia; o poeta, com o olhar inaugural exercitado na esgrima das palavras; o antropólogo, atento à tessitura cultural dos fenômenos sociais; o filósofo, interrogando as coisas na sua origem e na sua ontológica condição; o jornalista, seduzido pela verdade factual do detalhe, e o historiador, tramado nas malhas do tempo em que os objetos e os atores coexistem na perplexidade dos acontecimentos.

Pois bem: jornalista e historiador se fundem na personalidade cultural de Thomas Bruno, a observarmos as nuances temáticas e significativas de seu articulismo aqui reunido, fruto de sua militância pelas páginas do Jornal da Paraíba, Correio da Paraíba, a A União, e o Contraponto, a que intitula exatamente de “Impressões do cotidiano”.

Os motivos abordados são os mais diversos possíveis, considerado o elenco de fatos, ocorrências, personagens e coisas que podem formatar a natureza plural e irradiante do cotidiano, na sua singularidade categórica, que, a seu turno, interessa, em suas distintas modalidades cognitivas, às múltiplas áreas do saber.

Matéria que pode se converter em objeto formal de estudo, o cotidiano aparece, aqui, nos textos de Thomas Bruno, sobretudo recortado pelo viés histórico e antropológico associados ao ritmo do periodismo jornalístico. Fruto, na maior parte das vezes, de suas investigações ao mesmo tempo condicionadas pelo apelo científico e pelo teor lúdico de suas explorações, resultantes de pesquisas e viagens, o cotidiano que brota dessas páginas é como que redescoberto na sua riqueza de sentidos e nos seus inesperados sinais simbólicos, artísticos, míticos e sagrados.

Espécie de rastreador de paisagens, de andarilho de sítios ecológicos e mitográficos, de especulador de belezas esquecidas, de historiador de monumentos arruinados e de jornalista que traz a notícia de cacoc culturais, de cenas rupestres, de biomas desamparados, Thomas Bruno faz de seu texto um evento documentário onde a informação curiosa se casa perfeitamente ao caráter político e cidadão com que o os assuntos são tratados.

Da botija ao detector de metal; da Índia de Pedra Lavada à Ribeira de Cabaceira; da rua Maciel Pinheiro, em Campina Grande, ao acendedor de relâmpagos; das águas de março às idiosincrasias do “amigo velho”; dos cariris de Serra Branca às antigas edificações de Livramento; da livraria do Luiz ao cassino Eldorado; dos dezembros de festas ao escavar das sensações, tudo atrai o olhar empático do autor para, da observação detida, retirar o elemento de permanência, às vezes apreendido sob um clima lírico e poético, desta feita muito mais próximo da crônica do que do artigo propriamente dito.

É, sem dúvida, importante recolha como essa. Não somente porque o leitor se vê diante de um conjunto de peças organizadas, dando-lhe conta dos âmbitos que mais importam na formação e na criação do autor, mas, principalmente, porque trabalhos dessa natureza vêm prestar um louvável serviço àqueles que cultivam os setores do turismo cultural, da micro-história - das mentalidades e do imaginário -, do patrimônio ecológico e artístico, da economia solidária, do folclore e do artesanato. Enfim, de tudo que tece as malhas flexíveis do cotidiano em seus poliédricos reflexos, ritos e rituais, fatos, feiras e festas...

Thomas Bruno escreve fácil. Claro, conciso, correto. Informação e opinião se conjugam na formulação das frases, na arquitetura do pensamento, na modelização dos conceitos. Em geral, são textos breves, sucintos, sem o peso das digressões, porém, tocados, em grande parte, pelo halo saboroso das surpresas e das descobertas, dos impactos e das epifanias.

Ao lado de nomes, como Bruno Gaudêncio, João Matias, Jairo César, Thiago Lia Fook, entre outros, Thomas Bruno representa a jovem geração de valores que começam a se projetar no cenário local, dizendo bem ao que veio, com esse “Impressões do cotidiano”, uma vez que com ele compartilha seus escritos com a comunidade leitora nessa utilíssima transição do jornal para o livro. É ler e conferir.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Egnaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Gal Costa em dois tempos

Cantora une passado e presente em registro ao vivo da turnê 'A Pele do Futuro'

Kubitchek Pinheiro
Especial para A União

O CD e DVD de Gal Costa do álbum *A Pele do Futuro - Ao Vivo* (Biscoito Fino), que foi gravado na Casa Natura Musical, em março deste ano, em São Paulo, já está na mão dos fãs e colecionadores. A novidade é a canção "As curvas da estrada de Santos", de Roberto e Erasmo, que ela nunca gravou. A concepção e direção geral é Marcos Preto e a produção musical é de Pupillo. O DVD tem direção da dupla Henrique Carvalhaes e Rafael Gomes. O material também está disponível nas plataformas digitais.

Em sua versão ao vivo, *A Pele do Futuro* é o melhor da Gal de hoje, com o resgate de sucessos do passado. É a nova Gal que expande seu canto, de canto a canto do país, por onde a turnê passou. Em João Pessoa, ela cantou no Teatro Pedra do Reino para uma plateia fiel à baiana que entra no samba e é filha de São Salvador. As 13 canções do disco de estúdio se multiplicam e Gal é novamente Fatal.

O repertório foi selecionado por Gal e Marcos Preto. "A gente foi escolhendo canções que eu gravei nos primeiros discos, que os fãs gostam muito", disse a cantora, em entrevista. Primeiro, canções escritas 1960 e 1970, como "Dê um rolê", de Moraes Moreira/ Galvão; "Mamãe Coragem", de Caetano Veloso/ Torquato Neto; "London, London" de Caetano Veloso.

No segundo momento, vamos ouvir "Volta", de Lupicínio Rodrigues/ "Lágrimas Negras", de Jorge Mautner e Nelson Jacobina/ "Que Pena" de Jorge Benjor; "Motor", de Teago Oliveira (jovem compositor e vocalista da banda baiana Maglore); e "O que é que há", de Fábio Jr. e Sérgio Sá. As duas últimas nunca foram cantadas, nem gravadas por Gal e se transformaram nos primeiros singles lançados antes do projeto físico.

Não é hoje que Gal canta e grava as novas gerações de Silva e Omar Salomão, "Palavras no Corpo", até Dani Black, "Sublime", passando por Marília Mendonça, "Cuidando de Longe". A Gal que canta de Gilberto Gil, "Viagem passageira", a Jorge Mautner, "Minha mãe", e Nando Reis, "Mãe de todas as vozes".

No final do show, para quem não viu, no DVD, Gal arrasa e contamina com um pot-pourri e frevos carnavalescos, com "Bloco do prazer", de Moraes Moreira e Fausto Nilo; "Balançê", João de Barro e Alberto Ribeiro; "Massa Real", de Caetano Veloso; e "Festa do interior", de Moraes Moreira e Abel Silva. "Eu adoro cantar esses frevos. A plateia canta junto comigo e de pé", comenta.

Não está nos planos de Gal voltar a morar no Rio de Janeiro, que considera sua segunda cidade. "Gosto muito, amo o Rio, amo", avisa a cantora, atualmente radicada em São Paulo.

+ Mãe Menininha, disco voador e Brasil

Gal está no CD *Obatalá - Uma Homenagem a Mãe Carmen*, que foi produzido por Flora Gil. "Eu sou do Gantois, desde que Mãe Menininha era viva. Lá, eu canto Carmen, a convite de Flora Gil". Ela também está no disco do baterista Marcelo Costa cantando "Beija-me", de Roberto Martins e Mário Ross. "Eu gravei essa música há muito tempo, mas só agora foi lançado".

Gal acredita em disco voador? "Ah, isso foi em Salvador. Eu estava com Gil, mas a gente não fala porque o povo diz que a gente é doido", diz, aos risos. Para Gal, o Brasil está péssimo: "Estamos vivendo um momento muito ruim, muita violência, muita intolerância".

Gal é mãe de Gabriel, que já tem 14 anos, e gosta de música. "Ele gosta de rap, da minha música e de outros artistas. Já me pediu uma bateria", comenta. Qual a palavra que Gal mais gosta? "Amor! Gostar das pessoas já é bom caminho".

Em sua versão ao vivo, 'A Pele do Futuro' é o melhor da Gal de hoje, com o resgate de sucessos do passado





Assembleia bate recorde em concessão de honrarias

De fevereiro pra cá, dos 142 projetos de resolução apresentados e aprovados, 89 estão relacionados a títulos e honrarias

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

É natural que nos primeiros anos de cada legislatura, os parlamentares (especialmente os novatos) cheguem com mais vontade de trabalhar, mas nada justifica que, ao invés de fiscalização do Executivo e de apresentação de propostas e projetos sobre políticas públicas, a produção de plenário ganhe destaque justamente no campo das honrarias que não representam benefício nenhum para a população.

Apesar de o presidente Adriano Galdino ter dito e repetido que a produção deste ano é um marco diferenciado na história do Poder Legislativo, foi justamente nos projetos de resolução que os atuais deputados mais se destacaram. De fevereiro pra cá, dos 142 apresentados e aprovados, 89 estão relacionados à concessão de títulos e honrarias, 34 a mais do que os deputados da legislatura passada nos últimos três anos (55).

Nos quatro anos anteriores, de 2015 a 2018, os deputados estaduais só desperdiçaram tempo para conceder 115 honrarias, apenas 26 a mais do que os atuais deputados em somente nove meses. "Estão fulanizando as honrarias", afirma o deputado Felipe Leitão que é do DEM e que foi autor de apenas uma. "Realmente, isso é um absurdo", reconhece a presidente da Comissão de Constituição e Justiça, Pollyana Dutra que é



Foto: Nill Pereira

Deputado Felipe Leitão (DEM) não perdoa: "Estão fulanizando as honrarias"; Pollyana Dutra (PSB) reconhece que essas homenagens são exageradas

do PSB e só concedeu uma.

Se o caso chega a chamar a atenção de alguns dos próprios deputados, imagine de técnicos legislativos que trabalham com isso há anos, e também dos mais diversos tipos de curiosos que circulam no dia a dia pelos gabinetes e corredores da Assembleia. "Aqui, o menos homenageado mesmo é o povo", lamenta um desses curiosos, muito mais impressionado ainda com a soma de honrarias aprovadas e apresentadas, mais de cem. E ao que se sabe, esse processo só foi estacado ou

controlado porque, dia desses, numa reunião da CCJ, provocou uma confusão dos diabos.

E um dado curioso e que revela a facilidade com que isso vem acontecendo é constatar que, entre os deputados que lideram o ranking desses projetos na atual legislatura é que a deputada reeleita Camila Toscano (PSDB) chegou a apresentar 13 no decorrer deste ano, nove a mais do que ela mesma apresentou durante os quatro anos do mandato passado, quando concedeu apenas quatro. Como ela, alguns outros



Foto: Nill Pereira

deputados também chegaram a apresentar mais de 10 nesses últimos nove meses.

Os detalhes como nomes de homenageados, datas de apresentação e aprovação dessas matérias - e, sobretudo, suas justificativas - podem ser vistos com facilidade no site oficial da Assembleia Legislativa do Estado. Na manhã da última sexta-feira, tentamos contatos com outros parlamentares que são citados (especialmente os que lideram a concessão dessas honrarias), mas não conseguimos resultados.

Contestando

A presidente da CCJ, Pollyana Dutra (PSB) e Felipe Leitão (DEM) são dois dos parlamentares que consideram que a boa produção legislativa não depende de quantidade, mas na realidade de qualidade, e estranham como foi que a atual legislatura descambou para essa enxurrada de honrarias.

Mas o questionamento desses parlamentares não passa somente pela inutilidade desses projetos no que se refere a benefícios

em favor da população. Mas de despesa mesmo para o Poder Legislativo que tem de arcar com as despesas de confecções de medalhas, troféus ou mesmo diplomas que são concedidos.

Felipe Leitão confessa que tem alguns para apresentar, mas que tem agido com mais critério para esse tipo de projeto, "até porque já cheguei a falar com o presidente e até fazer um discurso na tribuna sobre a necessidade de algum controle", disse.

Para Felipe Leitão, além de não representar produtividade legislativa que beneficia a população, o excesso de honrarias também contribui para "fulanizar" as honrarias porque acaba descambando para concessão em favor de muita gente que na realidade não merece.

"Realmente é preciso ter critérios", completa o líder da oposição Raniery Paulino (MDB) que, este ano, apresentou três e que é de opinião que, em excesso, as honrarias que devem ser um destaque e uma deferência não se tornem algo ordinário.

Opinião parecida tem o deputado Jeová Campos (PSB) que apresentou quatro e que tem mais três para apresentar e conceder. "Eu não apresento em favor de ninguém que não esteja dentro dos critérios técnicos e que não mereça de fato as homenagens", garante o parlamentar.

+ 43 tipos de homenagens

Mas o maior estímulo recebido pelos deputados para apresentar títulos e honrarias talvez nem esteja no deputado. Isso é possível que ele já encontre na Casa que, hoje, conta com nada mais nada menos que 43 honrarias.

Começou com o Título de Cidadão Paraibano que é de 1969 e, nos anos 90, se somou à Medalha Epitácio Pessoa, só que, de lá pra cá, os parlamentares desandaram a criar honrarias. Tem pra todos os gostos e a relação segue abaixo:

Diploma de Honra ao Mérito; Comenda Verde; Medalha do Mérito Jornalístico; Comenda de Mérito Paraibano de Cidadania; Diploma de Honra Ao mérito Legislativo; Comenda de Talento Esportivo Desportista Genival Leal de Menezes; Troféu Mulher Cidadã; Medalha Governador Antônio Mariz; Comenda de Incentivo à Educação Darcy Ribeiro; Título de Honra ao Mérito Funcional; Medalha Dom Helder Câmara; Medalha Augusto dos Anjos; Prêmio Legislativo de Experiências Comunitárias; Medalha Elpídio de Almeida; Medalha Ednaldo do Egypto; Diploma Mulher Cidadã Anayde Beyriz; Diploma Benemérito Por Serviços Relevantes; Medalha de Honra ao Mérito Legislativo Senador Humberto Lucena; Comenda da Paz Chico Xavier; Medalha do Mérito Turístico da Paraíba; Certificado de Qualidade

em Serviço Público Municipal; Diploma Jackson do Pandeiro de Honra ao Mérito Folclórico Paraibano; Diploma de Honra ao Mérito das Ciências Médicas; Diploma Arruda Câmara de Honra ao Mérito em Pesquisas Científicas; Medalha Professor Luiz Mendes de Pontes; Medalha Sindicalista Margarida Maria Alves; Medalha do Mérito Professor Darcy Ribeiro; Título de Mestre das Artes Canhoto da Paraíba; Medalha Papa João Paulo II; Medalha Governador Pedro Gondim; Diploma Criança Cidadã; Certificado de Excelência Ecológica; Medalha do Mérito Literário José Lins do Rêgo; Medalha do Mérito Celso Furtado; Certificado de Responsabilidade Social; Medalha Constituição Cidadã Ulisses Guimarães; Prêmio Administrativo Sustentável da Assembleia Legislativa da Paraíba; Medalha de Honra ao Mérito Doutora Zilda Arns; Troféu Mulher Empreendedora; Diploma de Boa Prática na Aplicação, Divulgação ou Implementação da Lei Maria da Penha; Prêmio Prefeitura Amiga das Mulheres; Prêmio Jornalismo Investigativo da Paraíba; Medalha Ronaldo Cunha Lima; Medalha de Honra ao Mérito Maçônico "Maçom Luiz Gonzaga - Rei do Baião"; Medalha do Mérito Eclesiástico Pastor Firmino Silva; Medalha do Mérito Empresarial José de Paiva Gadelha; e o Diploma Honorífico de Mérito Pela Valorização da Vida.

Na Câmara, o inusitado em dose dupla

Independentemente das despesas que geram para as Casas Legislativas, questões de quantidade e qualidade, na Câmara de João Pessoa, o que chamou a atenção de muita gente esta semana foi a iniciativa tomada por dois vereadores na apresentação de honrarias.

Primeiro da parte da vereadora Eliza Virgínia (PP) que fez a Câmara pagar a confecção de quase 600 "Diploma Estudante Destaque José Lins do Rêgo" para 580 alunos vencedores de prêmios de olimpíadas de conhecimento de julho do ano passado a junho deste ano.

E justamente no momento que tentávamos folhear o calhamaço de 50 folhas que perfazem o projeto de Eliza, de lado do balcão, nos bate um projeto não menos inusitado do vereador Marcus Vinícius (PSDB) concedendo a "Medalha Cidade de João Pessoa" para a Rede Globo de Televisão pelo 50 anos do Jornal Nacional.

O projeto de Vinícius, a bem da verdade, substitui outro que o vereador já havia apresentado em homenagem direta ao Jornal Nacional (não via Rede Globo) pelos relevantes serviços prestados a João Pessoa. Este ainda não chegou na CCJ, mas deve chegar esta semana, mais precisamente amanhã, segunda-feira.



Foto: CMJP

Vereadora Eliza Virgínia (PP) mandou a Câmara pagar diplomas de estudantes

Mas voltando ao Decreto Legislativo de Eliza Virgínia, o que se sabe é que a Câmara bancou e os quase 600 diplomas inclusive já foram entregues na semana retrasada. Alguns vereadores e deputados chegam a considerar muitas

das concessões como "farra das honrarias", algo que se os presidentes das Casas Legislativas não limitarem, só tendem mesmo a desandar e, de pouquinho em pouquinho, também levarem muito recurso pelo ralo.



Foto: CMJP

Marcos Vinícius (PSDB) concedeu medalha a Rede Globo de Televisão

Há 40 anos, Lei da Anistia precedia o fim da ditadura

Perdão aos perseguidos políticos abria caminhos para a redemocratização do país, 15 anos após o golpe

Ricardo Westin
Arquivo do Senado Edição 60

A Lei da Anistia completou 40 anos em agosto passado. Quando assinou a histórica norma, em 28 de agosto de 1979, o presidente João Baptista Figueiredo concedeu o perdão aos perseguidos políticos (que a ditadura militar chamava de subversivos) e, dessa forma, pavimentou o caminho para a redemocratização do Brasil.

Foram anistiados tanto os que haviam pegado em armas contra o regime quanto os que simplesmente haviam feito críticas públicas aos militares. Graças à lei, exilados e banidos voltaram para o Brasil, clandestinos deixaram de se esconder da polícia, réus tiveram os processos nos tribunais militares anulados, presos foram libertados de presídios e delegacias.

O projeto que deu origem à Lei da Anistia foi redigido pela equipe do general Figueiredo. O Congresso Nacional o discutiu e aprovou em apenas três semanas.

Documentos de 1979 sob a guarda do Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que os senadores e deputados da Arena (partido governista) ficaram satisfeitos com a anistia aprovada. O Congresso fez modificações na proposta original, mas nada que chegasse a descaracterizá-la.

“Repetidas vezes afirmou o presidente Figueiredo: ‘Lugar de brasileiro é no Brasil’. Com a anistia, aquela sentença deixou de ser uma frase para se transformar numa realidade palpante”, comemorou o senador Henrique da Rocha (Arena-MA).

“Com suas mãos estendidas no sentido da pacificação, o senhor presidente da República demonstrou a sua formação cívica e espiritual e praticou um gesto de grandeza e coragem”, discursou o senador Milton Brandão (Arena-PI).

Os mesmos papéis históricos do Arquivo do Senado indicam, contudo, que a Lei da Anistia não foi tão benevolente quanto os congressistas da Arena quiseram fazer crer. Na avaliação dos perseguidos políticos, de organizações civis e religiosas e dos parlamentares do MDB (único partido de oposição), o projeto aprovado tinha dois problemas graves.

O primeiro era que a anistia era restritiva. A lei negava o perdão aos “terroristas” que tivessem sido condenados de forma definitiva. Eles não poderiam sair da cadeia. Eram qualificados como terroristas os que, em ataque ao regime, haviam sido condenados por crimes como homicídio e seqüestro. Contraditoriamente, aqueles que respondessem a processos iguais, mas ainda com possibilidade de apelar a tribunais superiores, ganhavam a anistia.

Durante as discussões do projeto no Congresso, os parlamentares do MDB apresentaram inúmeras emendas para derrubar essa exclusão e garantir uma anistia “ampla, geral e irrestrita”, conforme o slogan que se popularizou na época.

“Trata-se de uma discriminação odiosa e injustificável,



Foto: Orlando Brito/Senado Federal

O presidente João Figueiredo assina, em 28 de agosto de 1979, a Lei da Anistia: era o início do fim da ditadura

da, uma aberração jurídica”, criticou o deputado Alceu Collares (MDB-RS). “Quem enfrentou a justiça excepcional, foi condenado à prisão de 20, 30, 40 ou mais anos e encontra-se cumprindo a sua pena não é anistiado, enquanto quem conseguiu escapar do processo, tendo praticado o mesmo delito, será contemplado com os benefícios da anistia. É uma injustiça para os condenados”.

“Anistia é esquecimento, olvido perpétuo. É medida de oportunidade política para começar, com os espíritos desarmados, uma nova marcha para o futuro. Para isso, é preciso a reintegração de todos na vida pública, sem exceção”, acrescentou o deputado Marcos Freire (MDB-PE).

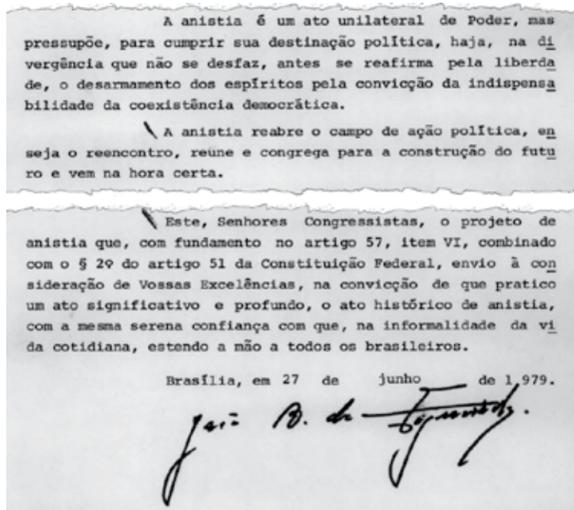
“Não há razão para excluir os condenados por terrorismo. Tiradentes era terrorista e subversivo. Hoje, é herói”, comparou o deputado José Frejat (MDB-RJ).

Figueiredo apresentou sua razão para não perdoar os terroristas condenados. Segun-

do o presidente, o crime deles não era “estritamente político”, mas sim “contra a humanidade, repellido pela comunidade universal”. Quanto aos terroristas ainda apenas processados, que teriam direito ao perdão, ele escreveu numa mensagem remetida ao Congresso:

“O projeto paralisa os

processos em curso até dos que, a rigor, não estão a merecer o benefício. Ao fazê-lo, o governo tem em vista evitar que se prolonguem processos que, com certeza e por muito tempo, vão traumatizar a sociedade com o conhecimento de eventos que devem ser sepultados em nome da paz”.



Mensagem de Figueiredo enviada ao Congresso defendendo a anistia

Humberto Lucena criticou teor do texto

Em 22 de agosto, os senadores e deputados se reuniram na Câmara para votar o projeto. As galerias estavam repletas de familiares dos perseguidos políticos, que viajavam os políticos da Arena e aplaudiam os do MDB. A sessão foi tão tensa que quase houve agressão física entre parlamentares.

A pressão popular, porém, não surtiu efeito. No fim, em votação simbólica (sem contagem de votos), a Lei da Anistia foi aprovada do jeito que o governo queria.

Do lado oposicionista, o senador Humberto Lucena (MDB-PB) leu trechos de um artigo de jornal do pensador Tristão de Athayde para protestar: “Desejávamos uma nova Lei Áurea que anunciasse uma aurora. Deram-nos um ato sem generosidade, sem horizontes abertos. Eu preferiria a temeridade da princesa Isabel. É bem certo que há muita diferença entre 15 anos de arbítrio e 300 de cativeiro. Ora, não existe apenas diferença, e sim um abismo, entre a grandeza da lei de 13 de maio, que fulgirá sempre como um marco luminoso em nossa história pátria, e a estátua pigmeia da Lei da Anistia”.

Nas semanas que se seguiram, inúmeras figuras até então perseguidas desembarcaram no Brasil, entre as quais Leonel Brizola, Miguel Arraes, Luís Carlos Prestes, Francisco Julião, Betinho, Fernando Gabeira, Vladimir Palmeira, Carlos Minc, Darcy Ribeiro e Paulo Freire.

parte do MDB acabou também apoiando o projeto da ditadura. Vanessa Dorneles Schinke, professora de direito da Universidade Federal do Pampa e autora do livro Anistia e Esquecimento (Editora Lumen Juris), explica: “A oposição concluiu que seria melhor ficar com a anistia do governo do que não ter anistia nenhuma. Aquela não era a anistia ideal, mas a possível. Considerando o contexto político de então, a lei de 1979 não deixou de ser uma vitória para a oposição”.

Nos meses seguintes, a própria ditadura libertaria os presos que não haviam sido beneficiados pela Lei da Anistia. Enquanto uns ganharam o indulto do presidente Figueiredo, outros tiveram seus processos revisados pelos tribunais militares.

Seis dias depois da votação no Congresso, Figueiredo sancionou a lei. Nas semanas que se seguiram, inúmeras figuras até então perseguidas desembarcaram no Brasil, entre as quais Leonel Brizola, Miguel Arraes, Luís Carlos Prestes, Francisco Julião, Betinho, Fernando Gabeira, Vladimir Palmeira, Carlos Minc, Darcy Ribeiro e Paulo Freire.

Paraibano foi relator

Assim que o projeto de lei se tornou público, sem prever a anistia ampla, geral e irrestrita, presos políticos deram início a uma greve de fome em diversos presídios do Brasil, pressionando pela retirada do artigo que os excluía do perdão. Eles ganharam o apoio dos parlamentares do MDB. Um grupo liderado pelo senador Teotônio Vilela (MDB-AL) percorreu várias penitenciárias e se encontrou com os condenados, dando voz ao protesto silencioso que eles faziam.

“A paisagem humana que vi é indescritível”, discursou Teotônio após visitar 14 presos políticos do Presídio Frei Caneca, no Rio de Janeiro.

O segundo problema grave que havia na Lei da Anistia, e que os parlamentares do MDB também tentaram derrubar, era o perdão aos militares que cometeram abusos em nome do Estado desde o golpe de 1964, incluindo a tortura e a execução de adversários da ditadura. A lei lhes deu a segurança de que jamais seriam punidos e, mais do que isso, nunca sequer se sentariam no banco dos réus.

Nesse ponto, a lei era propositalmente obscura. Sem citar os militares, dizia que seriam anistiados todos que tivessem cometido “crimes conexos”, isto é, “crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política”. Os agentes da repressão, assim, estariam amparados sob o amplo guarda-chuva dos crimes conexos.

“Que moral tem o governo que exclui uns sob a alegação de terrorismo, mas que nem sequer submete os torturadores a processo? Estes, sim, jamais serão merecedores da piedade humana, porque, como se sabe, não atuam por valores relevantes, mas sim por servilismo ou para satisfazer instintos”, atacou o senador Leite Chaves (MDB-PR).

O projeto teve como relator o deputado Ernani Satyro (Arena-PB). No governo do marechal Costa e Silva, ele havia sido ministro do Superior Tribunal Militar, corte que dava a palavra final sobre o destino dos acusados de crimes políticos. Satyro jogou um balde de água fria nas pretensões do MDB. Ele rejeitou todas as emendas que buscavam incluir na anistia os condenados por terrorismo.

“Os princípios gerais do projeto do governo estão de pé. A anistia será ampla e geral, mas não irrestrita”.

O relator também enterrou as tentativas oposicionistas de retirar do alcance do perdão os militares que cometeram abusos contra os perseguidos políticos. Para ele, isso seria contraditório: “Querem o perdão, mas não perdoam. Gritam pela anistia para os seus, mas apregoam, ao mesmo tempo e incoerentemente, a ideia de uma investigação sobre torturas e violências. Advogam a impunidade dos crimes de seus partidários para que, mais fortes, possam punir a revolução [de 1964]”.

Dando outra estocada na oposição, Satyro concluiu: “O doloroso, para muitos, é saber que a anistia virá, mas virá pelas mãos do governo, por iniciativa do presidente João Baptista Figueiredo. Será atendida, assim, a autêntica voz do povo, que aspira à paz e à conciliação. Isso, para os oposicionistas, importa uma grande frustração, como frustrados se encontram pela abertura que está sendo feita pelo governo da revolução”.

Cartório de Notas do 1º Ofício – Cuité/PB
Noraneide Marinho Nascimento – Tabela Substituta Av. Samaritana Maria Amália de Castilho, 369, Cuité/PB
EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE
A Bela. Noraneide Marinho Nascimento, Oficial do Cartório de Notas do 1º Ofício de Cuité/PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, bem como pela credora BANCO DO BRASIL S.A do contrato 065.702.971 firmado em 25/10/2016, titulado pela fiduciante CASSANDRA DANTAS DOS SANTOS, garantido por Alienação Fiduciária do imóvel sito à Rua José Belarmino Correia, nº 299, Lote nº 13-B, Quadra 1, José Cassimiro Dantas, Nova Floresta-PB, registrado neste Cartório, sob a matrícula 5464 com saldo devedor de responsabilidade de Vossa Senhoria, venho pelo presente, intimá-la para que se dirija a este cartório, situado Av. Samaritana Maria Amália de Castilho, 381, Cuité/PB, onde devem efetuar a purga do débito, no prazo, improrrogável, de 15 (quinze) dias, contados a partir da data desta publicação. Na oportunidade, fica Vossa Senhoria cientificada que o não cumprimento da referida obrigação no prazo estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária – BANCO DO BRASIL S.A, nos termos do Art. 26 § 7º da Lei 9.514/97.
João Pessoa, 16 de outubro de 2019.

Eleições na Bolívia: Morales deve conquistar 4º mandato

Pesquisas indicam vitória do atual presidente já no primeiro turno. Bolivianos também escolherão parlamentares

Agência Brasil/NHK

O povo colombiano vai às urnas hoje. Neste domingo, terá eleições para a escolha de presidente, vice-presidente e para a renovação dos cargos legislativos (senadores e deputados). O atual presidente, Evo Morales, concorre ao quarto mandato consecutivo, com uma candidatura à reeleição questionada pela oposição.

Em fevereiro de 2016, Morales perdeu nas urnas um referendo sobre a possibilidade de reeleição. Os

bolivianos votaram pelo "não", com 51,3% dos votos. No entanto, uma decisão do Tribunal Constitucional, em 2017, habilitou Morales a seguir concorrendo à reeleição indefinidamente, alegando que é um direito humano o de "eleger e ser eleito". A oposição diz que Morales está desrespeitando o voto e a escolha dos cidadãos no referendo de 2016.

Há dois candidatos fortes e em polos opostos na Bolívia. De um lado está Morales, do partido Movimento ao Socialismo, há 13 anos no poder.

De outro lado está o ex-presidente Carlos Mesa, do partido Comunidad Ciudadana. Além deles, participam da disputa Óscar Ortiz, ex-senador, e Chi Hyun Chung, um pastor evangélico coreano-boliviano.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Ipsos aponta para uma vitória em primeiro turno de Morales, com cerca de 40% dos votos; contra 22% dos votos para Mesa. No caso de a votação ir a segundo turno, Morales receberia, de acordo com a pesquisa, 47% dos votos, contra 39% de Mesa.

Outra sondagem, reali-

zada pela Universidad Mayor de San Andrés, prevê um primeiro turno mais apertado entre os candidatos, com 32% para Evo e 27% para Mesa. Neste caso, a votação iria a segundo turno.

Óscar Ortiz tem cerca de 10% dos votos e Chi Hyun Chung, 6%. Os indecisos são cerca de 8% dos votantes. A Bolívia nunca teve eleições em segundo turno. Desde a última quinta-feira (17) os candidatos já não poderiam mais fazer atos de campanha, obedecendo assim as regras eleitorais do país.

Foto: Brazil Photo Press/Folhapress



O atual presidente Evo Morales concorre mesmo após derrota em referendo, quando os bolivianos disseram "não" ao seu direito de se candidatar à reeleição

A entrevista

Muita gente diz que gostaria de votar no sr., mas teme uma nova renúncia em caso de crise social e política. Qual sua resposta?

É a dúvida que mais ouço e a qual estamos tentando dissipar na campanha. É preciso entender o contexto da minha renúncia. Assumi em condições extremamente adversas, com meu antecessor tendo de sair porque o conflito social estava descontrolado, e ele vinha respondendo com mais violência. Eu era o vice, mas de um partido diferente. Portanto, tinha zero parlamentares. Estava com as mãos amarradas. Responderia isso ao motorista que a trouxe, e estou respondendo isso a todos os eleitores. Meu partido [Comunidade Ciudadã] está se preparando para fazer uma boa eleição também para o Congresso. Também estou

estreitando vínculos com sindicatos antes alinhados a Morales e que agora estão descontentes com ele. Outra coisa que não ocorreria é a resposta tão agressiva que o meu antecessor deu aos movimentos sociais, causando tantas mortes. Agirei sempre dentro da lei.

Como o sr. vê o cenário para 20 de outubro?

O panorama é complicado, porque estamos disputando uma eleição desequilibrada. É como se estivéssemos jogando com o campo de futebol inclinado. Morales está fazendo uso irrestrito dos meios de comunicação, e a Justiça está cooptada por ele, tanto que aceitou que ele fosse candidato, contra o que diz a Constituição. O que estamos vendo é uma fraude em desenvolvimento. Ela está acontecendo a partir do momento em que o governo resolveu violar a lei para inscrever a candidatura ilegal de Morales. Além disso, ele tem os meios de comunicação públicos, que divulgam propaganda eleitoral disfarçada de propaganda de governo.

Mas o senhor vê chances?

Cada hora as pesquisas dizem uma coisa. Os meios governistas falam de uma diferença muito grande, mas

Primeiro, disse que Morales deveria aceitar o resultado do referendo. Há poucos meses, porém, esteve em La Paz e disse que a candidatura era legal. Creio que essa ilegalidade não está causando tanta repercussão porque a Venezuela já é um tema bastante pesado para se preocupar na região. E a Bolívia não está na mesma situação que a Venezuela. Aqui não há crise humanitária, e há crescimento econômico. Também creio que há benevolência pelo fato de Morales ser o primeiro presidente indígena. É um erro. Parece-me bom que a Bolívia tenha um presidente indígena, mas eu não o julgo por ser indígena e sim pelo respeito que deveria ter pelos valores democráticos

nas nossas pesquisas temos uma diferença de 4 a 7 pontos, e com grande número de indecisos. Creio que seja uma eleição em aberto. Mas chamo a atenção para uma coisa. Em 2014, Morales ganhou com 63% dos votos. Agora, as pesquisas mais otimistas dão 38% para ele. Isso é o efeito da derrota no referendo de 2016, que colocou parte do eleitorado contra ele. Creio que seja possível levar o pleito a um segundo turno.

Por que a comunidade e os órgãos internacionais não reagiram publicamente a essa quarta candidatura de Evo?

É uma boa pergunta. Luis Almagro (secretário-geral da OEA), que sempre é coerente no modo como ataca o regime de [Nicolás] Maduro na Venezuela, mudou de opinião sobre a Bolívia.

E na economia?

Não vamos poder nos desprender de um dia para o outro do gás e da exportação deste ao Brasil e à Argentina. Além disso, temos de pensar num país com produção mais diversificada para exportação, investir em serviços, comércio e turismo. Precisamos diminuir a informalidade do mercado de trabalho, que é de 60%, e isso só se faz reduzindo a pressão dos impostos.

Qual sua posição em relação à Venezuela?

Considero a última eleição de Nicolás Maduro ilegítima. É um ditador e é preciso promover com outros países uma mudança que leve à redemocratização do país. Se for eleito, nos juntaríamos ao Grupo de Lima e respaldaríamos Juan Guaidó.

Se o sr. chegar à Presidência, qual seria sua prioridade?

Nós não temos um problema econômico dramático imediato, como tem a Argentina. Nossa prioridade seria reconstruir nossa democracia e nossas instituições, que agora se resumem a uma pessoa. Temos uma Justiça corrupta e tomada por membros do MAS [Movimento ao Socialismo, de Evo Morales]. Além de corruptos, os nossos juízes têm incapacidade técnica e jurídica de cuidar dos casos.

+ Mesa crê em 2º turno

Sylvia Colombo
Folhapress

"Vou votar nele, mas tenho uma pergunta. A senhora pode fazer para mim?", diz à reportagem o motorista de táxi Edwin Ynclan, 52, que levou a reportagem até o comitê de campanha de Carlos Mesa, 66, candidato à presidência da Bolívia. "Quero saber se ele teria força para resistir e não renunciar, como fez em 2005."

A dúvida do motorista é compartilhada por muitos dos eleitores que não querem votar em Evo Morales para um quarto mandato consecutivo na eleição de 20 de outubro. A reportagem ouviu de muitos bolivianos a mesma pergunta. Gostam do candidato de centro, mas condenam a decisão de ter abandonado o cargo enquanto o país passava por uma situação delicada.

Mesa é uma figura popular na Bolívia. Ex-jornalista, documentarista, historiador, autor de diversos livros, teve média de 62% de popularidade quando governou o país (2003-2005), mesmo em situação instável. As condições para governar não eram as melhores. Então vice do empresário liberal Gonzalo Sánchez de Lozada (1993-1997 e 2002-2003), Mesa assumiu depois de um enfrentamento entre forças de segurança e grupos de trabalhadores organizados que causou mais de 70 mortes e a queda do presidente à época.

Embora tenha alcançado avanços em outras áreas, Mesa não conseguiu diminuir o atrito com os sindicatos. Foi nesse cenário de distúrbios sociais que o então sindicalista cocaleiro indígena Evo Morales começou a se projetar. Confira a partir de agora a entrevista realizada com Carlos Mesa pela Folhapress dias antes do pleito de hoje:

Como o sr. vê o presidente Bolsonaro?

- Creio que cada país deve se mover de acordo com seus interesses e ser respeitoso com os outros países. Isso se aplica a Bolsonaro.

A Bolívia é campeã na América do Sul em violência contra a mulher. Como mudar isso?

Nós temos boas leis de proteção à mulher, mas faltam educação, mudança de cultura e algumas medidas. Primeiro, proporia salários e direitos iguais, como a licença-paternidade igual à de maternidade. Assim, elimina-se o problema de um empresário preferir contratar um homem porque este não vai se afastar devido a uma gravidez, e o conscientiza de que deve cuidar do filho também. Há um problema cultural hoje em dia que é essa onda de afirmar que há uma "ideologia de gênero" na educação sexual, e que por isso ela tem de ser eliminada. Sou contrário, é preciso mais educação sexual. Temos o feminicídio tipificado como delito grave, porém nossos delegados, nossa polícia e nossos juízes ainda agem sob a lógica machista, então isso atrapalha desde a tomada de um depoimento até a decisão final da Justiça.

reconstruir nossa democracia e nossas instituições, que agora se resumem a uma pessoa. Além de corruptos, nossos juízes têm incapacidade técnica e jurídica

Macri "se peroniza" a poucos dias da eleição na Argentina

Candidato infla o discurso populista, participa de marchas e abraça eleitores na tentativa de reverter cenário

Sylvia Colombo
Da Folhapress

A uma semana do primeiro turno das eleições, os dois principais candidatos à Presidência argentina parecem ter trocado de lugar.

Enquanto Alberto Fernández já fala como presidente eleito, viaja ao exterior para se encontrar com líderes estrangeiros e anuncia suas primeiras medidas, Mauricio Macri sai às ruas, infla o discurso populista e comanda marchas em mais de 20 cidades como um animador de auditório.

A curiosa inversão de papéis é consequência do resultado das eleições primárias de agosto, que deram uma vantagem imensa –de mais de 15 pontos– para o peronista.

A vantagem vem se colocando ainda maior nas pesquisas para o pleito do dia 27. Levantamentos mais recentes mostram que Macri pode ser derrotado já no primeiro turno.

O governista resolveu então intensificar a campanha, com as marchas do "sí, se puede" (sim, é possível) –que dão

certo ânimo ao governo. Uma fonte da Casa Rosada se mostrou animado com a quantidade de pessoas que vêm comparecendo aos atos e afirma que entre a alta cúpula do governo todos acreditam que ainda é possível reverter o resultado.

Abraços e cartazes

De fato, as marchas realizadas até agora reuniram multidões na capital, Buenos Aires, e em Mendoza, Neuquén, Junín e Tucumán.

Acompanhado da mulher e da filha e vestido com roupas informais, Macri agita bandeiras e cartazes e não se furta a abraçar os apoiadores de modo efusivo, um comportamento pouco comum a seu perfil –sua fama é a de um presidente "mauricinho", com o perdão do trocadilho.

Essa, porém, foi a mesma iniciativa que tomou às vésperas do segundo turno, em 2015, quando sua distância para o peronista Daniel Scioli era muito pequena – Macri ganhou a eleição com diferença de apenas 600 mil votos.

Em 2015 e agora, o presi-

dente usa um método chamado por analistas de "peronização": peregrina por bairros populares, deixa-se fotografar abraçado a idosos e bebês e comanda as multidões aos gritos. Em Tucumán, chegou a beijar os pés de uma senhora de 70 anos.

Uma outra estratégia tem sido destacar com mais força temas que interessam ao eleitorado de direita, porque Macri precisa de votos de dois direitistas nanicos, José Luis Espert e Juan Gomez Centurión.

Assim, sua posição sobre aborto, por exemplo, até então ambígua, agora é a de um "defensor da vida", com direito a lenço azul celeste, que identifica ativistas anti-aborto.

Em sua propaganda televisiva, sobram cenas de apreensão de drogas e prisão de narcotraficantes, outra bandeira da direita que ele vinha atenuando nos últimos anos, mas que voltou a empunhar com fervor, anunciando "tolerância zero" com o tráfico.

Com isso, busca atrair especialmente os votos de Espert,



Foto: Fotoarena/Folhapress

Apesar da fama de "mauricinho", Macri tem tentado se mostrar simples, com roupas informais e discursos populistas

que prega "prisão para vida inteira a estupradores" e "nenhum delinquente nas ruas".

Combate à pobreza

Outras estratégias "peronistas", como reavaliar os ajustes, voltando a promover sub-

sídios, ajudas assistenciais e redução de impostos, têm sido menos eficientes. Isso porque, a pedido de governadores, a Corte Suprema do país negou ao presidente o direito de reduzir o imposto provincial.

Ainda assim, Macri tem

voltado a campanha para a ideia de que é necessário ter paciência, que as mudanças que fez na economia darão frutos e que promete intensificar ações de combate à pobreza – que aumentou em seu mandato e hoje atinge a 35,4% da população.

Viajar é bom. Melhor ainda no Galaxy, o Double Decker da Guanabara.

SGPROPAG



JUAZEIRO DO NORTE - CRATO - CAJAZEIRAS - SOUSA - PATOS

SAC 0800.728.1992

GUANABARA



Foto: Delmer Rodrigues

Transplantes de órgãos na Paraíba aumentam 200%

Segundo dados do Sistema Nacional de Transplantes, Estado é o que mais cresce em número de procedimentos em 2019

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

A quantidade de transplante de fígado, realizado pelo Governo do Estado, mais do que quadruplicou só esse ano. O percentual chegou a 450% de aumento. A notícia também é boa quando levamos em conta o total de órgãos transplantados, que aponta para um incremento de 200% a mais no número de cirurgias realizadas. A informação foi passada pela direção da Central de Transplantes da Paraíba (CET-PB). Ao todo, 647 pessoas estão em uma lista de espera porque precisam de algum órgão novo.

O diretor da Central de Transplantes da Paraíba, Luiz Gustavo César, confirmou o recorde no desempenho dos procedimentos. "Estamos comemorando a realização do décimo terceiro transplante de fígado. Até então, a maior estatística deste órgão foi em 2010. Mas já ultrapassamos a marca anterior, antes mesmo do término deste ano", comemorou o médico.

Luiz Gustavo também afirmou que os procedimentos relativos ao total de órgãos transplantados também cresceu. "A quantidade de transplantes, de uma maneira geral, incluindo todos os órgãos, aumentou 200% a mais que em 2019", comemorou o médico.

O secretário de Estado da Saúde, Geraldo Medeiros, destacou os dados referentes ao transplante de fígado e outros procedimentos realizados no Estado. "Tivemos o aumento no número de transplantes de fígado de 450% na Paraíba até o mês de setembro deste ano em relação ao mesmo período de 2018. Fizemos o primeiro transplante de medula óssea com sucesso no Estado em agosto", destacou.

Os dados mais atualizados da Central de Transplantes apontam que existem 647 pessoas ao todo na lista de espera para algum tipo de transplantes. Desses, a maioria (356) aguarda uma córnea; 281 torcem pela chance de um novo rim. Mais nove pacientes estão na fila por um fígado e um paciente tem a esperança de receber um coração saudável para substituir o seu.

Do início deste ano até hoje 102 transplantes de córnea já foram realizados, além de 13 de fígado. Além disso, foram transplantados 20 rins, sendo 14 oriundos de pessoas falecidas e outros seis de doadores que tiveram morte cerebral constatada. As estatísticas da central apontam ainda um procedimento do tipo para medula.

Com relação às doações, a Paraíba registrou 108 de córneas. As captações de órgãos realizadas a partir de pacientes com morte encefálica, resultaram na remoção de oito fígados (sendo 7 transplantados na Paraíba e um em outro Estado) e mais 16 rins (dez destinados a pacientes paraibanos e seis encaminhados a outras unidades federativas).

Rede pública

Na última segunda-feira (14), ocorreu mais um transplante multiórgãos em João Pessoa, totalizando três pessoas que realizaram doação de vários órgãos em menos de uma semana. Foram, ao todo, quatro rins, três fígados, um coração e quatro córneas em uma única semana. Todos os órgãos foram destinados a paraibanos, captados no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa e transplantados na Paraíba. Com esses números, de acordo com dados do Sistema Nacional de Transplantes, o



Foto: Orילו Antônio

O diretor da Central de Transplantes da Paraíba, Luiz Gustavo César, destaca o resultado das políticas públicas implantadas pela atual gestão de saúde estadual

Estado é o que mais cresce em número de transplantes em 2019.

O presidente do Conselho Nacional dos Secretários de Saúde (Conass), Alberto Beltrame, pontuou que os números refletem uma boa gestão e aprimoramento da rede de atenção à saúde.

"Para viabilizar um transplante, o hospital todo precisa se preparar e se qualificar. No fim, quem ganha são todos os pacientes atendidos, pois, utilizarão um serviço mais qualificado como um todo. Todo este círculo virtuoso de aprimoramento da atenção acaba por beneficiar todos os pacientes - independente de serem candidatos a transplante ou não. Assim, sempre fui e continuarei a ser um entusiasta dos transplantes. Paraíba, siga em frente", disse Beltrame.



Um coração depois de dez anos

Na última sexta-feira (6), foi realizada a captação de um coração no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena (HEETSHL), em João Pessoa. Isso representa a quebra de um hiato de dez anos sem esse tipo de procedimento. Para a direção da Central de Transplantes da Paraíba, o fato é resultado das políticas públicas implantadas pela atual gestão de saúde estadual.

"Esta retomada da captação de coração reflete, intrinsecamente, o compromisso da gestão estadual com o tema da doação de órgãos e transplante. Em especial, o secretário de Saúde, doutor Geraldo Antônio. Ele modificou vários aspectos de direção da Central de Transplantes, objetivando o aumento das doações e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida dos pacientes

na fila de espera para um transplante", afirmou Luiz Gustavo César.

No caso do coração captado na semana passada, ele seguiu para Pernambuco, devido à falta de compatibilidade com paciente que estava na lista atual da Paraíba. Luiz Augusto César ressaltou também a importância da qualidade da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que possui profissionais qualificados e especializados em manutenção de potencial doador.

"É uma UTI de alta performance, com profissionais que possuem elevada capacidade técnica. Esse é um dos pilares da manutenção dos órgãos vitais do paciente, que se encontra em morte encefálica", destacou o diretor.

Continua na página 18

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Augusto continua o mais lido

Vou lembrar aqui um episódio conhecido pelos que, porventura, não ficaram satisfeitos apenas com a leitura do "Eu" e procuraram resenhas, resumos ou biografias completas de Augusto dos Anjos.

Um dos citados no episódio é Órris Soares (tio-avô de Jô Soares, dramaturgo e jornalista paraibano, um dos fundadores do jornal "O Norte", que trocou a Paraíba pelo Rio de Janeiro, onde ficou até morrer). Depois da morte de Augusto, Órris organizou a edição de "Eu e outras poesias", incluindo poemas não publicados pelo autor no lançamento do livro (1912). Foi Órris quem revelou que Augusto costumava fazer sua poesia "de cabeça", enquanto gesticulava e pronunciava os versos de forma excêntrica, só depois transcrevendo-os para o papel.

O poeta pernambucano Manuel Bandeira foi quem relatou: "Dias depois da morte de Augusto, ocorrida em Leopoldina, Órris Soares e Heitor Lima caminhavam pela Avenida Central e pararam na porta da Casa Lopes Fernandes para cumprimentar Olavo Bilac. O príncipe dos poetas notou a tristeza dos dois amigos, que acabaram de receber a notícia. - E quem é esse Augusto dos Anjos - perguntou. Diante do espanto de seus interlocutores,

Bilac insistiu: Grande poeta? Não o conheço. Nunca ouvi falar nesse nome. Sabem alguma coisa dele? Heitor Lima recitou o soneto 'Versos a um coveiro'. Bilac ouviu pacientemente, sem interrompê-lo. E, depois que o amigo terminou o último verso, sentenciou com um sorriso de superioridade: - Era esse o poeta? Ah!, então, fez bem em morrer. Não se perdeu grande coisa".

Como bem observou o estudioso Arsênio Meira Júnior: "Bilac, do alto dos sonetos da sua 'Via-Láctea' estava redondamente enganado. Perdemos um poeta único, singular e universal. Hoje, Augusto dos Anjos é mais lido, admirado e estudado do que o pomposo poeta do 'ora direis ouvir estrelas'..."

Verdade. Em novembro de 2014 divulguei duas informações importantes. 1ª) - Uma pesquisa científica desenvolvida por meio de Engenharia da Informação na mídia e na Net verificou 10.064.090 registros e referências crítico-literárias só no Google a respeito de Augusto dos Anjos. 2ª) - Verificou-se que o poeta mais lido da língua portuguesa é Augusto dos Anjos. Em segundo lugar, Fernando Pessoa; terceiro, Camões; quarto, Castro Alves.

Memória da Geração Paissandú

Ao lado de um poste na calçada da rua Senador Vergueiro, na confluência do Flamengo com o Botafogo, no Rio, estou com um grupo de pessoas amigas conversando sobre cinema (como habitualmente às sextas-feiras). Eu sou esse de cabelo encaracolado, vestindo jeans escuro e uma camisa branca, na época que trabalhava na TV Tupi e morava a quatro quarteirões dali. Na esquina havia o Bar Cinerama, Bem ao lado do cinema ficava o bar-lanchonete Oklahoma, onde as discussões pós-filme se estendiam pela madrugada. O Oklahoma tinha um das



piores pizzas do Rio, mas era a única coisa aberta na região após a meia-noite. O Cine Paissandu, tinha, originalmente, 742 lugares. Foi inaugurado em 1960 e funcionou até 1973. Virou emblema da geração que queria mudar o país e o mundo. Como escreveu A. Gonzaga, em "Palácios e poeiras": "Baluarte da

contracultura durante o regime militar, o cinema formou, nos anos 1960, a Geração Paissandu, que agrupava jovens cinéfilos e intelectuais de esquerda". Lembro de pessoas como Glauber Rocha, Caetano Veloso, Wilson Cunha, Walter Lima Jr. e muitos outros sentados nas cadeiras do Oklahoma. Grande tempo de resistência!



Na Paraíba, já são realizados transplantes de fígado, coração, rins, córnea e medula óssea

Foto: Secom-PB

Recusa dos familiares para doação de órgãos chega a 70%

Segundo a Secretaria de Estado da Saúde, esse percentual está bem acima da média nacional, que é de 44%

Cecília Noronha
cecilianoronha2@gmail.com

Apesar da estrutura montada pela CET-PB, em conjunto com a Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba (SES-PB), ainda existe uma forte resistência familiar para doação dos órgãos dos parentes. O percentual de recusa em nosso Estado gira em torno de 70%, quando nos referimos à autorização. Essa média é bem acima da nacional, que fica em 44%.

“É muito frequente temos uma recusa familiar relacionada aos mitos que envolvem este tema, tão importante, mas tão pouco

encorajado quanto à sua discussão no ambiente familiar”, lamentou Luiz Gustavo. “O diagnóstico de morte encefálica é definitivo, não há mais qualquer tipo de atividade elétrica no encéfalo. Neste instante, a família é avisada sobre o óbito do paciente, podendo ou não autorizar a doação de órgãos”, explicou.

Luiz Gustavo ressaltou que a doação é um ato de amor ao próximo “Em nada altera o corpo do paciente doador, não havendo mutilação, ou deformidade corporal”, garantiu o médico. “No mês de setembro, convidamos todas as famílias a refletirem sobre o assunto.

O tema é ‘Setembro Verde’, cujo incentivo à doação de órgãos é estimulado. Não há como fugir desse assunto, pois a principal causa de mortalidade no adulto jovem, no Brasil, são as causas externas”, acrescentou.

Na Paraíba já são realizados transplantes de fígado, coração, rins, córnea e medula óssea. Todos os procedimentos são feitos pelo SUS, sem nenhum custo para o usuário. A equipe de transplantadores é qualificada e passa por um processo complexo exigido pelo Ministério da Saúde. Esse grupo de especialista também é fiscalizado, regu-

larmente, pela Central Estadual de Transplantes.

As principais causas de mortalidade no adulto jovem, considerados potenciais doadores, são externas (acidentes de moto, atropelamento, ferimento por armas de fogo). Todo o mecanismo de doação de órgãos começa a partir do instante em há um paciente sem reflexos neurológicos. Ele é avaliado por equipes para constatar ou não a morte encefálica. Os exames clínicos são realizados por médicos intensivistas, neurologistas e neurocirurgiões. Em seguida, após um intervalo determinado, ocorre a exe-

cução dos exames complementares para o fechamento do diagnóstico de morte encefálica. Neste momento, a família é entrevistada sobre a possibilidade de doação.

A única possibilidade de

doação é por meio da autorização familiar. A legislação atual não permite que qualquer documento de identificação (identidade, CPF, CTPS) possua o item de “doador” em sua confecção.

PRINCIPAIS CENTROS TRANSPLANTADORES

■ Os principais Centros Transplantadores são Hospital Nossa Senhora das Neves (rins, fígado, coração, medula óssea), Hospital da Unimed (rins, fígado, coração), além de dezenas de clínicas de oftalmologia, que realizam o transplante de córnea. Todos os hospitais listados, apesar de serem privados, possuem parcerias com o Sistema Único de Saúde, e todos os procedimentos realizados são gratuitos e acessíveis à toda população.

Toca do Leão

Fábio Mozart

Vai na fé, irmão das almas!

O compadre velho Dalmo Oliveira foi consagrado como Embaixador da Palavra, título que recebeu de uma organização literária da Espanha. Nós, da confraria dos embaixadores da pinga, da Associação dos Sonhadores, Sindicato dos Biriteiros Alternativos, Academia dos Poetas Putos e Lisos, assembleia dos alcoólicos devidamente identificados na caderneta do fiado do bar de Carrá sentiremos a falta deste ilustre companheiro que vai dar um tempo na beira da lagoa do Mundaú, em Maceió.

Dalmo Oliveira de Xangô é um bra-meio assim apoteizado. Explico: faz da vida um eterno começo de festa, um libertário que evolui para saltimbanco fazendo piruetas para a plateia no fio

da meada de uma vida frágil. Quando tinha oito anos, o médico atestou que teria poucos anos de vida. Por ser uma pessoa dessas que avivam a brasa da existência, mesmo que o carvão se extinga, foi enganando a morte com a emoção dos primeiros passos e a exuberância dos ligeiramente ébrios da vitalidade eletrizante esboçada em cada sorriso no palco utópico de la vida.

Por ter represado tantos sonhos vida afora, Dalmo acumulou um belo açude de ideais quiméricos pra ir soltando devagar nas terras alagoanas. Arrisca virar patrimônio imaterial da terra dos marechais, para desgosto de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Certeza pautar solares assembleias e sarau às margens das lagoas

do Mundaú, da Manguaba, do Gunga e outros brejos menos votados, acabando por expor seu orgulho de afrodescendente nas calientes águas da praia do Francês.

Vai na fé, irmão das almas, que tens o dom e a capacidade de abraçar o mundo e ainda sobra espaço para entrelaçar-se com a hombridade e escancarar portas e janelas da autoestima. Em novembro estaremos no Maceió para visita cultural, com uma caravana de poetas cordelistas da Paraíba. Faremos um sarau com as personagens do mundo artístico popular alagoano. Portanto, você tem três meses para se enturmar com tudo que é de poeta de feira, filósofo de mesa de bar, cantor de pé de parede, locutor de rádio pirata, parceiros do

cordel, sons nordestinos do tipo Banda Oxe, uns malucos que acabo de ouvir, uma percussão arrebatadora batendo na lata do pop, reggae e rock bebendo feito doidos na fonte das tradições populares. Pelo que vi, Alagoas tem coisinhas quentes pra agasalhar um espírito libertário de um Dalmo de Xangô. Esse encontro será mediado por Joacir Avelino, paraibano de Itabaiana que está há séculos radicado em Maceió.

Axé pra Dalmo de Xangô e até a próxima edição para recomeçarmos as solenidades multimisturadas da Rádio Zumbi. Dalmo vai conhecer gentes e traduzir lugares. Mas, principalmente, vai furar as fronteiras geograficamente não identificadas do humanismo e da cultura.

Curso de Agropecuária em Alagoinha forma profissionais

Estudantes da Escola Integral Técnica do município aprendem na prática a cultivar o solo e a produzir alimentos saudáveis

Em um espaço da escola, um grupo planta alface, tomate, coentro e repolho, aprendendo na prática a cultivar o solo e a produzir alimentos saudáveis. Essa ação faz parte da disciplina de 'Intervenção Social' do curso técnico em Agropecuária na Escola Cidadã Integral Técnica Agenor Clemente dos Santos, em Alagoinha. O novo modelo de educação foi implantado no início deste ano com o curso técnico integrado ao Ensino Médio, realizado inicialmente com duas turmas: 1º e 2º ano, beneficiando aproximadamente 150 alunos.

A escola, além do Ensino Médio, oferta o 7º e 9º ano do Ensino Fundamental, tendo um total de 422 estudantes. Todos os alunos que estão ingressando no 1º ano do Ensi-

no Médio fazem o curso técnico, que tem a duração de três anos. A escola fica em uma área rural. Segundo o gestor da escola, Neto Camilo Pereira, "a agropecuária é base da economia local, portanto, o curso veio com o objetivo de formar profissionais para atender demandas do setor produtivo da região". No curso são trabalhadas todas as disciplinas básicas do Ensino Médio e as disciplinas diversificadas da Escola Cidadã Integral Técnica, voltado para o projeto de vida dos alunos.

"Topografia", 'Manejo do Solo', 'Irrigação', 'Gestão Rural', 'Meio Ambiente', entre outras, são algumas disciplinas do curso ministradas pelo professor e mestre em Zootecnia, Wendel Pires. Para atrair

a atenção dos alunos para o curso foi necessário promover ações interdisciplinares nas salas de aula. Os professores trabalharam assuntos da agropecuária em cada disciplina: Matemática, Química, Biologia e Português.

"Estamos realizando o projeto 'Cadastramento Ambiental Rural' na disciplina de 'Topografia', em que os alunos visitam a propriedade, fazem a medição, em seguida vamos para a parte computacional, e eles fazem toda arte de gráfica e a documentação. Essa já é uma área da agropecuária em que os alunos podem atuar", disse o professor.

Na escola, os alunos também contam com um espaço apropriado para a plantação de horta, além disso, têm

aulas práticas na Empresa Paraibana de Pesquisa e Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), utilizando como uma fazenda experimental. "Isso é de extrema importância e necessidade, pois os alunos vivenciam a realidade agropecuária da região", observou o gestor.

Marcílio Vieira e Laysa de Araújo são filhos de agricultores e estudantes do curso. Eles têm levado os ensinamentos das aulas para dentro de casa. "O curso está sendo essencial para mim, meus pais não tiveram essa oportunidade que estou tendo, por isso posso ajudá-los e levar para eles meu projeto de vida, que é me formar em agropecuária e zootecnia", contou Marcílio Vieira.

Fotos: Delmer Rodrigues



Na escola, os alunos contam com um espaço apropriado para a plantação de horta e têm aulas práticas na Empaer, utilizando uma fazenda experimental

+ Vemos os alunos como protagonistas, diz professora

Para a professora do Projeto de Vida, Robéria Luiza, o mais importante da escola é ajudar os alunos a descobrirem a carreira que eles querem seguir. "Vemos os alunos como protagonistas, por isso trabalhamos não só a parte profissional, também a parte pessoal: O que eu sou e o que quero ser! Buscamos motivar isso para que eles consigam, mostrando que é possível. Hoje os alunos têm uma segurança, conseguem focar nesse caminho, eles interagem bastante dentro da

sala de aula, por isso realizamos esse momento em um ambiente acolhedor", falou.

Nayanne Gabrielly da Silva é estudante do 3º ano e participou do Programa Gira Mundo em 2018. "Este ano a escola está maravilhosa, as disciplinas diversificadas são muito importantes, isso acarreta muitos conhecimentos para nós. A Escola Cidadã Integral é fundamental tanto para o nosso desenvolvimento psicológico, como também melhora o nosso rendimento escolar, além

de sair preparado para o mercado de trabalho. Foi melhor coisa a escola ter se tornado Cidadã Integral", ressaltou.

Aos 12 anos de idade, Elizeu Santana, faz o 7º ano do Ensino Fundamental. Ele conta que está muito feliz por saber que vai continuar na escola, mas com um novo modelo de educação. "Com o modelo integral, eu vi um progresso na escola, pois os estudos vão além. Meu projeto de vida é terminar meus estudos e ser um médico", disse.



Todos os alunos que estão ingressando no 1º ano do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral fazem o curso técnico, que tem a duração de três anos

**Iúri
Moreira**

iurimoreira.imprensa@gmail.com

TIM lança primeiro laboratório 5G do Nordeste

A TIM anunciou na última quinta-feira, em parceria com o VIRTUS (Núcleo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Tecnologia da Informação, Comunicação e Automação) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Nokia, a ativação do primeiro TIM 5G Living Lab do Nordeste. O projeto utiliza a nova tecnologia em rede real da operadora, conforme licença específica da Anatel. A cidade de Campina Grande (PB) foi a escolhida para abrigar o novo laboratório, o terceiro no Brasil, e que tem como foco a criação de soluções e inovação tecnológica em projetos de pesquisa e desenvolvimento nas áreas de software e automação.

Para liderar um ecossistema favorável ao 5G no Brasil, a TIM optou por atuar no engajamento de empresas de tecnologias, fundações e instituições de pesquisas e ambientes empreendedores para o desenvolvimento de aplicações, produtos e soluções. As aplicações em rede de quinta geração dependerão de tecnologias específicas, como o Mobile Edge Computing (MEC), para viabilizar as altas taxas de transmissão de dados e a baixa latência. E, para isso, as competências na área de programação desenvolvidas no ambiente universitário serão cada vez mais relevantes na formação dos profissionais.

O VIRTUS e o ecossistema de PD&I junto ao Centro de Engenharia Elétrica e Informática da UFCG vêm desenvolvendo parcerias com empresas de diferentes setores há mais de 15 anos. A missão do VIRTUS é criar novas opções de futuro por meio de projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação tecnológica com parceiros da indústria, nas mais diversas áreas de tecnologia da informação, comunicação e automação. Em parceria com a Nokia, o VIRTUS vem atuando em soluções na área de computação na borda e IoT, com foco em diferentes domínios de aplicação, como educação e segurança. A partir dessa experiência, o próximo passo natural foi a integração com redes de alta velocidade através do TIM 5G Living Lab.

"A implantação do 5G Living Lab aqui em Campina Grande destaca novamente o pioneirismo da UFCG no desenvolvimento tecnológico regional. Com toda a experiência adquirida em projetos de PD&I no VIRTUS com diferentes parceiros da indústria, esperamos que esse novo lab se torne um vetor de soluções inovadoras, além de potencializar o desenvolvimento científico e tecnológico regional, com impacto nacional e internacional", Danilo F. S. Santos, Presidente do Conselho Deliberativo do VIRTUS/UFCG.

"A tecnologia 5G trará casos de uso inovadores tanto em aplicações para indústrias quanto para consumidores finais. Ao aliar ultrabaixa latência, velocidade e alta capacidade, o 5G possibilitará uma série de benefícios para diferentes mercados respondendo a desafios de produtividade, segurança e disponibilidade de rede. A parceria TIM, Núcleo Virtus e Nokia vem para liderar essa implementação no Nordeste e reforçar o compromisso das empresas na rápida adoção desta tecnologia", reforça Wilson Cardoso, Chief Solutions Officer da Nokia para a América Latina.

Papo Segurança

Em sua primeira edição, o Papo Segurança Experience é um evento que busca trazer uma nova mentalidade para os profissionais da área de segurança eletrônica. Realizado por Alexandre Rodrigues, do canal Papo Segurança, um dos influenciadores nacional na segurança eletrônica, o evento acontece em noite única, no dia 19 de novembro de 2019 às 19h, e conta com a participação de peso de Anderson Alexandre, Vinnie de Oliveira, Marcos Sousa e Theo peleteiro. O Papo Segurança Experience será realizado na Pink Elephant, no Altiplano. O evento terá um espaço kids para que os pais possam participar tranquilamente do evento. Informações em bit.ly/papoexp

Homenagem

A companhia de teatro do Rio de Janeiro "A barca dos corações partidos" está convocando artistas negros e negras que toquem instrumentos - referencialmente sanfona, baixo e tuba para seleção para o seu próximo espetáculo, que será em homenagem ao paraibano Jackson do Pandeiro. A companhia, de grande renome nacional, é a mesma que montou o musical "Suassuna: O Auto do Reino do Sol", vencedor de diversos prêmios. Eles alertam que os candidatos devem ter intimidade com o ritmo do forró. As inscrições devem ser feitas até o dia 5 de novembro, com link na página da companhia, no Facebook..

Podcast

Conteúdo e tecnologia andam juntos. E a nova moda são os podcasts. A marca Arezzo fez uma parceria com o Instituto Dona da Si, da atriz e empreendedora social Suzi Pires, e anunciou o lançamento da sua primeira série de podcast. Na série de conteúdos serão abordados os temas maternidade, autocuidado, mercado de trabalho e poder coletivo - discutidos com Suzi e convidadas especiais: Angélica, Anna Lima, Clelia Bessa, Izabella Camargo, Viviane Duarte, Andreia Rabetim, Celina Joppert e Adriana Dutra. O primeiro capítulo traz Susi conversando com a apresentadora Angélica, que disse que a maternidade nunca foi romântica para ela. O conteúdo na íntegra está em "ArezzoJuntas" no Spotify.

Línguas

O Departamento de Letras e Artes, através do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba promove dia 5 de novembro, a 1ª Jornada de Intercâmbios Culturais da instituição. O objetivo é promover atividades práticas relacionadas ao projeto de extensão do Laboratório de Línguas Estrangeiras. Os temas escolhidos este ano para as práticas são o "Dia de los Muertos" e o "Dia de la Hispanidad", datas que celebram o dia dos mortos, no México, e a chegada de Cristóvão Colombo as Américas. A jornada vai contar com a participação de professores da UEPB, UFPE e do Instituto Federal de Pernambuco. Mais informações pelo telefone (83) 3344-5302.



Jornalista Andreia Barros, de volta as atividades

Inovação

Nesta segunda-feira, 21, será realizado o UnifacisaSummit, evento que vai trazer tudo sobre inovação tecnológica e empreendedorismo. A palestra de abertura, realizada em parceria com o Sebrae Paraíba, será com uma das referências do país sobre tecnologia da informação, Silvio Meira, às 18 horas. Ele é fundador e presidente do Conselho de Administração do Porto Digital e autor do livro "Novos Negócios Inovadores de Crescimento Empreendedor do Brasil". Para alunos da Unifacisa, a palestra será gratuita. Já para o público externo, a entrada custa R\$ 25 e as vagas são limitadas. Inscrições no site www.unifacisa.edu.br. O evento terá ainda oficinas, painéis e palestras para que os participantes mergulhem fundo no mundo da inovação, tecnologia e empreendedorismo.



Alzira Pitanga ilustrando a coluna



Por Rosa Aguiar
rosacdaguiar@gmail.com



Professora e arquiteta Madalena Zaccara

EXCEPCIONALMENTE

A entrevista deste domingo da Coluna do Meio foi excepcionalmente transferida para as páginas 3 e 4 deste jornal. Feita com o jornalista e escritor Laurentino Gomes, autor dos bestsellers 1808, 1822 e 1889, necessitou de mais espaço para que não fosse necessário editar o conteúdo. Laurentino estará em João Pessoa na próxima quinta-feira, 24, lançando seu novo livro "Escravidão", uma pesquisa de vários anos e que passou por vários países da África. Ele analisa, na entrevista, aspectos de um dos episódios mais marcantes da história do Brasil, que recebeu cerca de cinco milhões de escravos.

INOVA

O Iesp promove um evento de peso entre os dias 26 a 31 deste mês: é a 4ª edição do Festival Universitário Inova Iesp. Serão mais de 250 atrações, entre palestras, bate-papos, oficinas, mostra científica, exposições, atividades culturais e esportivas. O encontro é aberto a estudantes de Ensino Superior e Médio, a profissionais das diversas áreas de conhecimento e a toda a comunidade. As atividades seguem quatro eixos principais: ciência, tecnologia, cultura e esporte. Interessados em participar devem se inscrever através do link even3.com.br/inova19. A abertura oficial será no dia 28, a partir das 19 horas, quando será entregue o Prêmio Inova a profissionais de destaque e haverá a palestra "Esculpindo Memórias: inovação e comportamento na era digital".



Deise Bueno e Josiane Alcântara, nos eventos sociais

NOVIDADE

Está agendada para o dia 11 de novembro a instalação do Escritório Social na Paraíba - um instrumento que faz parte de um dos eixos do Programa Justiça Presente, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e que atuará no desenvolvimento de uma política voltada aos egressos do Sistema Prisional. Os membros do Judiciário estadual e do Poder Executivo ajustaram o planejamento para assinatura do Acordo de Cooperação Técnica (ACT). Segundo o coordenador do Grupo de Monitoramento e Fiscalização (GMF) do Sistema Carcerário no âmbito do TJPB, desembargador Joás de Brito Pereira Filho, o projeto é de grande importância



Parabéns

Ana Berenice Maia, Diego Cartaxo Jácomo, Douglas Monteiro Júnior, Eduardo Galvão Ruffo, Fátima Paulino, Giovanna Avelar, Harrison Targino, Jovanda Moura Furtado Gambarra, Juarez de Miranda Ávila Lins, Laércio de Medeiros Cirne, Lindenberg Guedes, Marcos Aurélio Aires, Maria Helena Almeida, Mariana Loureiro, Mary Caldas, Newton Fernandes Maia Júnior, Pedro Alcântara de Medeiros e Rúbia Valéria Almeida Rezende.

No ar

A Associação Internacional de Transporte Aéreo fez uma pesquisa sobre o que os passageiros buscam em suas viagens de avião. O resultado apontou que eles buscam novas tecnologias para melhorar a experiência de viagem. Eles querem mais controle sobre o processo da viagem via smartphone, identificação biométrica para acelerar o processo, menos tempo de espera na imigração e acesso a internet, durante os voos. O foco da pesquisa foi em processos e tecnologias na experiência de viagem, não nos níveis de serviço de companhias aéreas ou aeroportos. Reservas pelo site da companhia aérea continuam o método preferido da maioria dos viajantes do mundo todo (39%).



Foto: Lucas Marçan/Flu

Fotos: CPB/Divulgação



Marquinhos, do futebol de cinco, conseguiu um dos feitos mais notáveis entre os seus pares. Petrúcio Ferreira é a maior referência no paratletismo internacional e Cícero Nobre coleciona várias conquistas no lançamento de dardos

Livro apresenta perfil de cinco paradesportistas da Paraíba

Jornalista Sérgio Montenegro resume, de forma bem humorada, a luta de paraatletas até chegar ao pódio

Dina Melo

dinapereirademelo@gmail.com

Não fossem os Jogos Paralímpicos, ou os Parapan-Americanos, há quase um silêncio midiático em torno da divulgação de eventos afins. Esta é uma queixa unânime da parte dos deficientes, que buscam, pela via do esporte, um caminho para a superação dos limites físicos – embora sejam as barreiras atitudinais as mais difíceis de superar.

“Feitos paralímpicos – a trajetória de cinco paraibanos na Rio 2016”, do jornalista Sérgio Montenegro, emerge num contexto jornalístico-editorial pouco explorado para suprir esta lacuna. A obra foi lançada na última terça (15), na Universidade Federal da Paraíba, como resultado de uma dissertação em Jornalismo orientada pela professora (também cega) Joana Belarmino, impressos em tinta e em Braille pela Editora A União, da Empresa Paraibana de Comunicação.

“Não só somos menosprezados pela cobertura nacional de tradição, mas, se observarmos bem, até os demais esportes olímpicos fora o futebol, o automobilismo e o vôlei, também caem nesta vala”, compara Marcos Lima, um dos fundadores da Urece Sport e Cultura, associação carioca que desenvolve atividades esportivas e culturais para deficientes visuais como ele.

“Feitos paralímpicos” perfaz a trajetória de cinco atletas paraibanos até as Paralimpíadas do Rio, em 2016: Cícero Nobre e Petrúcio Ferreira (atletismo), José Roberto (goalball), Damião Robson e Marcos Felipe (futebol de 5). Petrúcio, velocista, nasceu sem um dos braços; José Roberto, Damião e Marcos são cegos e Cícero Nobre, que tem uma malformação congênita nos pés, é lançador de dardos. Todos campeões, em diferentes anos e torneios, em suas categorias. São relatos que rememoram a infância de descobertas, os preconceitos indissociáveis da fase de crescimento até a maturidade e o despertar da vocação para a carreira que os projetou.

Por que o Braille?

“Como três dos meus



Zé Roberto, do goalball paraibano, é bicampeão mundial e tri-ouro olímpico, é dono das passagens mais hilárias. Já Damião, do futebol de cinco, arrebatoou o ouro em três Paralimpíadas (2004, 2008, 2016)

“Não só somos menosprezados pela cobertura de tradição, mas, se observarmos bem, até os demais esportes olímpicos fora o futebol, o automobilismo e o vôlei, caem nesta vala”

cinco personagens são cegos (além da minha orientadora), não faria sentido lançar um livro que eles não pudessem ler”, diz Serginho. Foi daí que surgiu a ideia de imprimí-lo numa versão acessível – e A União entrou nesse caminho. Partiu da empresa a publicação dos livros nas versões em tinta e em alto relevo. A EPC doou o acervo para Montenegro, que destinou parte a entidades de reabilitação às pessoas com deficiência locais (como os Institutos dos Cegos de João Pessoa e Campina Grande e a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência – Funad) e de outros estados, ao Setor Braille da Biblioteca Central da UFPB e ao Comitê Paralímpico Brasileiro.

“Estes exemplares contemplam parte de um projeto maior de uma política estadual de inclusão, que precisa ser encampada pelos governos. Trata-se de respeitar as diferenças, propiciar o acesso ao conhecimento e dar autonomia à pes-

soa cega, que não precisará da ajuda de uma terceira pessoa ou de ativar um leitor de telas para realizar uma tarefa como ler”, exalta Albiege Fernandes, diretora de Mídia Impressa da EPC. Durante o lançamento, Damião e Marquinhos, que são pais de crianças que enxergam, disseram que poderão ler para eles as suas histórias.

Publicar “Feitos paralímpicos” foi uma ideia gestada ainda na fundação da Imprensa Braille da União, há dois anos. Hoje, a empresa é pioneira no Brasil na impressão de jornais mensais de conteúdo diverso distribuídos gratuitamente para mais de 100 leitores de toda a Paraíba. “Como deficiente visual, foi gratificante reviver histórias dos amigos retratadas, os preconceitos por eles sofridos. As piores barreiras são as sociais. Precisamos provar o tempo todo que somos capazes: que estudamos, trabalhamos e as limitações impostas pela deficiência não nos impede de buscar os nossos sonhos”, reflete Otto de Souza, que atuou como revisor da obra.

Cícero Nobre

Cícero Nobre é ouro no Parapan de Lima, no Peru, disputado em agosto, e coleciona grandes marcos, como o 2º lugar no Mundial de Atletismo Paraolímpico de Portugal, em 2017, e o 4º nas Paraolimpíadas do Brasil, em 2016, no Rio. O multicampeão lançador de

dardos, de Aguiar, região do Vale do Piancó, que teve breves passagens pelo basquete de rodas, confidenciou, no entanto, que a maior vitória foi quando a mãe cumpriu a promessa de largar o álcool, ao saber da sua classificação para a Rio 2016. “Posso ter conquistado recordes, medalhas, Paralimpíada e Mundial, mas nada se compara ao impacto de ter a minha mãe de volta”.

Petrúcio Ferreira

Petrúcio Ferreira, o “raio desgovernado”, é referência no atletismo e teve uma carreira tão meteórica quanto as suas arrancadas. Do arremesso de peso aos voos nas pistas de 100 e 200 metros, ele inscreveu seu nome na história do atletismo antes mesmo de chegar à maioridade. São tantos títulos em Parapans e Mundiais que, aos 22, o recém-campeão em Lima, no Peru, não dá mostras de parar. É dono do recorde mundial, 10s50, na categoria T47, para amputados de braço abaixo do cotovelo. Aos dois anos, Petrúcio sofreu um acidente numa máquina de moer cana no sítio onde morava com os pais, em Brejo do Cruz.

José Roberto

Nome obrigatório do goalball paraibano, o bicampeão mundial e tri-ouro olímpico Zé Roberto Ferreira é dono das passagens mais hilárias de “Feitos paralímpicos”. Quando criança, o atleta, a despeito de

não ter quase nada de visão em razão de uma retinose pigmentar, pedalava pelos sítios de Lagoa Seca apostando no mapeamento espacial em que os cegos se fiam. No entanto, uma vez, o freio da bicicleta falhou – e havia uma descida de ladeira no caminho. “Tás cego?”, perguntava quem assistia ao menino descer àquela velocidade. “Não, eu sou ceeeeeeego!!”, respondeu, em desabalada carreira.

Marquinhos

Tetracampeão paralímpico pela Seleção Brasileira de Futebol de 5, Marquinhos conseguiu um dos feitos mais notáveis entre os seus pares, uma vez que rompeu a condição de extrema miséria – chegou a pedir esmolas quando criança, junto com o irmão mais velho

(também cego). Isso antes de “ser descoberto” por uma professora do Instituto dos Cegos, que os convidou para estudar e morar na capital. Lá, conheceu os encantos da bola com guizo e o resto é história.

Damião Robson

Um tiro de espingarda disparado acidentalmente por um amigo roubou a visão do cabaceirense Damião, aos 16 anos. O luto decorrente da cegueira foi passageiro, embora não menos traumático. Com o tempo, aprendeu a se reabilitar, andar só e canalizou a antiga paixão pela bola para o futebol de 5. Damião arrebatoou o ouro em três Paralimpíadas (2004, 2008, 2016) e é tricampeão parapan-americano (2007, 2011 e 2015)

+ Trecho da apresentação de “Feitos paralímpicos...”

Um cego que chegava a pedalar 20 km de bicicleta;

Um garoto que, aos 17 anos, trocou o seu conforto para presentear os pais com a primeira casa própria;

Uma criança que, nas peladas, era escolhido para ser apenas um torcedor e tornou-se tetracampeão paralímpico;

Um menino que parou de estudar por não suportar as feridas formadas em seus pés, de tanto caminhar para chegar à escola;

E a fatalidade de um tiro no rosto, que tirou a visão de um garoto de 16 anos e o transformou em tricampeão paralímpico.

Querem tirar a dignidade das pessoas trans, diz atleta Tiffany

Tiffany, de 34 anos, ganhou notoriedade ao estreiar na Superliga feminina de vôlei pelo Bauru, no final de 2017

Foto: Instagram Oficial / Tiffany Abreu

Carlos Petrocilo e João Gabriel
Folhapress

Aos 34 anos e com a consciência de que não terá mais um longo tempo de carreira pela frente, Tiffany Abreu, a primeira jogadora transexual na Superliga feminina de vôlei, divide suas atenções entre as quadras e a plenária da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp).

Na última terça (8), a atleta trocou o tênis pelo sapato, vestiu roupa social e foi para a Casa. Ela é uma das pessoas que tentam barrar o projeto de lei que limita a atuação de transgêneros no esporte paulista.

A proposta do deputado Altair Moraes (Republicanos) estabelece que o sexo biológico seja o único critério para definir se um atleta deve competir na categoria feminina ou masculina. Se aprovada, determinará que mulheres trans só poderão competir entre homens, e homens trans, entre mulheres.

“Querem nos proibir de estar no mercado de trabalho e buscar outro tipo de vida digno como queríamos. Não que as meninas na prostituição deixem de ser dignas. Algumas gostam e, se gostam, têm esse

direito. Mas a maioria está ali porque não tem outra opção”, diz em entrevista à reportagem.

Tiffany ganhou notoriedade ao estreiar na Superliga feminina de vôlei pelo Bauru, no final de 2017. Criada em uma família com católicos e evangélicos, sofreu desde então com críticas vindas de políticos representantes dessas bancadas. “Vivemos em um governo onde tem deuses. Tem Deus na boca e não no coração”, afirma.

A atuação da jogadora no país é avalizada pela Confederação Brasileira de Vôlei, que segue os critérios do COI (Comitê Olímpico Internacional). A determinação da entidade é de que mulheres trans podem competir na categoria feminina se comprovarem ter nível de testosterona abaixo de 10 nmol/L. Confira a entrevista:

“Querem nos proibir de estar no mercado de trabalho e buscar outro tipo de vida digno como queríamos. Vivemos em um governo onde tem deuses. Tem Deus na boca e não no coração”



Tiffany Abreu, a primeira jogadora transexual na Superliga feminina de vôlei, divide suas atenções entre as quadras e a plenária da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

A entrevista

Caso a lei em discussão na Alesp seja aprovada, você teme pelo fim da sua carreira?

- Não vai mudar em nada na minha vida, não existe time de vôlei somente em São Paulo e posso jogar em qualquer lugar do mundo. Eu pretendo jogar no Brasil até o ano que vem e (depois) vou voltar para a Europa. Se for aprovada, só (entrará em vigor) depois que acabar a Superliga (o torneio começa em novembro e vai até abril).

Então como ela afetaria sua vida?

- Estou aqui lutando por crianças e adolescentes trans, que têm o sonho de serem cantor, ator, repórter ou atleta profissional. Eu não perco mais o meu dia de sono, como já cheguei a perder, porque esse homem (Altair Moraes) só quer ganhar fama. Mas a justiça de Deus não falha. Ele vai pagar por isso, e eu vou estar na Europa, bem bonitinha, batendo palma.

Como estão outros atletas trans e a comunidade esportiva em geral diante dessa lei?

- Não existem atletas

trans no Brasil. As atletas (de vôlei em geral) estão pasmas com tanta falta de caráter. Nós estamos perplexas, ainda mais por entrar em regime de urgência (na tramitação da Casa), sendo que urgência no estado deve ser educação, saúde e segurança pública. A urgência é parar as pessoas trans no esporte? A comunidade esportiva, no geral, só se preocupa com o COI, que está acima das confederações, federações. O COI determina, e as entidades seguem. Essa lei vai contra as decisões do COI, e com qual embasamento?

O projeto afirma que o nível de testosterona entre homens e mulheres é bem diferente...

- Não tem uma pesquisa. Ele simplesmente se juntou com a (ex-jogadora de vôlei) Ana Paula e fez isso. Mas não tem nenhum embasamento. Em 2016, o COI decidiu as novas diretrizes e, então, (disse) que não necessitava cirurgia de sexo, era só a testosterona. Fiz (também) a cirurgia, e minha testosterona nunca vai subir porque não tenho produção.

O deputado diz que fez esse projeto baseado em sua experiência de 'quase 40 anos como faixa-preta de karatê'.

- Pergunta se ele lutou contra algum homem trans? Qual a vivência, qual o contato em uma luta para saber se a força é igual, maior ou menor de um homem trans? Ele compara Michael Phelps com Joanna Maranhão. O Michael Jordan com a Hortência. Giba com Sheilla. Não se compara homem com mulher. Estamos falando de mulheres trans e homens trans. É só pegar os meus pontos da Superliga e comparar com as outras jogadoras, vai estar tudo igual. Isso ele não faz, porque sabe que vai ser um estudo inconclusivo para ele.

O que esse projeto significa no Brasil, um dos países que mais cometem crimes contra LGBT?

- Alimenta o ódio, proíbe as pessoas de trabalhar e obriga a ir para a prostituição, onde tem muito mais risco de assassinatos. Querem nos proibir de estar no mercado de trabalho e buscar outro tipo de vida digno como queríamos. Não que as meninas na prostituição

deixem de ser dignas. Algumas gostam e, se gostam, têm esse direito. Mas a maioria está ali porque não tem outra opção

Como você vê as pautas trans e LGBT na política brasileira?

- Pouco a pouco estamos conseguindo nossos espaços. A Erica (Malunguinho, do PSOL, primeira deputada trans eleita em São Paulo) está aqui na Alesp, mas enfrenta várias resistências. Assim como eu enfrentei, outras mulheres e homens trans enfrentam no mercado de trabalho. É difícil para a gente viver em um país onde você tenta ser digna, mas um político tira a sua dignidade.

O projeto cita incorretamente que você foi eleita a melhor jogadora do país em 2018. Acredita que já deveria ter sido eleita a melhor do Brasil ou ter sido chamada à seleção?

- Não é injustiça, os números não mostram isso. Até quando falaram de seleção, meus números estavam abaixo das outras atletas. Como vou ganhar uma coisa que não fiz por merecer? Eu

ser eleita a melhor atleta de um jogo é uma coisa, cada dia uma está melhor na partida. Mas para ser a melhor da Superliga é preciso de uma regularidade muito grande, e eu não tive. Eu fui, sim, a melhor do Brasil nas redes sociais pelos transfóbicos e homofóbicos, que espalharam que a melhor jogadora era homem. Fake news.

Você já foi criticada pelo deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). Sente-se ameaçada por ele ou foi um episódio isolado?

- Vivemos em um governo onde tem deuses. Tem Deus na boca e não no coração. Fazem o que querem, como querem e da forma que querem. Estão afundando nosso país. Quando entrou (o novo presidente), rezamos para dar certo, mas estamos vendo que não é isso que acontece. Fazem críticas pesadas, mas são hipócritas.

Você acredita que o vôlei e a prática esportiva em geral podem contribuir na luta pela igualdade de gênero?

- O esporte é onde se junta pessoas, o rico joga

contra e do lado do pobre, assim como o negro com branco, o índio com o europeu. Somos todos unidos por um objetivo, pessoas que se respeitam. Muita criança filhinha de papai perde o espaço para o menino da favela. O esporte é o lugar onde se encontra respeitado.

Qual importância do esporte na sua vida?

- É o que me fez viver, a ter forças de ser essa pessoa e querer jogar sempre. Minha preocupação é o impacto que essa lei vai fazer no país futuramente. Eu acho que, se o nosso governador sancionar essa lei, estará junto com a discriminação. Daqui a alguns anos, a história mostrará que o governador sancionou uma lei que fere o estado.

De tudo o que você ouviu por ser uma mulher trans, o que mais a chateou?

- A pior ofensa é de chegar numa Câmara onde deveriam ter pessoas cultas e que se comunicassem com clareza e ser tratada como animal, como bicho, por homofóbicos, transfóbicos.

Leila propõe a criação de um refis para as confederações

Senadora e ex-jogadora de voleibol propõe o refinanciamento de dívidas milionárias das entidades olímpicas

Carlos Petrocilo
Folhapress

A senadora Leila Barros (PSB-DF), ex-jogadora de vôlei, tenta aprovar um projeto de lei que propõe o refinanciamento de dívidas milionárias das entidades olímpicas com o governo federal.

Trata-se do Proesp (Programa de Modernização da Gestão do Esporte Brasileiro), similar ao Profut (Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro), que entrou em vigor em 2015.

A intenção da senadora é oferecer a possibilidade de quitar os débitos das entidades em até 240 parcelas (cada uma de pelo menos R\$ 5 mil por mês), com redução de juros e multas.

A contrapartida seria o cumprimento de normas de transparência, como auditoria independente e aplicação de recursos nas modalidades femininas e de categorias de base.

O projeto, aprovado na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, seguiu no último dia 9 para a Comissão de Educação, Cultura e Esporte da Casa. Se for aprovado, ele começará a tramitar na Câmara.

Um dos argumentos de Leila para defender que o Proesp não será só mais um programa de refinanciamento no esporte é a possibilidade de penhorar o patrimônio dos dirigentes em caso de calote.

A proposta também prevê a retenção de 20% dos re-



Leila foi a primeira mulher eleita senadora pelo Distrito Federal e é uma das 12 senadoras dos 81 parlamentares e diz que precisa bater o pé para ser escutada

ursos que as confederações esportivas recebem por força da Lei Agnelo/Piva.

Essa lei destina parte do valor arrecadado pela Caixa Econômica Federal com as loterias para entidades ligadas ao esporte escolar, universitário e de alto rendimento. O COB (Comitê Olímpico do Brasil), responsável por repassar parte dessa verba para 34 confederações dos esportes olímpicos, estima que neste ano elas receberão quase R\$ 109 milhões.

A Comissão de Assuntos Econômicos do Senado soli-

citou ao Executivo uma análise dos impactos financeiro e orçamentário do refinanciamento.

"Embora saiba que existem débitos milionários, não é do meu conhecimento a soma das dívidas de todas as confederações. Essa falta de transparência é outro ponto que o meu projeto visa corrigir", diz a parlamentar.

A ex-atleta formalizou a proposta um mês após a Caixa suspender os repasses da Lei Piva ao COB em abril, por este não possuir Certidão Negativa de Débito (CND). A

suspensão durou apenas um dia, já que a estatal e o governo federal entenderam que o fato de o comitê ter débitos tributários no valor de quase R\$ 200 milhões não o impede de receber os recursos previstos na lei.

Somente na Dívida Ativa da União, o COB está inscrito em R\$ 62 milhões. Em 2017, a Receita Federal entendeu que o comitê também teria que responder pelo passivo de quase R\$ 200 milhões da Confederação Brasileira de Vela e Motor (CBVM).

O COB foi interventor da

CBVM de 2006 a 2012, após denúncias de corrupção atingirem a entidade.

Antes dos Jogos Pan-Americanos, a ex-atleta se reuniu com membros do Tribunal de Contas da União. Disse que temia que a suspensão dos repasses impactasse a participação do país na competição, realizada de julho a agosto no Peru, e na Olimpíada de Tóquio em 2020.

Em outubro de 2017, Carlos Arthur Nuzman, ex-presidente do COB, foi preso sob suspeita de comprar votos no Comitê Olímpico In-

ternacional para que o Rio de Janeiro fosse escolhido sede dos Jogos de 2016. Ele permaneceu na cadeia por 15 dias e está em liberdade, mas ainda é réu nesse processo.

"Os principais prejudicados pela má gestão das entidades são os atletas. Não é justo que o atleta deixe de participar de competições porque a ganância ou irresponsabilidade do dirigente fez com que a entidade deixasse de receber recursos federais", afirma a senadora.

Duas vezes medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e Sydney (2000), Leila começou a carreira esportiva após passar por um teste no time de vôlei do Minas Tênis Clube, em 1988.

Vestiu a camisa da Seleção Brasileira de 1990 a 2000 e também atuou no vôlei de praia, meio em que conheceu o marido Emanuel Rego, campeão olímpico e hoje secretário de esporte de alto rendimento no governo federal.

Leila foi a primeira mulher eleita senadora pelo Distrito Federal e é uma das 12 senadoras numa Casa com 81 parlamentares.

"O congresso, historicamente, tem sido um espaço dominado pelos homens. Diariamente, nós, mulheres, temos que bater o pé para sermos escutadas", diz. "O preconceito, por ser atleta, infelizmente também existe, mas eu entrei pela mesma porta que outros parlamentares e o meu voto tem o mesmo peso."

Natação

Nova gestão assume CBDA e afirma ter uma dívida de R\$ 17 milhões

Carlos Petrocilo
Folhapress

Após seguidas administrações problemáticas, a Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA) tenta tomar um novo rumo, mas encontrará dificuldades para deixar o estágio atual de penúria financeira. Com um passivo de R\$ 17,2 milhões, a entidade tem um déficit mensal de R\$ 76 mil.

Esses dados foram apresentados pelo novo diretor-geral da confederação, Renato Cordani, na última terça-feira (15), em uma entrevista coletiva em São Paulo.

Na semana passada, a Fina (Federação Internacional de Natação) reconheceu o pernambucano e policial militar Luiz Fernando Coelho de Oliveira como novo presidente da CBDA. O mandato vai até 2021.

Oliveira, que mora em Recife, participou da entrevista por videoconferência. Por falta de recursos, conforme explicação de Cordani,

As contas têm fechado no vermelho mesmo depois de a nova diretoria cortar gastos, demitir funcionários e ter fechado a sua sede no Rio de Janeiro - o trabalho funciona no modelo home office.

"As nossas despesas mensais, incluindo folha salarial, são de R\$ 218 mil, e a única receita fixa é de R\$ 142 mil. Isso porque não temos gastos com água e luz", afirmou o diretor.

Para contornar a situação, a diretoria reuniu uma equipe de quase 30 voluntários. Entre eles, os medalhistas olímpicos Djan Madruga e Ricardo Prado. A promessa da atual gestão é de transparência e busca por patrocinios.

O cenário também é pessimista porque a CBDA não deverá contar com os repasses de recursos oriundos das loterias federais e previstos pela Lei Agnelo/Piva no próximo ano.

Da dívida total de R\$ 17,2 milhões, R\$ 7,7 milhões estão sendo cobrados pelo

COB (Comitê Olímpico do Brasil), que faria os repasses do dinheiro da Lei Piva, e R\$ 3,5 milhões de processos trabalhistas.

Há também uma multa de R\$ 2 milhões por conta do descumprimento de obrigações com o patrocínio dos Correios (encerrado no início do ano), além de R\$ 4 milhões em dívidas com fornecedores e prestadores de serviços.

"São gastos da gestão do Coaracy (Nunes, presidente de 1988 a 2017), que é impossível que preste contas. Vamos chegar em 2058, e as contas de 2015 e 2016 não serão esclarecidas" disse Marcelo Jucá, diretor jurídico da confederação.

Na semana passada, Coaracy, 81, foi condenado em primeira instância por fraudes na gestão de recursos da entidade.

Segundo Cordani, a queda de receitas depois dos Jogos do Rio desencadeou demissões e processos trabalhistas. "Tivemos um faturamento de R\$ 50 milhões no

período olímpico, entre 2013 e 2016. Em dois anos, o nosso faturamento caiu para R\$ 12 milhões e, no ano passado, para R\$ 6 milhões", afirmou.

"É uma situação financeira e de governança péssima, um estado de depressão, enquanto temos ido bem nas competições", completou.

A nova diretoria definiu metas e traçou planos para cumprir em curto, médio e longo prazo. O objetivo inicial é garantir a sobrevivência da entidade e recuperar o prestígio. Atualmente, ela é a penúltima colocada no ranking do GET (Gestão, Ética e Transparência), que o COB atualiza para definir os repasses da Lei Piva.

A intenção é que a médio prazo, previsto até o final do mandato de Oliveira (2021), a nova diretoria reduza de forma significativa a dívida milionária, modernize o estatuto e consiga patrocinadores. E a longo prazo, dentro de quatro anos, sanar o passivo, obter superávit e investir nas categorias de base.



Cordani diz que o objetivo inicial é garantir a sobrevivência da entidade

Oliveira tenta se descolar da imagem do seu antecessor, o advogado Miguel Carlos Cagnoni, mesmo tendo sido vice dele. Argumenta que era impedido de opinar. Ambos compuseram a chapa Inovação e Transparência, que comandaria a CBDA no quadriênio de 2017 até 2021.

Cagnoni foi destituído oficialmente da presidência da CBDA no mês passado. Em Assembleia Geral, realizada no Rio de Janeiro, sua saída foi confirmada em votação por unanimidade. Na ocasião, dez presidentes de federações e a comissão de atletas votaram pelo seu afastamento definitivo.

Em sua carta de renúncia, divulgada antes da as-

sembleia, Cagnoni alegou que sofria com problemas de saúde da sua esposa desde 2016 e culpou o bloqueio de recursos pela crise da entidade.

"Apenas o Miguel, o diretor-geral e o financeiro é quem podiam discutir as tomadas de decisões. O próprio Renato, assim como eu, tentou participar e também se retirou", afirmou o atual presidente. "Eu me retirei assim que eu vi que a dívida aumentava e viraria uma bola de neve."

Segundo Cordani, em uma das reuniões com a gestão anterior, foi repreendido por Miguel com a seguinte frase. "A CBDA está no século 18, e não somos nós que vamos conseguir chegar no século 21".

**27ª RODADA****■ Hoje****16h**Internacional x Vasco
Atlético-MG x Santos
São Paulo x Avaí**18h**

Flamengo x Fluminense

19hChapecoense x Goiás
Athletico-PR x Palmeiras**■ Amanhã****19h30**

Bahia x Ceará

20h

Botafogo x CSA

O Flamengo vem de seguidas vitórias no Campeonato Brasileiro e pega o Fluminense no Maracanã para tentar manter a vantagem de oito pontos sobre o vice-líder Palmeiras que joga fora de seus domínios contra o Athletico-PR

Fla-Flu é o jogo mais importante da rodada de hoje pelo Brasileiro

Vice-líder Palmeiras também joga neste domingo e enfrenta o Athletico do Paraná na Arena da Baixada

Da Redação

No primeiro turno houve empate sem gols no Maracanã e hoje as duas equipes voltam a se enfrentar em situações bastantes distintas. Enquanto o Flamengo lidera a competição com oito pontos de distância para o vice-líder Palmeiras, o Fluminense segue na sua luta para se afastar cada vez mais da zona de rebaixamento e na última quinta-feira foi surpreendido pelo Athletico na derrota de 2 a 1, também no Maracanã, local do jogo deste domingo às 18h.

Treinado pelo ex-jogador Marcão, o Tricolor tem

mais uma decisão no Campeonato Brasileiro depois de passar algumas rodadas na zona de rebaixamento. Hoje está na 14ª posição, porém há três pontos da zona da degola.

“A gente sabe que vai ser um jogo contra o líder, está vivendo um ótimo momento. Trata-se de um grande clássico. Acredito muito na minha equipe, no potencial que temos. Não tem um vencedor antecipado. Precisamos de todos fortes para essa decisão”, disse Marcão, em coletiva de imprensa após a derrota para o Athletico..

Já o rubro-negro vive uma excelente fase e vem de vitória de virada sobre o

Fortaleza por 2 a 1, mesmo com os tantos desfalques. Expectativa para o aproveitamento de Filipe Luís, em recuperação, e até mesmo de Rafinha que passou por uma cirurgia na fase. As novidades ficam por conta dos retornos de Bruno Henrique e Everton Ribeiro que não jogaram na quarta-feira passada.

Palmeiras

Com passagem pelo Athletico-PR em 2018, o meia Raphael Veiga conhece bem o adversário do Palmeiras de hoje pelo Campeonato Brasileiro quando enfrenta o time paranaense às 19h, na Arena da Baixada, em Curitiba-PR. Apesar

de reconhecer a força do rival dentro de seus domínios, o jogador acredita em um sucesso palmeirense no duelo deste fim de semana.

“Joguei lá no ano passado, sei o quanto é complicado jogar lá. Será um jogo difícil, mas temos totais condições de ir lá e fazer um bom resultado. Já conseguimos fazer isso em 2016 e em 2018. Se entrarmos concentrados nos quinze primeiros minutos, podemos fazer um grande jogo”, declarou o palestrino, comentando sobre o estilo de jogo do adversário.

“São características de equipe. A Chapecoense veio para cá desse jeito (mais defensivo) e nos trouxe difi-

culdade. O Athletico sairá e também nos trará dificuldades. Não podemos perder a essência do nosso time. Independentemente de como o adversário jogar, temos de manter a identidade”, falou.

Já sobre o futuro do Palmeiras no Brasileirão, Veiga segue confiante em mais uma conquista nacional do Alviverde. “Neste ano, os nossos pontos estão maiores do que em 2016 e em 2018, quando fomos campeões. Lógico que o Flamengo está fazendo um campeonato incrível, temos de tirar o chapéu para eles, mas, enquanto tiver chances, lutaremos pelo título”, concluiu o meia em entrevista ao site do Palmeiras.

Atlético-MG

Para o jogo deste domingo, contra o Santos, em Belo Horizonte, pela 27ª rodada do Campeonato Brasileiro, o técnico Wagner Mancini terá importantes reforços. A partida será realizada às 16h, na Arena Independência.

Ficam à disposição do treinador atleticano o meia Otero, que estava servindo à Seleção Venezuelana, e os três atletas que cumpriram suspensão na última rodada: Geuvânio, Nathan e Cazares.

Suspensão pelo cartão vermelho recebido em Macaé, o meia Vinícius será desfalque diante do time paulista.

Na Boca do Gol

Eudes Toscano

toscanobr@yahoo.com.br

Ruiter e o salto de pescadeira para a Torre Eiffel

A cidade de Pesqueira, a 215 quilômetros de Recife, é considerada a terra do doce, da renda e da Graça. O doce por conta das várias fábricas ali existentes; da renda, por sua diversidade no trabalho artesanal, desenvolvido ao longo dos anos por grande parte de sua população. Já a terra da Graça, é chamada desde a aparição de Nossa Senhoras das Graças, no distrito de Cimbres, no dia 06 de agosto de 1936.

Mas, Pesqueira também se sobressai por conta do seu excelente clima, das mulheres bonitas e de alguns dos seus filhos, que se tornaram famosos no Brasil e fora dele, jogando futebol. Por exemplo: Chico Explosão, jogou no Náutico, Botafogo paraibano e em Portugal; Edivaldo Araújo, passou também por Náutico, ABC, Ceará e Campinense; Paulo Veloso, defendeu o Santa Cruz e seu irmão Luciano Veloso, saiu do Santa para se

sagrar campeão paulista pelo Corinthians em 1977.

No entanto, o seu filho com maior destaque no futebol, nasceu em 1943, no dia 26 de março. Ele deixou Pesqueira em 1961, dando adeus ao Motorista Futebol Clube, indo jogar no Ypiranga de Salvador assinando seu primeiro contrato de profissional com o clube aurinegro da boa terra. Ficou por pouco tempo, tendo seu passe adquirido no final daquele ano pela Associação Desportiva Confiança de Aracaju, clube no qual deixou o seu nome marcado na história do futebol sergipano.

O Confiança conquistou o título estadual de 1962 e teve Ruiter, como artilheiro da competição. A conquista deu o direito de o clube disputar a Taça Brasil de 1963, onde tanto a agremiação, quanto o jogador foram destaques. Ruiter, marcou 09 gols na Taça Brasil, superando o Rei Pelé, que consignou oito gols.

Por um engano da CBD, O craque da camisa dez da Vila Belmiro, foi indicado como vencedor. O erro da CBD, somente foi desfeito por sua substituta, CBF, em janeiro de 2011.

Em 1963, o Confiança novamente chegou ao título e se sagrou bicampeão estadual, tendo mais uma vez o pesqueirense Ruiter, como seu maior marcador. Em 1964, a pressão foi a tônica dos dirigentes do Campinense em cima dos jogadores sergipanos. De uma só vez, o clube paraibano tirou do Confiança, o goleiro Roberto, o médio Ticarlos e seu ídolo maior, que era Ruiter.

O Campinense ganharia também o estadual de 1965, sagrando-se Hexacampeão da Paraíba e Ruiter acabou sendo negociado com o Santa Cruz de Recife. Pouco tempo passou no Arruda, uma vez que no final do ano teve o seu passe adquirido pelo Girondins de Bordeaux da França, por vinte e cinco mil dólares.

O raposeiro ficou no Bordeaux até 1972, não conseguindo títulos expressivos, mas, se tornou um jogador importante dentro do clube. Chegou a uma decisão do campeonato Francês, no ano de 1969, ficando atrás do Saint Etienne com uma diferença de dois pontos. Entre 1973 e 1974, já estava defendendo a equipe do Príncipe Ranier e da Princesa Grace Kelly, em Monaco, ficando com o título de vice-campeão da Segunda Divisão, ascendendo à primeira da terra da grande Brigitte. Bardot.

Ruiter voltou ao Brasil em 1975, depois de uma década de Europa, onde realizou sua independência financeira, e ganhou conhecimentos. Por um tempo residiu em Aracaju e participou de vários jogos beneficentes do Confiança. Já há um bom tempo, ele se divide entre Aracaju e Belo Horizonte, onde tem seus negócios.



Enterro do bando de Lampião ocorreu após batalha judicial

Cabeças dos 11 cangaceiros ficaram expostas no Museu Nina Rodrigues, na Bahia, até fevereiro de 1969

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O dia 12 de fevereiro de 1969 - 50 anos e quatro meses atrás - lembra uma data trágica para o cangaço nordestino. É que, após movimentada batalha judicial promovida por familiares de Virgulino Ferreira da Silva e Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita), as 11 cabeças de cangaceiros degoladas por policiais, na Grota do Angico, em 28 de julho de 1938, foram enterradas. No combate, a polícia obteve apenas uma baixa, o soldado Adrião Pedro de Souza. O tenente João Bezerra, da Polícia Militar de Alagoas, chefe da volante que matou o bandido que na época era o mais procurado do Brasil, foi ferido na perna.

Os cangaceiros Lampião, Maria Bonita, Alecrim Colchete, Elétrico, Enedina, Luiz Pedro, Macela, Moeda, Mergulhão e Quinta-Feira foram degolados com um facão Jacaré. Alguns tiveram os dedos das mãos decepados, para facilitar a retirada dos anéis de ouro, que a maioria dos cangaceiros carregava. Cinquenta anos depois de permanecerem numa macabra exposição no Museu Nina Rodrigues (BA), as cabeças foram enterradas no Cemitério Quinta dos Lázarus. Uma pequena multidão de curiosos assistiu a tudo, em silêncio absoluto. O mito Lampião se acabara, agora, pela segunda vez.

Antes de Lampião ser morto pela polícia alagoana, outra morte importante ocorreu em seu círculo de amigos. Foi a do fotógrafo libanês Benjamin Abraão Botto Calil, o primeiro ho-

mem a fotografar e filmar Lampião e seu bando. Lampião recebeu bem em seu acampamento o fotógrafo, que foi "capturado" pelos cangaceiros Marreca e Juriti. Quando, ansiosamente, Abraão apontou a câmera para Virgulino, este o deteve com a ponta do rifle e exclamou: "primeiro você, depois a gente". Lampião pensava que era uma arma disfarçada para explodir e matar ele e quem estivesse perto, na hora de fotografar.

O escritor Frederico Pernambucano de Melo - até agora considerado a maior autoridade em cangaço no Brasil -, afirma que a simpatia foi mútua entre Lampião e o fotógrafo libanês. Principalmente depois que o cangaceiro soube, pela boca do próprio Abraão, que este havia nascido em Belém, onde Jesus nasceu e que havia se transformado no homem de confiança de Padre Cícero, que lhe confiou a administração das doações em ouro, prata, dinheiro e pedras preciosas, feitas pelosromeiros à Paróquia de Juazeiro.

Ao obter apoio da empresa Aba Filme (Fortaleza-CE), Abraão prometeu a seu patrocinador, Adhemar Bezerra de Albuquerque, fazer um filme completo sobre Lampião, com o propósito de negociar a fita com estúdios estrangeiros. Era uma pretensão dotada de grande desafio, porque a Metro Goldwyn-Mayer, a Paramount e outros gigantes da cinematografia, não haviam nem sequer ousado pensar no assunto. Caso Abraão conseguisse realizar seu projeto, certamente, de acordo com sua concepção, ganharia muito dinheiro.



Fotos: Divulgação

A exposição macabra era a principal atração do Museu Nina Rodrigues, no Estado da Bahia, até serem definitivamente enterradas em fevereiro de 1969

Antes de Lampião ser morto pela polícia alagoana, outra morte importante ocorreu em seu círculo de amigos. Foi a do fotógrafo libanês Benjamin Abraão Botto Calil, o primeiro homem a fotografar e filmar Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião e todo o seu bando

+ A aventura para filmar todo bando

Abraão concebeu esta ideia por volta de 1935. Outros autores acreditam que ele já conhecia Lampião desde 1926. "Ele meteu-se numa roupa de brim azulão, muniu-se com uma câmera fotográfica e outra de filmar e se internou nas caatingas, à procura de Lampião", conta Pernambucano de Melo, em seu livro "Anjos e Cangaceiros". O filme e centenas de fotos foram produzidos em quatro encontros, entre os anos de 1936 e 1937, vadiando pelos sertões de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Bahia e Sergipe. Os diários Associados publicaram essas fotos e um atestado de autenticidade delas assinadas pelo próprio Lampião.

Paralelamente e nos intervalos dos encontros com Lampião, Benjamin praticou diversos atos: Entre os anos de 1916 e 1917, estava numa multidão, em Juazeiro, quando sua aparência impressionou Padre Cícero. Ao pedir a bênção e afirmar que nasceu em Belém, na Palestina, Abraão foi aceito imediatamente pelo sacerdote. Padre Cícero Romão, já gozava de uma aura de santidade, ao transformar uma hósta em sangue, na boca da beata Mariinha Araújo, em 6 de março de 1889. Benjamin, já gozando das prerrogativas de Secretário do Padim Ciço, escolheu Juazeiro para a sede da loja comercial que iria abrir, principalmente agora, que tinha dinheiro.

Fala-se que, gozando da omissão e confiança do Padim Ciço, desviava recursos da Paróquia em seu proveito. Mas, com a riqueza reforçada por uma herança que recebeu de sua mãe, através de seus parentes, os Elihimas, em Recife, abriu uma loja e vendeu bem, pois espalhou o falso boato de que Padim Ciço ia conceder sua última bênção, em Juazeiro, que foi "invadida" por cerca de 40 milromeiros. Além das fotos do padre, Benjamin vendeu o que quis em termo de relíquias. Quando o padre morreu, ele cortou-lhe uma mecha de cabelos e vendeu a preço de ouro aos beatos. E quase foi linchado quando um deles percebeu que o religioso não tinha tanto cabelo assim.

Em 1926 ele já vivia com Josefa Araújo Alves, com quem teve dois filhos Atallah e Abdallah. Mas a data que trouxe lucro para Benjamin abrangeu o período de 4 a 7 de março de 1926. Floro Bartolomeu e Padim Ciço convidaram Lampião e seu bando para marcar fileiras no Exército Patriótico. Lampião foi a Juazeiro e recebeu a patente de Capitão, outorgada pelo auxiliar agrônomo Pedro de Albuquerque Uchôa. Também lhe deram armas novas, uniformes do Exército e dinheiro. A solenidade da transformação dos cangaceiros em soldados, foi fotografada por Lauro Cabral de Oliveira Leite e Pedro Maia, em 8 de abril de 1926.

O encontro de Abraão com o bando de Virgulino, em foto tirada pelo cangaceiro Juriti. Da esquerda para a direita: Vila Nova, não identificado, Luis Pedro, Benjamin Abraão (à frente), Amoroso, Lampião, Cacheado (ao fundo), Maria Bonita, não identificado, Quinta-Feira. Foto de 1936.



Foto: Acervo Abafim



Abraão e sua influência com o "Padim Ciço" do Juazeiro

Fotógrafo do bando de Lampião se colocava entre as dez pessoas mais influentes do círculo do religioso

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Em Juazeiro, Lampião se hospedou no sobrado de João Mendes de Oliveira. Otacílio Alecrim, publicou no Diário de Pernambuco, em 12 de fevereiro de 1933, o artigo "O desencanto de Macunaíma". Era uma crítica à influência de Abraão sobre o Padim Ciço. O destaque: "Francamente, com um turco e uma vitrola, não há Messias que possa ser levado a sério". Abraão falava português com forte sotaque e passava o dia ouvindo uma vitrola na Casa Paroquial de Juazeiro. Ele se colocava entre as 10 pessoas mais influentes do círculo de amigos do Padre Cícero, a ponto de, em 29 de julho de 1930, ser recebido em audiência pelo governador do Ceará, Manoel Fernandes Távora.

Quando padre Cícero morreu, em 20 de julho de 1934, Benjamin fotografou o cadáver em diversos ângulos. Aproveitou o ensejo para cortar mechas de cabelo do "Santo" e vendê-las. Benjamin, nesta ocasião, conheceu Ademar Bezerra de Albuquerque, dono da Aba Film e funcionário do Bank of London e South América Limited, em Fortaleza. Fazia mais de ano que Lampião havia recebido a patente de "capitão" do Exército Patriótico, com a missão de combater os revoltosos da Coluna Prestes. Ele não passou de simples observador do ro-

teiro da coluna, que dispunha de mais de mil homens em armas, a maioria perito em tiros, do Exército Brasileiro.

Lampião, agora, guardava duas mágoas de Benjamin: descobriu ter sido logrado no ouro que trocou com os o-rives de Juazeiro e que sua patente de "Capitão" não era respeitada. Abraão também imprimiu fotos mais do que o combinado com Lampião e as vendeu. Aquilo, de certa forma, punha em perigo o bando de cangaceiros: muitos tinham sido fotografados e filmados de perto e poderiam ser reconhecidos quando fossem às cidades, em missão de espionagem. Benjamin também se mete numa jogada financeira alta, comprometendo, em fiados, mais de cinco mil contos.

Organizou uma vaquejada na Vila do Pau Ferro, em Águas Belas (PE). Hospedou-se na casa de Antonio Paranhos, motorista do coronel da Guarda Nacional Audálio Tenório de Albuquerque, manda-chuva do lugar e coiteiro de Lampião. Em 28 de setembro de 1937, Benjamin tenta filmar o ataque dos cangaceiros de Lampião a Piranhas (AL). O pessoal queria libertar Inacinha, mulher do cangaceiro Gato, baleada e presa pela volante do tenente João Bezerra, o homem que mais tarde mataria Lampião, no cerco de Angico. A operação gorou, porque, a população resistiu e Inacinha estava longe, presa



Acima, o bando em formação para foto; ao lado, o sobrado de João Mendes, no Juazeiro do Norte, Ceará, onde Lampião teria se hospedado

na Pedra de Delmiro Gouveia.

Cira de Brito, mulher do tenente Bezerra, organizou a resistência em Piranhas, para combater os cangaceiros de Lampião. Benjamin não chegou a tempo de filmar a "batalha", por vários motivos. Um rio que devia atravessar estava cheio e, quando entrava na cidade, com seus trajes de brim azul, a população o reconheceu como se fosse cangaceiro e tentou linchá-lo. Depois, Benja-

min teve acesso a uns sub-bandos de Lampião e também fez algumas filmagens. Outros cangaceiros famosos fotografados por ele foram Corisco e Dadá, ao lado da cachorra Jardineira.

Em 29 de dezembro de 1936 O Povo publica a matéria "Sensacional Vitória da Aba Film, uma das mais importantes reportagens fotográficas dos últimos anos" A fita mostrava Lampião, Maria Bonita e o bando todo filma-

dos em pleno sertão nordestino. A tiragem deste jornal foi duplicada e totalmente esgotada. Neste mesmo jornal, em 12 de janeiro de 1937, Benjamin revela que "Maria

Bonita escolheu ser mulher de Lampião por livre espontânea vontade". Esta afirmação contrariava a versão de que ela havia sido raptada e esturpada pelo cangaceiro.



+ Bando era manchete dos jornais da época no país inteiro

Essas matérias só não agradavam a polícia nem ao Exército. Getúlio Vargas se sentia humilhado, por não ter uma polícia tão eficaz, a ponto de neutralizar Lampião e seu bando. A oportunidade de vingar-se do gringo que ia e vinha ao bando de cangaceiros quando bem entendia surgiu em 17 de fevereiro de 1937: Benjamin foi ao Quartel da Sétima Região Militar, no Recife, obter a licença para exibir o filme que fizera sobre Lampião. A oficialidade, além de achar que o filme era uma afronta, mandou prender e maltratar o libanês por uma semana. O filme foi em parte danificado, além do projetor.

Para piorar, Os jornais publicam o documento de autenticidade do filme, assinado por Lampião. A exibição da fita acabou proibida por Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda, no Governo de Getúlio Vargas. As fotografias dos cangaceiros deixavam transparecer orgulho e segurança. Então, foi impulsionado o maior esforço para a apreensão do filme e tudo o mais que Benjamin havia feito sobre Lampião. Benjamin publicou o artigo "No Reduto do Caldeirão, do beato José Lourenço, em 2 de junho de 1937. Lourenço era o fanático líder da Comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, em Crato (CE), responsável pela vida do "Boi Santo", um ídolo considerado sagrado entre os beatos.

Benjamin perambulava entre o Recife e Pau Ferro, onde em 13 de novembro de 1937 produziu quatro imagens, publicadas no Diário de Pernambuco

Nesse íterim, Benjamin perambulava entre o Recife e Pau Ferro, onde em 13 de novembro de 1937 produziu quatro imagens, publicadas no Diário de Pernambuco. Realizou a primeira filmagem de Vaquejada realizada em Pernambuco, tornando a de Pau Ferro muito concorrida. Numa operação negociada por Benjamin, com a Aba Film, Lampião assinava suas fotos como salvo conduto, a quem desejasse transitar pelo sertão. Isto foi revelado pelo tenente Luiz Mariano da Cruz, em 24 de novembro do mesmo ano.

O tenente ainda descreveu o roteiro do bando de Lampião e o poder bélico do grupo. Ao que parece, Lampião não gostou nem seus coiteiros da área, inclusive o coronel Audálio.

O lucro do investimento feito por Benjamin na vaquejada caiu a zero. Benjamin discutiu com um de seus auxilia-

res e o chamou de ladrão. Também teria se apaixonado pela mulher de um deficiente físico, chamado Zé de Rita. E daí, sua morte misteriosa, que permanece até hoje. Audálio Tenório cobrou a Benjamin o que lhe emprestou para a realização da vaquejada. Ele prometeu que iria pagar. Mas, ao fazer um pedido de empréstimo ao primo Francisco Elihimas, este o negou três contos de réis. Sem dinheiro, ele se hospedou num pequeno hotel e brincou quatro dias de carnaval no Clube Internacional da área. Na quarta-feira de cinzas, estava muito



Fotos de Lampião reproduzidas nos jornais eram todas do fotógrafo libanês-brasileiro Benjamin Abrahão Botto

embriagado e quase era atropelado por um bonde.

No início de maio de 1938, ele volta a Pau Ferro e disse a Antonio Paranhos que ia vender seu silêncio, para obter dinheiro. Falaria para as autoridades, quem eram os coiteiros que apoiavam Lampião em Pernambuco e adjacências. Em 7 de maio de 1938, ele retornava de um bar para o hotel em Itaibas (atual Águas Belas, PE), quando foi atacado por um desconhecido e levou 42 facadas. Coincidentemente, as ruas ficaram na escuridão, no momento do crime. Antonio Paranhos tentou socorrê-lo, mas uma voz, saída das trevas, advertiu: "cai fora, cabra, que a encrenca é feia". Atribuíram seu

assassinato ao caso de ele estar apaixonado por Alaíde Siqueira, mulher de Zé de Rita.

Este confessou o crime, mas nem a polícia acreditou que um deficiente da cintura para baixo e franzino, pudesse dominar um home forte e corpulento como Abraão. No dia do crime até hoje, diversas hipóteses foram levantadas para justificar o crime. Numa delas, ele fora queima de arquivo, por parte dos coiteiros que apoiavam Lampião. O próprio Lampião o teria mandado matar, pois se encontrava acampado a apenas dois quilômetros de Águas Belas, no dia do assassinato. Na missa de sétimo dia, só estava presente ao ato o padre celebrante, Nelson de Barros Carvalho.

Sir Lancaster invadiu porto da cidade do Recife há 425 anos

Obedecendo ordens da rainha Elizabeth, corsário inglês liderou 275 homens em ataque para roubar açúcar

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

Há 425 anos três "brigs" ingleses surpreenderam a população da Capitania de Pernambuco, na manhã de 24 de outubro 1594, ao surgirem no horizonte, disparando seus canhões contra o porto do Recife. Era o corsário inglês Sir James Lancaster, com uma tripulação de 275 homens e seis navios que, a mando da rainha Elizabeth, atacava esta importante colônia do Nordeste brasileiro para roubar açúcar – uma mercadoria mais valiosa que ouro na época -, e pau-brasil, a árvore que fornecia uma tinta púrpura, usada largamente na indústria de tintura de tecidos.

Ele conseguiu um butim avaliado em 51 mil libras esterlinas de ouro, hoje equivalente a algo em torno de R\$ 45 milhões. O Brasil, após a criação da União Ibérica, acabava de literalmente pagar caro a um inimigo perigoso porque, como colônia de Portugal, passou a pertencer à Espanha, que disputava as colônias americanas com a Holanda e a Inglaterra. Mais tarde, franceses e holandeses, inimigos da Espanha, invadiram terras brasileiras, mas não conseguiram colonizá-las.

Lancaster não era pirata e sim, um nobre. Mas fazia serviço de pirataria, desde que a mando de poderosos. Então, na qualidade de corsário, ele agia com endosso e bandeira de algum país. E já que a rainha Elizabeth era inimiga de Felipe I da Espanha e também rei de Portugal, a Inglaterra investiu sobre as colônias luso-espanholas, se apoderando de terras, rotas comerciais e mercadorias valiosas. O butim conseguido no saque ao porto do Recife forçou Lan-

caster a alugar 15 embarcações holandesas, extras, a fim de transportar a carga que apreendera.

Este exímio navegador foi um dos responsáveis pela destruição da "grande armada espanhola" em 1588, quando a Inglaterra destruiu todos os navios de guerra castelhanos, sob o comando de Francis Drake. Lancaster permaneceu 31 dias em Recife e, neste tempo, presenteou piratas franceses com uma carga de pau-brasil e uma caravela. Ao que parece, não temia reações: em nenhum momento se preocupou em enfrentar uma esquadra luso-espanhola, pois cuidara em aumentar a sua frota, com os navios que saqueava e apreendia.

Pernambuco suportou calado o desaforo. E o corsário inglês chegou com seus navios abarrotados em Londres, um ano depois. A rainha Elizabeth recebeu um obséquio de 3.500 libras esterlinas de ouro em sua conta pessoal, fora os lucros do butim que passaram a constar como patrimônio da coroa inglesa. E por que Recife foi alvo deste ataque? Pernambuco era a capitania mais próspera do Brasil em 1594. E produzia um açúcar de primeira qualidade, com razoável aceitação no comércio mundial, considerado o "ouro branco" do Novo Mundo.

A rainha Elizabeth recebeu um obséquio de 3.500 libras esterlinas de ouro em sua conta pessoal, fora os lucros do butim que passaram a constar como patrimônio da Coroa



Sir James Lancaster trazia com ele uma frota de seis navios equipados com canhões que foram disparados por 275 homens a bordo das embarcações

Extraído da cana-de-açúcar, era sinônimo de ouro para a Europa

Este pozinho branco extraído da cana-de-açúcar chegou a ser escriturado como herança deixada por Duques, Reis e Barões da Europa para seus descendentes. Não era à toa que os Ingleses, Franceses e Holandeses cobiçavam as colônias luso-espanholas do Nordeste brasileiro, onde o solo aceitava bem este plantio,

sinônimo de ouro. Lancaster, para ter sucesso, estudou bem o local que atacou. Raposa dos roteiros náuticos sabia o mar que singrava e a terra que iria pisar.

O nobre inglês escolheu Recife pela riqueza do açúcar e por ter pesquisado bem as rotas marítimas do Nordeste brasileiro. Em 1588 ele apreendeu cartas

náuticas e manuscritos da navegação luso-espanhola em caravelas portuguesas a serviço da Espanha. E durante quatro anos enviou espiões para o porto do Recife, com a missão de informar os melhores pontos de ataque. Daí o sucesso da invasão a Pernambuco. O homem que atacou o Recife era veterano dos mares.

Em 10 de abril de 1591 partiu de Plymouth com os navios Raymond e Foxcroft, na sua pioneira viagem para a Índia. A viagem de retorno, desastrosa, ceifou diversas vidas. Somente 25 homens retornaram a Inglaterra em 1594. Ele aproveitou a experiência que adquiriu para planejar o ataque ao Recife, de êxito total. As capitânicas vizinhas, Bahia e Paraíba, não tiveram condições para enviar ajuda. E Lancaster deitou e rolou na capital pernambucana. Alquebrado, o reino luso-espanhol não estava bem das pernas, desde o desastre da "Invencível Armada", contra navios de guerra ingleses - os small ships.

E Lancaster, que durante a batalha contra a "Invencível Armada Espanhola" comandava o brig inglês Edward Bonaventurino, conhecia a fragilidade dos navios de guerra luso-espanhóis, que eram postos a pique por causa de sua grande altura após a linha d'água. Os vasos ingleses, pequenos em comprimento e altura, mandavam balaços certos contra o casco das naus inimigas. Os tiros disparados pelos bergantins espanhóis, quase sempre passavam por cima das embarcações da Inglaterra. Daí porque Lancaster tornou-se o terror dos mares, no âmbito das colônias portuguesas.

A névoa que envolvia o porto do Recife, no dia do ataque, favoreceu os planos de invasão de Lancaster, que deu ordem para a sua frota avançar sempre atirando na direção da linha do cais. O estrago foi demolidor: danos totais em 16 navios luso-espanhóis, explosão do paiol de pólvora da guarda costeira e uma

baixa de aproximadamente 150 homens em terra, entre arcabuzeiros, artilheiros de canhões e soldados da guarda. Os defensores mutilados gritavam de dor em meio à fumaça, quando Lancaster e seus homens botaram os pés em terra.

A partir daí, o saque foi em dobro: piratas de armas em punho saqueavam barcos de diversas nacionalidades, principalmente os que se relacionava, comercialmente, com Portugal e Espanha. Houve certa colaboração de marinheiros sob as ordens de capitães holandese e os os abusos foram vários, inclusive os de estupros. Conta-se que Lancaster juntou ouro, prata e pedras preciosas, que em linha reta dariam mais de 100m de extensão, com altura acima do pirata, com as mãos erguidas. Oitenta bois foram anexados ao butim. Durante 31 dias Lancaster e seus lugares-tenente ocuparam as principais casas do Recife, até se fazerem ao largo.



O açúcar era produzido em grande escala na região Nordeste e muito cobiçado

Assadinho nutritivo de inhame e aveia

Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- 150g de inhame cozido em água e sal
- 1 ovo inteiro
- Temperos a gosto (usei sal, pasta de alho, cebola e salsinha picadinha)
- 50g de queijo ralado
- 1 colher (café) de fermento em pó
- 1 colher (sopa) bem cheia de farinha de aveia
- farinha de trigo para empanar
- 1 colher (sopa) de manteiga derretida para untar a forma

Modo de preparo

- 1 - Escorra muito bem os inhames para tirar o máximo de água e amasse com um garfo
- 2 - Junte o ovo inteiro batido, os temperos, o queijo ralado, o fermento e a aveia e mexa bem para incorporar todos os ingredientes.
- 3 - Molde os bolinhos com cuidado, enfarinhando a mão para que não grude
- 4 - Passe levemente pela farinha de trigo para empanar e coloque na assadeira com a manteiga derretida.
- 5 - Role os bolinhos para que a manteiga os envolva por completo.
- 6 - Leve ao forno preaquecido na temperatura de 240° C por aproximadamente 30 minutos
- 7 - Vire os bolinhos na metade do tempo com cuidado, para que dourem dos dois lados.



Fotos: Reprodução/Internet

Lasanha de abobrinha light

Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- 1 colher de café de noz-moscada
- 1 colher de sopa de salsa e cebolinha
- 30g de queijo mussarela light
- 50ml de água
- 100g de abobrinhas
- 100g de peito de peru
- 100g de molho de tomate
- 150g de queijo tipo cottage
- Sal a gosto

Preparo

- Salpicar sal nas fatias de abobrinhas e deixar por 10 minutos aproximadamente. Espremer para retirar o excesso de líquido. Misturar o queijo cottage com sal, a noz-moscada, a salsa e a cebolinha. Diluir o molho de tomate básico com água. Montar a lasanha em camadas, peito de peru e o queijo cottage. Repetir as camadas até a finalização dos ingredientes. A última camada deve ser de molho de tomate. Cubra com a mussarela e leve ao forno para gratinar levemente.



Yakisoba caseiro

Por: Tudo Gostoso

Ingredientes

- 300g de espaguete
- 1 cebola grande cortada em pedaços médios
- 1 colher (sopa) de óleo
- 1/2 maço pequeno de brócolis
- 1/2 maço pequeno de couve-flor
- 10 colheres (sopa) de molho shoyu
- 400g de carne cortada em firas
- 100g de champignon
- 1 cenoura cortada em rodela
- 250ml de água
- 1 colher (sopa) de amido de milho, dissolvido em 50ml de água
- Acelga a gosto

Modo de preparo

- 1 - Cozinhe o macarrão em ponto al dente e reserve.
- 2 - Em uma panela, adicione o azeite, a cebola, a carne e refogue bem.
- 3 - Adicione o molho shoyu e cozinhe por 3 minutos em fogo médio.
- 4 - Acrescente mais água, aguarde levantar fervura e adicione o amido de milho.
- 5 - Mexa até engrossar, abaixe o fogo e adicione o champignon, a couve-flor, o brócolis e a cenoura.
- 6 - Cozinhe por 8 minutos e acrescente, por último, a acelga e o macarrão.
- 7 - Misture bem, acerte o sal e tampe a panela por mais 1 minuto.





Foto: Divulgação

Uma vida ativa, com atividades físicas, lazer, eventos sociais e companhia, é fundamental para um envelhecimento saudável

Uma conquista da humanidade

Viver mais já é uma realidade. Agora, é preciso falar sobre preconceito, tabus e respeito aos idosos

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

O envelhecimento populacional é uma realidade consolidada mundialmente. A longevidade amplia-se a cada dia, sendo mencionada na literatura como a maior conquista da humanidade. Na verdade, projeções apontam que a cada segundo duas pessoas no mundo celebram 60 anos de vida. É o que afirma Matheus Figueiredo Nogueira, doutor em Saúde Coletiva e pesquisador na área do Envelhecimento e Saúde do Idoso.

Segundo explica Matheus Nogueira, a proporção de idosos cresce mais rápido que as outras faixas etárias. "Estimativas preveem 2 bilhões de idosos no mundo em 2050. No Brasil, a evolução do envelhecimento populacional publicada pelo IBGE mostra que em 2010 eram 19 milhões de brasileiros idosos e, em 2019, essa popu-

lação já ultrapassa os 30 milhões. As projeções sugerem que em 2031 teremos no Brasil mais idosos que crianças/adolescentes menores de 15 anos e que em 2060 teremos 1 idoso a cada 4 brasileiros. Em números absolutos, a população idosa brasileira irá ultrapassar a marca dos 60 milhões até o ano de 2050", ressalta.

O pesquisador, que também é professor adjunto do Curso de Enfermagem da UFCG, ao comentar como vem se dando o envelhecimento da população, explica que a população idosa no Brasil cresce em ritmo bastante acelerado. "Esse fenômeno é citado na literatura como "revolução demográfica", pois antes o Brasil que era um país de jovens, atualmente vem exibindo um perfil populacional mais envelhecido, marcado pelo nítido aumento da expectativa de vida que se aproxima dos 76 anos", revela.

Ele acrescenta que, na

Paraíba, a expectativa de vida ao nascer já ultrapassa os 74 anos. Na verdade, segundo esclarece, o Estado da Paraíba de maneira geral apresenta características etárias semelhantes, com população de idosos superior a 13% em 2019, conforme estimativas do IBGE. Matheus Nogueira informa, ainda, que a população de idosos no Brasil representa em torno de 14,5% do contingente total.

"A esperança de vida ao nascer, que vem ampliando-se nas últimas décadas, é reflexo do sistema de saúde pública, indústria químico-farmacêutica, saneamento básico, escolarização, previdência social, infraestrutura urbana e regulamentação no mercado de trabalho. Embora tais condições ainda precisem avançar muito, são relevantes as suas influências no envelhecimento da sociedade brasileira", analisa.



Condições de vida afetam saúde

Na opinião do pesquisador, os idosos estão se preocupando mais com a saúde, nos tempos atuais. Ele afirma que as condições de acesso aos serviços de saúde, públicos ou privados, são muito mais viáveis nos dias atuais. "Os serviços de saúde estão cada vez mais próximos e funcionais, mesmo com os desafios constantemente enfrentados nos fluxos da rede de atenção à saúde. Os profissionais de saúde, em boa parte, exercem com eficácia a educação em saúde. A mídia veicula muitas informações que tem grande impacto na cobrança pelo autocuidado em saúde. Cada elemento desse conjunto tem o seu papel no estímulo ao idoso em preocupar-se mais com a sua saúde. Afinal, todos queremos viver com saúde e qualidade de vida", salienta.

Segundo acrescenta Matheus, vale destacar que, embora o cuidado à saúde do idoso ainda insista em ser efetivado por meio de práticas ligadas ao modelo biomédico hegemônico, outras ações no campo da promoção e proteção da saúde respaldadas pelo entendimento de múltiplos determinantes sociais que incidem sobre o processo saúde-doença são observados em distintos equipamentos de saúde, especialmente aqueles da atenção primária. Dessa forma, há uma maior preocupação com a alimentação, com a prática de exercícios físicos, com a adesão terapêutica diante de doenças crônicas, com a redução do consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo, etc., que são atitudes comportamentais essenciais para um envelhecimento saudável.

O pesquisador na área do En-

velhecimento e Saúde do Idoso explica que o envelhecimento ativo e saudável é determinado por diversos fatores, desde condições genéticas até ambientais, culturais, políticas e sociais. Ele entende que, nessa lógica, é particularmente verdadeiro que as condições de vida provocam influência ao longo do curso da vida e no melhor ou pior desfecho da velhice.

O doutor em Saúde Coletiva acrescenta que o Brasil, infelizmente, ainda não está plenamente preparado para suportar o massivo contingente de idosos que vem crescendo aceleradamente. Matheus observa que existe todo um aparato legal que assegura os direitos dos idosos em diversas dimensões (saúde, educação, lazer, moradia, transporte, assistência social, previdência, etc.), como a Constituição Federal, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e o Estatuto da Pessoa Idosa, mas na prática ainda são observados muitos desafios a serem superados.

"Existem problemas no atendimento preferencial, na garantia de acesso à rede de serviços de saúde, na previdência, no benefício de prestação continuada, na oferta de serviços educacionais, de lazer, esportes e cultura, na segurança, na habitação, dentre tantos outros. Muitos direitos já foram conquistados e muitos avanços são nítidos, mas é necessário que o idoso seja realmente visto como prioridade nas políticas sociais e na implementação dos programas de atenção a esta parcela da população. Todos os direitos do idoso devem ser protegidos para assim preservar a sua saúde física, mental, moral, intelectual, espiritual e social", conclui.

Falta afeição às pessoas mais velhas

O especialista explica por que não temos uma cultura de "afeição" ao idoso, que quase sempre surge como alguém que atrapalha, que incomoda, que dá trabalho e despesas. "Culturalmente, a pessoa idosa é enxergada pela população mais jovem como alguém improdutivo para a sociedade, especialmente porque a aposentadoria, muitas vezes, o marginaliza do meio social, da vida pública e do mercado de trabalho. Isso rotula uma inutilidade do idoso que deveras não é verdadeira. É uma questão de desengajamento social explicada pelas teorias sociológicas do envelhecimento", observa.

Ele acrescenta que o idoso, quando frágil, demonstra dependência para higiene pessoal e do ambiente, alimentação, oferta de medicamentos, companhia, mobilidade, dentre outros. E essas necessidades normalmente geram uma sobrecarga de trabalho para quem cuida do idoso frágil. "É indiscutível, portanto, que os idosos frágeis realmente exigem disponibilidade de atenção e de maiores recursos financeiros. Diante dessa realidade, é necessário estimular cada vez mais o envelhecimento ativo e saudável na perspectiva da manutenção da autonomia e da independência pelo maior tempo possível, para assim, chegar à velhice com qualidade de vida. Esse cenário

já vem sendo desenhado nos últimos anos, em que os idosos não mais desengajam-se da sociedade precocemente, mas continuam ativos e participativos em eventos, viagens, mercado de trabalho, etc.", examina.

No entender do pesquisador, a forma como a nossa sociedade trata o idoso é uma questão dicotômica. "Aprendemos desde cedo que temos que respeitar e tratar bem os idosos, porque cronologicamente são mais velhos e mais experientes, além de serem mais vulneráveis socialmente. No entanto, o que vemos amplamente é um grande desrespeito à população idosa", complementa.

Entretanto, Matheus Nogueira pondera que não é um desrespeito generalizado, pois em alguns contextos ainda é possível visualizar o idoso sendo "valorizado" - quando esse tem uma aposentadoria que assegura o sustento da família, por exemplo. "Talvez a sociedade continue a pensar que não está envelhecendo ou que não será idosa um dia. Essa conjuntura expõe o idoso a situações de negligência, desrespeito, abandono ou quaisquer outros tipos de violência (física, psicológica, sexual, etc.) que comprometem a sua saúde, a sua dignidade e a sua vida. Em suma, o Estatuto da Pessoa Idosa deveria tornar-se mais operativo", afirma.

“É necessário que o idoso seja realmente visto como prioridade nas políticas sociais e na implementação dos programas de atenção”

Matheus Figueiredo



Foto: Divulgação

Sociedade impõe estilo de vida "adequado" às pessoas idosas

A roupa, o comportamento, os hábitos... Por que é preciso viver de maneira diferente só por conta da idade?

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A velhice é o fim da vida ou seria o tempo de aproveitá-la? Chegar aos 60 anos traz muitos estigmas de comportamentos e de ideias; o idoso muitas vezes é tratado como alguém descartável, que está à espera da morte, ou como uma criança, sem poder tomar decisões por vontade própria. Tratar uma pessoa desta forma por conta da sua idade é preconceito e tem nome: ageísmo.

O termo é desconhecido por Gorete Campos, de 66 anos, mas as atitudes de quem comete esse tipo de discriminação, ela conhece muito bem. Vão desde comentários maldosos que ouviu durante uma viagem com suas amigas, a outros do tipo: "Você não tem idade para agir assim." Mas nada disso a abala. "Eu nem respondo. Porque é inveja, tem vontade de fazer o que eu faço, mas não tem coragem", sorri.

Gorete vive uma vida um pouco incomum para o que a sociedade considera normal em uma pessoa idosa. Aquela velhinha que fica em casa cozinhando, tricotando e cuidando dos netos está longe de fazer parte da personalidade de Gorete. A viúva, mãe de dois filhos e avó de dois netos não abre mão de viajar e viver a vida da maneira que a deixa feliz.

Há poucos dias, ela voltou de uma viagem ao México. Já conheceu 13 países e quase o Brasil inteiro, pratica yoga e não sai de casa sem estar com a unha feita, brincos nas orelhas e anéis nos dedos. As roupas são sempre vivas e alegres, assim como ela. "Eu não sigo rito de moda, eu gosto de roupa que me deixa à vontade. Amo roupas coloridas e estampadas. Sou um pouco vaidosa, mas não sou escrava da beleza, eu me cuido. Fazer as unhas para mim é sagrado.



Gorete mantém o frescor e o prazer de viver e garante que não se incomoda com as críticas que ouve: "Isso é inveja porque não podem fazer o que eu faço", brinca

Mas esse negócio de passar base, antirrugas, eu uso só um creme hidratante", disse.

Apesar de ter muitas amigas que têm o mesmo espírito jovem, ela reclama das que não a acompanham para saídas noturnas. "Do meu grupo, elas até que são como eu, a diferença é que eu sou muito elétrica, adoro sair, andar, um barzinho no final de semana. E aqui em João Pessoa a minha turma é mais acomodada para a noite. Dizem que eu gosto muito de rua e que não tem essa energia toda."

Até os netos reconhecem que têm uma avó diferente da maioria. O mais novo disse que ela deveria doar algumas das "400 mil" roupas que tem. Já os colegas da neta comentaram que ela era "uma avó fashion". Mãe de dois filhos que moram longe, uma em São Paulo e outro em Porto Velho, ela não abre mão de viajar para visitar os netos ou de recebê-los em casa. "Quando chegam aqui, eles fazem o que querem, dentro dos limites. Julho é sagrado, eu passo em São Paulo, pego meu neto e vou para Porto Velho,

onde comemoramos o aniversário da minha neta."

Outra paixão de Gorete são os filmes. Ela conta que vai ao cinema várias vezes na semana se tiver um filme que goste. Recentemente, se rendeu às séries do serviço de streaming Netflix. Ela gosta de se atualizar e trocou a TV a cabo pela praticidade de assistir o que quiser, onde quiser. "Hoje, não vou tanto ao cinema porque ultimamente não tem bons filmes dentro do que eu gosto. Estou me dedicando mais ao Netflix. Eu gosto de séries ago-



ra, antes eu era resistente, mas ultimamente estou assistindo umas séries que estou ficando até fanática", contou.

Qual é o segredo para ter um estilo de vida jovem e sem se importar com regras ou comentários alheios? A pela boa Gorete atribui à genética, mas a sua mente ativa, aos exercícios físicos e yoga. O mais importante é sempre estar de bem

com a vida. "A cabeça da gente é que define tudo, então eu acho que pra ter uma vida melhor e saudável, antes de tudo a gente tem que trabalhar a espiritualidade; segundo, procurar uma alimentação saudável mas não tão radical, exercício físico. O meu segredo é que eu faço yoga há 24 anos, atribuo a minha qualidade de vida e a minha saúde à yoga."

+ Preconceito muitas vezes está dentro da família, afirma promotora

A promotora da Cidadania e Direitos Fundamentais e do Idoso de João Pessoa, Sônia Maria de Paula Maia, comentou que vê o preconceito contra o idoso frequentemente, principalmente dos familiares. Ela contou que recebe com frequência casos de filhos querendo interditar os pais idosos por conta do seu estilo de vida. "A gente

teve um caso de uma idosa, de 63 anos, que conheceu um rapaz mais novo, e eles começaram a namorar. Os filhos não queriam e começaram a dizer que ele queria explorá-la financeiramente. Mas eles só

querem ser felizes. Os filhos até queriam interdita-la, mas ninguém interdita ninguém pelo fato apenas de achar que a pessoa está agindo de determinada maneira que eles não concordam", explica.

Apesar de haver casos de pessoas idosas que são exploradas financeiramente, na maioria das vezes não é isso que ocorre. A promotora explicou que uma interdição só ocorre se a pessoa tiver um transtorno mental muito grave. "Todos têm o direito de serem independentes e felizes. Você não pode de maneira nenhuma querer castrar a pessoa e puni-la, impedindo-a de exercer a sua cidadania, de ser feliz. Eu chamei os filhos e disse que não tinha nenhum problema dela querer ser feliz, ir para as festinhas dela, para as serestas, viajar e namorar."

Ela explicou que, no caso da idosa que estava namorando um homem mais novo, não existia exploração financeira e sim preconceito dos filhos. "A felicidade consiste nas pequenas coisas, no amor, ou seja, ela pode gostar de alguém, não interessa se é mais jovem. Se aquela pessoa está lhe fazendo bem, é um direito que a pessoa tem. É o que eu sempre digo, cada caso é um caso. Existem casos

em que a família pode intervir, mas outros não. Tem também a questão da vestimenta. Dizem que a pessoa não tem idade nem corpo para vestir certas roupas, mas não interessa se a pessoa é gorda, velha, se ela se sente jovem e bonita, ela usa a roupa que desejar."

Além disso, o idoso tem o direito de ser independente e morar sozinho. Muitos familiares fingem uma preocupação com o estilo de vida do idoso, quando, na verdade, querem explorá-los. "Além do mais, a própria lei diz que o idoso tem o direito de morar sozinho se essa for a vontade dele. Ter 60 anos não quer dizer que a pessoa está inativa ou não está em condições de viver a sua vida. As pessoas acham que só porque são idosos, eles são incapazes. Se a pessoa está bem e feliz, a vida só termina com a morte, enquanto estiver vivo, aproveite, vá para festas, igreja, não fique muito tempo em casa porque a pessoa que fica muito tempo em casa se isola da sociedade."

Foto: Divulgação



///Ter 60 anos não quer dizer que a pessoa está inativa ou não está em condições de viver a sua vida. Muitas pessoas acham que idosos são incapazes. Se a pessoa está bem e feliz, a vida só acaba com a morte///

Promotora Sônia M. de Paula

Mercado já oferece serviços voltados ao público mais velho

Agências de turismo, profissionais da saúde e professores de educação física descobrem nicho de atuação

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Com o envelhecimento da população, aumenta o número de pessoas acima de 60 anos, aposentadas ou não, em busca de uma melhor qualidade de vida. Esse tipo de idoso procura ter uma vida ativa e independente, sendo um consumidor mais exigente, com isso, obrigando o mercado a se reinventar para oferecer novos serviços e produtos para esse público.

Já é possível observar, por exemplo, a existência de academias, estúdios, centros de convivência, instituições e professores particulares de dança de salão, personaltrainer, psicoterapeutas, fisioterapeutas, cuidadores e enfermeiros e outros profissionais que têm serviços dirigidos especificamente à saúde, lazer e interação social dos idosos.

A professora de Educação Física, Cilene Figueiredo, atendida com os apelos do mercado para atender o segmento dos idosos, além de prestar serviços de apoio à caminhada e acompanhamento de exercícios ao ar livre para cerca de 120 pessoas, promove excursões turísticas mensais voltadas para o público idoso, onde mistura, lazer, dança e interação social durante as visitas a parques, balneários e praias, nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

“Geralmente, viajo com um grupo de 50 idosas provenientes do Centro de Convivência do Idoso e das aulas de hidroginástica que também ofereço na Academia Hidro-Saúde, de minha propriedade. Procuro sempre ir antes no espaço previsto para visitação, para ver que tipo de serviços e lazer são oferecidos no local, se o mesmo é adequado em termos de acessibilidade para os idosos, se é um local plano, se não tem muitos degraus, além de altos e baixos. Em suma, a gente tem que ver antes a estrutura física do local. Esta semana fiz uma excursão para o BigBlue Parque Aquático, na Praia de Búzios, Nísia Floresta (RN)”, relata.

Cilene observa que a maioria da sua clientela nas caminhadas e nas excursões é formada por idosas. Já na hidroginástica, a procura é maior por parte dos idosos do sexo masculino. “Trabalho com um tipo de idoso ativo e que mostra uma certa independência nas suas atividades diárias. As pessoas se divertem muito nesses passeios e sempre buscam novas excursões. Eu tenho idosas que afirmam ter uma reserva em dinheiro guardada mensalmente só para os passeios. Então, todo mês tem que ter um canto diferente para levar as idosas. Quanto mais distante, elas gostam mais”, assegura.

Pessoas com mais de 60 anos formam público mais exigente, obrigando o mercado a se reinventar para oferecer serviços e produtos mais elaborados



Com independência financeira e tempo mais livre, os idosos procuram cada vez mais serviços com atenção especial, que levam em consideração seus gostos, seus limites e, principalmente, sua capacidade de se divertir e ser feliz

+ Profissionais de saúde atuam com foco no idoso

Diogo Antônio Barros Coutinho, fisioterapeuta com especialização em traumatologia, geriatria e formação em pilates, é mais um profissional que atesta um aumento da procura por parte dos idosos de serviços não só para tratar, mas para prevenir problemas de saúde. “A fisioterapia está ligada ao movimento. Então, com o processo de envelhecimento, a tendência é os sistemas irem sofrendo uma decadência e, com isso, o movimento vai ficar mais lento e como priorizamos o movimento, ou seja, a qualidade do movimento, o foco principal da fisioterapia é o idoso, principalmente devido a essas perdas funcionais”, detalha.

Segundo explica Diogo Coutinho, a fisioterapia é muito procurada e muito importante para deixar o idoso mais ativo, prevenir as quedas, alcançar uma maior flexibilidade e agilidade. “A fisioterapia anda lado a lado com o processo de envelhecimento, tanto na prevenção como na

manutenção e na reabilitação. A procura é grande e crescente nesses três segmentos: manutenção, prevenção e reabilitação. A gente vê que o estímulo é a própria vontade do idoso querer se manter ativo na sociedade. Eu particularmente acho que 98% do público que atendo é idoso”, revela.

O especialista observa que é muito importante estimular e promover o lazer para os idosos, e as agências estão investindo muito na questão do turismo idoso, principalmente relacionado ao turismo religioso, porque a religião é bem forte no Brasil.

Diogo Coutinho explica que o trabalho com idosos atualmente é transdisciplinar, o que abre mercado para mais profissionais de saúde, além do médico, enfermeiro, nutricionista e psicólogo, com a inserção do terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, nutricionista e o psicopedagogo. “Infelizmente o acesso é bastante reduzido pela questão financeira, mas se o idoso

tiver paciência o SUS oferta todos esses serviços”, orienta.

Com relação à parte ocupacional do idoso, ele entende que é preciso uma política de emprego para a população acima dos 60 anos. Muitos idosos têm poucas opções ocupacionais remuneradas e para muitos daqueles que alcançam a aposentaria e quer permanecer atuante a única alternativa é trabalhar por conta própria.

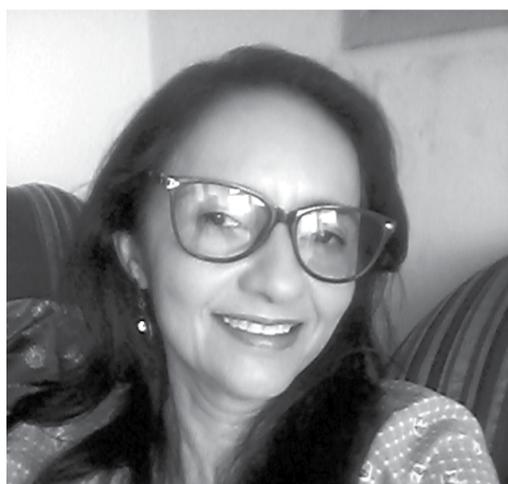
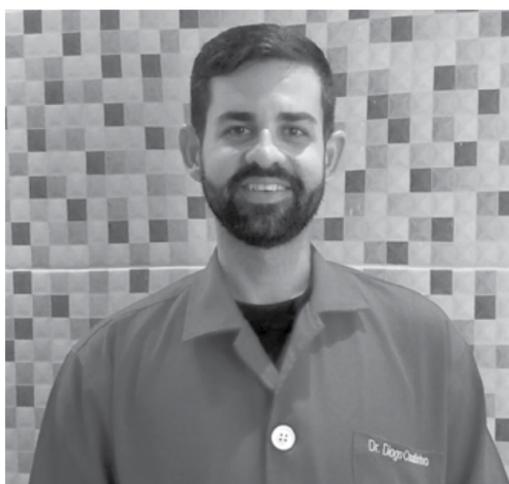
Já a psicóloga clínica Sônia Maria da Silva, especializada em Saúde da Família e que atua numa área mais carente lá em Cabedelo, observa que os idosos são muito cobrados pela família e isso se constitui numa das razões porque procuram atendimento psicológico nos serviços públicos de saúde. “Os idosos ficam muito ansiosos por não resolver os problemas da família. Também tem a questão do conflito de gerações, porque os idosos estão acostumados com a vivência deles e com costumes e valores de uma

outra época. Como ele convive com netos e filhos, de uma outra realidade, acontecem os conflitos”, esclarece.

Além disso, segundo explica a psicóloga, os idosos tentam suprir todas as necessidades da família, com aquele ganho básico que eles têm, e não conseguem, porque convivem com familiares, em sua maioria, desempregados. “Eles se sentem responsáveis pela situação e têm ansiedade e muita insônia. A maioria dos idosos toma remédios psicotrópicos e procura muito a assistência para isso. E quando conversam conosco se queixam muito sobre a questão de como lidar com os familiares nessa nova época que a gente vive, com os jovens mais livres e onde existe muita desobediência e desrespeito aos mais velhos. Na verdade, eles ficam sem saber o que fazer diante dessa situação”, observa.

Já com relação à procura aos consultórios, Sônia Silva revela que tem aumentado significativamente nos tempos atuais, por conta dos idosos que estão procurando viver de forma mais saudável.

“A gente estimula para que eles procurem grupos, que pratiquem atividades físicas e que procurem o psicoterapeuta para conversar, desabafar, assimilar e não ficar refém dos problemas. Muitos procuram se cuidar e se engajam em programas para a prática de atividades físicas buscando mais saúde. Quem procura mais os consultórios, entre os idosos, são as mulheres. Os homens não gostam de mostrar o lado frágil das doenças”, complementa.



Diogo trabalha com fisioterapia para ajudar pessoas idosas; Sônia estimula atividades em grupos entre os pacientes do seu consultório

Namorar, beijar, fazer sexo... não há idade para sentir prazer

Preconceito impede que os idosos vivam a sexualidade de forma natural. Mas há quem desafie os tabus

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Há alguns mitos que perseguem o estilo de vida das pessoas da terceira idade e a questão da sexualidade é um deles. Os idosos ficam inibidos em manter uma vida sexual ativa devido às regras que muitas vezes são impostas. Mas a ideia de que após os 60 anos as pessoas ficam "assexuadas", é mentira, além de ser preconceituosa. Apesar das dificuldades e do corpo não acompanhar a mente, Manoel Francisco, de 82 anos, contou que sente vontade de namorar e fala com bom humor das vezes em que saiu do asilo onde mora para ir até um prostíbulo, ou quando foi pego quebrando outras regras, como ir para o quarto de outra idosa do abrigo.

Seu Mané, como é conhecido, conta com orgulho e até sem modéstia que é o galã da Vila Vicentina. "Uma, duas, três, quatro com Ana Maria", comentou, sobre as mulheres que "dão em cima" dele. Apesar de parecer apenas histórias, os funcionários do asilo garantem: "Seu Mané dá trabalho, ele é namorado", disse o vice-diretor da Vila, José Arimateia.

Mas há dois anos Manoel parou de fazer sexo, contra a sua vontade, por questões de saúde. Em uma das vezes em que saiu em busca de ter relações sexuais, precisou ser socorrido. "O médico já tinha me dito que eu não podia tomar esses comprimidos, que acabam com a gente, com os nervos. Eu ia me acabando mesmo, a pressão foi lá pra cima", conta.

Após sair sem se alimentar, esquecendo de tomar seu remédio para o coração e tomando um comprimido de Viagra, Manoel conta que começou a se sentir mal após a relação sexual que, segundo ele, necessitou de muito esforço. "Eu fui para o hotel namorar uma dona. Fiquei muito tempo 'mais' a dona. Ela pediu pra demorar mais. Eu disse: 'não, minha filha'. Fui embora, mas dentro do ônibus vinha me dando aquela agonia, eu desci e deu aquele negócio ruim, aquele calor. Eu cheguei na menina que trabalha aqui, que perguntou o que estava acontecendo. E eu, com vergonha de contar, porque eu gosto de respeitar. Aí ela disse: 'Ah, já sei, Mané foi pras quebradas'. A pressão estava lá em cima, me deram um remédio e disseram para eu não ir mais. De lá pra cá, eu não fui mais, não. Às vezes, tenho vontade de ir, mas eu já estou velho, tenho que me acanhar."

Entre as suas fugidas para namorar, ele já foi pego no flagra dentro do quarto de outra moradora do asilo. "Eu já estava em cima da cama, Maria Alice chegou e pegou a gente." Maria Alice, de 89 anos, é responsável pela ala feminina do asilo. Na opinião dela, tudo tem limites, inclusive o sexo na terceira idade. "A essa altura, a pessoa está com tudo 'engembrado', eu

não vejo futuro."

Apesar de parecer que Seu Mané "só pensa naquilo", ele também é um homem romântico e, entre trancos e barrancos, nutre um amor por Ana Maria, de 64 anos. Ele conta que com ela é diferente, um namoro de respeito. "Não tem idade para o amor. Eu gosto dele e ele gosta de mim. Não é de sexo, é de beijo, carinho, e beijo na boca é muito bom", contou Ana Maria, enquanto levantava o braço pedindo que Manoel se aproximasse. Ele deu um beijo em sua bochecha, mas ela insistiu "na boca, Mané."

Envelhecimento não significa incapacidade funcional ou ausência de sexo, afirma o terapeuta Deusdedit de Lima.

"A sexualidade é um processo natural que se inicia com o nascimento e termina com a morte"



Manoel e Ana Maria vivem um romance há anos, apesar das "puladas de cerca" do namorado

“ O tempo não dessexualiza a pessoa idosa, uma vez que a sexualidade está presente em todas as fases da vida ”

Deusdedit de Lima



Foto: Divulgação

+ "Assunto deve ser tratado com normalidade"

Ana Maria teve um AVC e perdeu o movimento do lado esquerdo do seu corpo. Ela tem dificuldade em falar e Manoel em ouvir, mas parece que nada impede o romance dos dois, nem mesmo as "puladas de cerca". "Ele já me traiu, mas meu beijo é doce e ele sempre volta para mim."

Os namoros e casamentos não são incentivados dentro do abrigo. O vice-diretor da Vila Vicentina explicou que as uniões que aconteceram no asilo não deram certo, causando alguns transtornos, o que fez a direção tomar algumas providências. "Quando eu cheguei aqui, havia três casamentos. O primeiro se desfez porque ele morreu e ela ficou muito triste, entrou em depressão e desistiu de viver. O outro acabou por ciúmes, teve até briga e tivemos que chamar os familiares. E um deles simplesmente deixou-a ele foi embora. Então agora é cada um em seu lugar", explica.

De acordo com o psicólogo clínico, terapeuta sexual e educador sexual, Deusdedit de Lima, o envelhecimento não significa incapacidade funcional, dependência ou ausência de sexo. "A sexualidade é um processo natural que se

inicia com o nascimento e termina com a morte. É uma necessidade fisiológica e emocional do indivíduo e que se manifesta de forma diferenciada nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Visa o prazer, a gratificação, o bem-estar, a autoestima e a busca de uma relação íntima com outra pessoa. O tempo não dessexualiza a pessoa idosa, uma vez que a sexualidade está presente em todas as fases da vida," garante.

O terapeuta sexual explicou que os tabus e preconceitos fazem com que os idosos não exerçam a sua vida de forma integral. "O assunto deve ser tratado com normalidade. Fala-se muito da questão de uma falsa assexualidade da pessoa idosa, como se a sexualidade fosse uma coisa exclusiva para pessoas mais jovens, isso é preconceito, não é verdade. As alterações fisiológicas do envelhecimento, preceitos religiosos, opressões familiares e aspectos individuais fortalecem esse estigma social."

As limitações no corpo acontecem, porém, há alternativas que ajudam a contornar. "Com o passar dos anos, as mudanças no corpo podem intervir no aspecto

sexual, social e psicológico da pessoa idosa. Por isso, é preciso entender as transformações que fazem parte do processo de envelhecimento, como a diminuição natural na resposta aos estímulos sexuais. Nos homens, reduz a produção de espermatozoides e testosterona após os 40 anos. Nas mulheres, existe a redução de hormônios durante a menopausa e depois ocorre ressecamento vaginal onde a mulher, para seu melhor conforto, necessita usar lubrificante artificial", ressaltou Deusdedit.

Além disso, o terapeuta enfatizou que a sexualidade não se expressa apenas pelo ato sexual e que tudo pode ser adaptado. "Tem as carícias, toques, abraços, beijos. O sexo nem sempre significa penetração, é preciso separar a genitalidade da sexualidade. À medida que o corpo não responde mais ao desejo, as adaptações sexuais se tornam necessárias e ajudam na expressão da sexualidade em idoso. Portanto, a sexualidade pode ser compreendida como uma atividade que contribui positivamente para a qualidade de vida da pessoa idosa."